

Revelado depois do desmantelamento na África do Sul
Rede de contrabando apoiava a Renamo

Pág. 11

Diário de Lisboa

ANO 64 N.º 21 711
Março 1985
Segunda-feira

30\$00

Fundador Joaquim Manso

Director A. Ruella Ramos

Director-adjunto Fernando Pitelra Santos

18

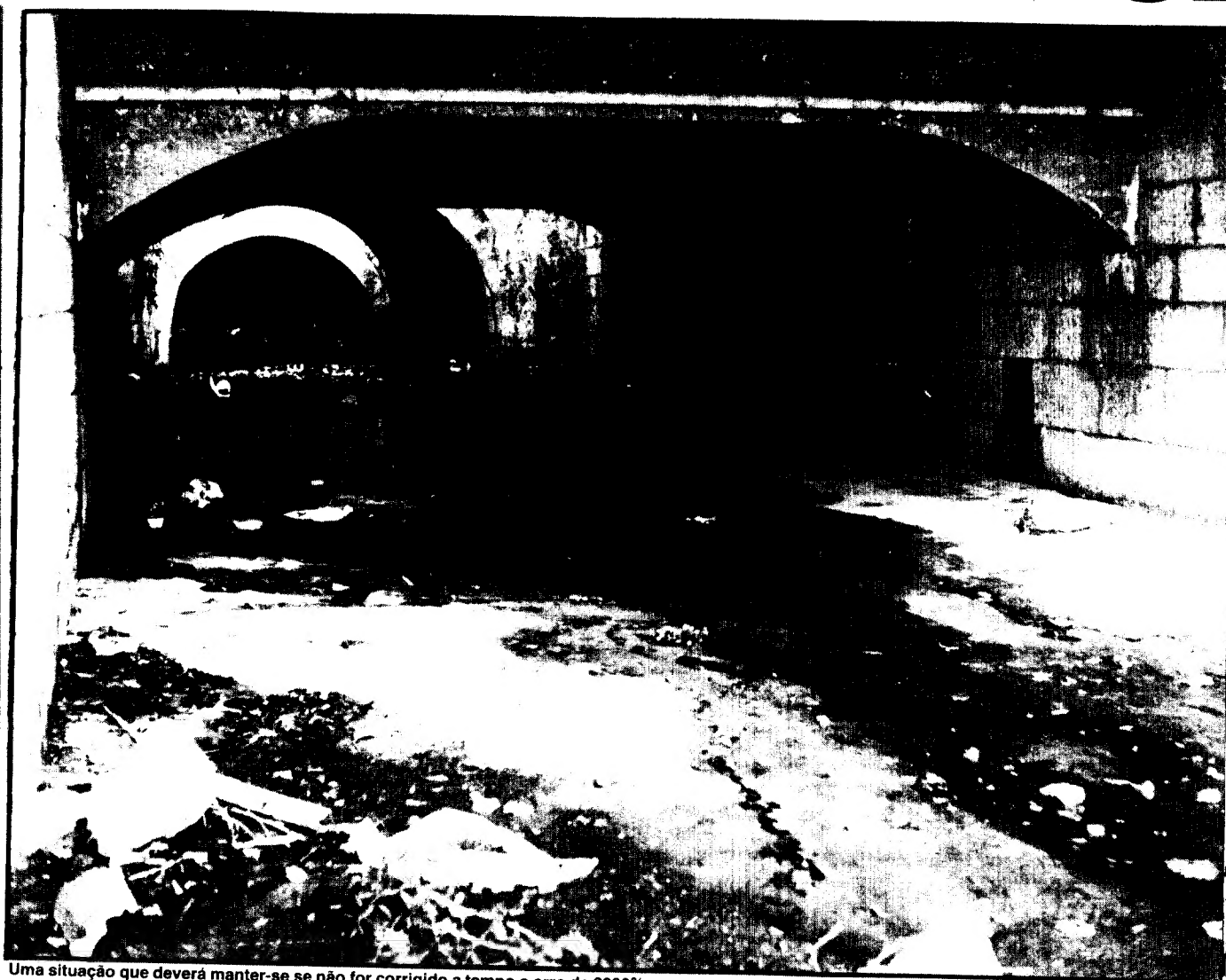
CORRUPÇÃO NO CRÉDITO

Alto quadro da CGD apanhado em flagrante

■ Detido
tinha
600 contos
no bolso
recebidos
a título de
pagamento
de "luvas"

Um alto funcionário da Caixa Geral de Depósitos foi detido a meio da semana passada pela Polícia Judiciária, em flagrante delito de corrupção por recebimento de «luvas» com vista a facilitar créditos. A prisão, já confirmada pelo Tribunal de Instrução Criminal, ocorreu após denúncia de um colega do detido à Alta-Autoridade Contra a Corrupção, que depois passou a investigação aos especialistas da P.J. Particularmente envolvidas neste processo estão diversas empresas do Algarve, mas também o dono de um restaurante de Santa Iria da Azoia, já conhecido das autoridades judiciais.

Pág. 7



Uma situação que deverá manter-se se não for corrigido a tempo o erro de 2000% no modelo matemático

Detritos continuarão a poluir o Tejo

Erro de 2000% impede tratamento completo dos esgotos de Lisboa

O sistema de tratamento de esgotos de Lisboa encontra-se comprometido em consequência de um erro de 2000% no modelo matemático que presidiu à elaboração do caderno de encargos. A limpeza do estuário do Tejo está também seriamente comprometida.

Pág. 9



**Pneumonia
encontra-se
debelada**
**Tancredo
Neves
está a
recuperar**

*Apesar de ligeira recuperação
da esquerda*

**Direita obtém
maioria
nas cantonais
francesas**

Pág. 11

**GARANTIMOS
RAPIDEZ E
EFICIÊNCIA**

CLÍNICA DE TELEVISÃO A CORES

**SOS
CTC**

OS PROFISSIONAIS DO
SOM, TELEVISÃO E DO VÍDEO

**A
MELHOR
ASSISTÊNCIA
TÉCNICA
AO SEU
TELEVISOR
E VÍDEO**

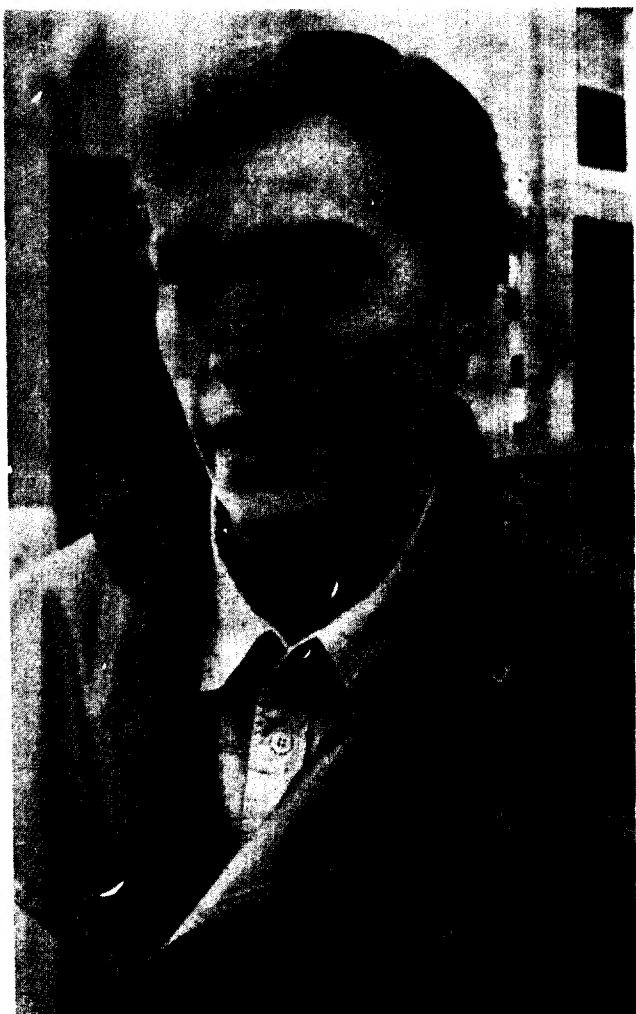
ESTACÃO DE SERVIÇO
PERMANENTE

☎ 88 27 86
89 98 26

18 ANOS AO SERVIÇO DA ELECTRÓNICA • SONORIZAÇÕES PARA TODOS OS FINS

AV. S. JOÃO DE DEUS, 13-B • R. DE MACAU, 8, 1.º — LISBOA

Se os jovens pudessem...



José António, 20 anos, estudante

“Nunca houve tanta liberdade”

- O que estuda?
- Jornalismo.
- Porque escolheu esse curso?
- Por um lado foi para fugir à matemática, por outro passei a gostar porque apanhei um professor extraordinário que me fez interessar por este tipo de coisas.
- Como é o ensino de jornalismo nos liceus?
- Dá para aprender, ou pelo menos tenho aprendido bastante, apesar de só haver duas horas semanais, o que é muito pouco. Se foi a opção que fizemos é porque estamos interessados pelo assunto.
- Como está a Comunicação Social portuguesa?
- Está a melhorar.
- Em que é que nota melhoras?
- Julgo que está a tentar ficar mais moderna, no sentido de se preocupar mais com a juventude.
- A Comunicação Social é apoiada pelo Estado?
- Julgo que sim, mas não tanto como devia. Por exemplo, a televisão devia deixar de ter só dois canais, para que outras entidades interessadas pudessem participar e ajudar a melhorar o seu nível. Devia também haver uma melhor formação jornalística, porque apesar de existirem bons jornalistas vêem-se coisas incríveis nos jornais, e revistas sem pés nem cabeça.
- A Comunicação Social é controlada pelo Estado?
- Penso que sim.
- De que forma?
- Por exemplo, o facto da televisão pertencer ao Estado, estar nacionalizada, é uma forma deles meterem lá apenas o que querem. E também pela falta de apoios, que obriga a uma certa dependência por parte dos jornais, para que não lhes cortem os subsídios.
- Como está o País?
- Para mim nunca esteve tão bem como agora está, porque apesar da crise nunca houve tanta liberdade, e não falta nada a ninguém, toda a gente tem, por exemplo, uma televisão. Por outro lado acho que está um caos, com tanta ladroagem e terrorismo. Acho que deviam tentar acabar com esses problemas, o que era possível aumentando os postos de trabalho. Há tantos produtos nacionais que são transformados no estrangeiro, barragens para construir, estradas para arranjar... isto para só falar de algumas soluções.
- Depois de falar de terrorismo e desemprego, como é que pode afirmar que o País está bem?
- Não está, mas apesar disso há liberdade.
- A liberdade é fundamental?
- Julgo que sim.
- Se pudesse governar o que começava por mudar?
- Começava por um apoio maciço ao ensino, a todos os níveis: apoio financeiro (e não apóiozinho, como se faz), criação de novas escolas, de novos cursos.

a palavra com...

DARIO NOBRE

O Governo, a coligação e a passividade do Presidente

PORTUGAL tem oito séculos de existência e uma História feita pelo Povo, cheia de brilhantismo e valor, quando demos novos mundos ao Mundo e desenvolvemos a civilização e aproximamos as populações, mas, menos feliz, quando se desviou pela exploração colonial, e depois do advento de liberdade e democracia com a República, viu cair a escuridão da longa noite fascista de 48 anos — até que na madrugada radiosa do 25 DE ABRIL, os militares vieram dar-nos a todos a felicidade e a saúde no corpo e no espírito, partindo as grilhetas das prisões e transformando, com o Povo, finalmente, em luz do Dia com o fim da opressão, no estabelecimento definitivo da LIBERDADE em Portugal.

Estas verdades incontestáveis devem ser ditas para se comparar todo o percurso nestes quase 11 anos desde 1974.

Debrucemo-nos sobre o momento político actual, esquecendo, por agora, a catadupa de erros cometidos, não pelo Povo ou trabalhadores, mas por alguns militares e por certas classes políticas, que demagogicamente, cativam votos para realizarem os seus desejos, confusáveis ou não, pondo em sérios riscos a LIBERDADE alcançada com cravos e não com tiros, e a Independência Nacional. O resultado está à vista com este Governo e a coligação que o sustenta.

Em Abril de 1983 adivinhava-se que nenhum dos partidos PS e PSD obtivessem a maioria absoluta, porque o PS vinha a perder votos desde 1976, tanto para legislativas como autárquicas atingindo menos 1 milhão de votantes, e o PSD era o responsável da AD e do projecto idealizado por Sá Carneiro mas que não teve nem tem ninguém à altura de o prosseguir — sem embargo a «sua» Social-Democracia não poder aplicar-se neste país carecido de uma indústria, agricultura e economia desenvolvidas aos níveis das sociais-democracias europeias.

O que sucedeu foi o PS mascarar-se de adversário da AD, antes e durante a campanha eleitoral, apresentar as «100 medidas para 100 dias» e, depois, cair nos braços do PPD/PSD sem garantias de reciprocidade e maturidade política, após o desaparecimento do seu «líder» carismático.

Já passaram 20 meses, e são os portugueses em geral, e a classe trabalhadora em particular, que sentem o que se passou e teme o que se projecta de imediato, como, as leis das rendas de casa, do Trabalho e liberali-

zação dos despedimentos, da Segurança Interna com a perda de liberdade e da privacidade dos cidadãos, Revisão da Lei Eleitoral, da Lei de Bases da Reforma Agrária para ressuscitar o latifúndio já em marcha, do estrangulamento financeiro do SEE e das EP's, com as (des)nacionalizações pela abertura à iniciativa privada nacional e internacional (Bancos) ou encerramento (CTM/CNN) — e do agravamento da situação económica, do desemprego, dos salários em atraso, da fome e da miséria nas classes desprotegidas, da terceira idade, reformados e pensionistas, na Juventude e nas crianças!

Nesta coluna, aconselhei o sec. geral do PS a ler o livro «Portugal Amordaçado» e ver se reconhecia o autor. Hoje, lembro-o e aos s/acólitos, o ponto 2 da «Declaração de Princípios do Partido Socialista», de 1973:

— «O Partido Socialista tem por objectivo a edificação em Portugal de uma sociedade sem classes, em que os trabalhadores serão produtores associados, o poder expressão da vontade popular, e a cultura obra da capacidade criadora de todos; entende o Partido Socialista que essa finalidade, implicando uma nova concepção de vida, só pode ser alcançada mediante a construção do poder dos trabalhadores, no quadro da colectivização dos meios de produção e distribuição e do planeamento económico com pluralidade de iniciativas. Sem excluir o que a democracia burguesa trouxe de progressivo — legado que a burguesia hoje renega — o Partido Socialista luta pela edificação de uma nova sociedade que não tenha como fundamento o salarismo e o lucro, a alienação do trabalho ou da consciência, o império das categorias mercantis e das relações jurídicas coercitivas, a exploração e a manipulação do homem pelo homem» (sic)

E, já agora, releiam os pontos 5, 6, 7, 8 e 9, e comparem com o PS «versus» 1983/85. O ainda responsável do PPD/PSD, vice-1.º ministro e Min. da Defesa, contrariando, declara que há três «ameaças», a saber:

- ameaça do totalitarismo do PCP;
 - ameaça do Soarismo, na PR;
 - ameaça do Eanismo;
- Quanto à primeira, é interessante ver a prática do dirigente

do Governo Regional da Madeira, contra a população que o adula e a favor da facção mais conservadora da Igreja Católica, e o controlo, a manipulação e o silenciamento da comunicação social naquela Região Autónoma.

Em contraste da reconhecida democracia do PCP, assente nas bases com a discussão de todas as decisões e alternativas políticas, está, isso sim, o totalitarismo do PPD/PSD que, dilatar-se-ia ao Governo Central se alguma vez estivesse sozinho, com a Assembleia da República a dizer «amen» como hoje faz «a maior maioria» em relação ao Governo PS/PSD.

(Atentemos no «potencial» candidato à Presidência da República, numa perspectiva absurda de actuais quadros dirigentes do seu Partido Social Democrata).

Quanto à segunda «ameaça», a do Soarismo, já manifestámos opinião sobre tal personagem, nas 5 cartas abertas publicadas pelo «DL» desde 1976 a 1985, destacando, na questão concreta, a de 3 de Janeiro último.

No respeitante à do Eanismo, algo temos a dizer, alertar e sugerir:

O general Ramalho Eanes esteve no 25 DE ABRIL e despoletou o 25 de Novembro, posições que, sendo politicamente antagónicas pela inversão do destino de sociedade para que o MFA apontava, deixa de o ser quando, analisada a actuação e comportamento do Presidente da República desde há 10 anos, e Presidente do Conselho da Revolução na sua existência, pelo respeito da CONSTITUIÇÃO de 1976 e da actual, mesmo com os poderes amplamente reduzidos.

Não pode esquecer-se a forma como o Presidente apoia e incentiva o Poder Local e a crítica contundente que fez aos actuais governantes na mensagem de Ano Novo, e as reacções surgidas da parte do Governo, como o hipócrita conselho que o demitisse...

É o seu ideal democrático e de abertura a todas as opiniões que se expressam pelos votos que preocupa o responsável do PPD/PSD, pois pode inferir-se de várias declarações e entrevistas de Eanes o seu desacordo na marginalização feita ao Partido Comunista Português e APU — não se atendendo às suas análises e ao mais de 1 milhão de votos populares que se juntam com outros democratas em manifestações de massas como a que se efectivará no próximo sábado, dia 16, em Lisboa, Porto, Coimbra e todo o País.

E, se o recém-constituído partido PRD vier a seguir o projecto

Eanista e se valorizar com a liderança de Eanes — então já poderá entender-se ainda melhor a «ameaça» que tira o sono a Rui Machete!

Isto porque, se atendermos aos resultados eleitorais de 1983, e admitindo como inevitáveis as eleições antecipadas, será no PS e no PSD onde se reflectirão os votos que o PRD venha a alcançar, se, logicamente, vier a concorrer, dado que, quanto a nós, o CDS como o PCP subirão, em percentagem, cerca de 1 e 2,5, respectivamente.

Mas, atenção, porque a nossa jovem Democracia tem estado a ser vítima disso mesmo, e os partidos que têm tido o poder exploram a sua «inocência», pelo que é imperioso uma definição clara e sem ambiguidades no programa e nos dirigentes do PRD — que não terá credibilidade e apoio popular se Ramalho Eanes não se lhe identificar partidariamente, se se atender a algumas declarações depois de Tróia, vindas dos dirigentes provisórios e, portanto, da maior importância para a opinião pública.

Para nós, em vez de ameaça, Ramalho Eanes é a esperança, porque:

— E quem pode dissolver o parlamento e convocar eleições antecipadas com os dados que possui sobre a situação económica, política, social, corrupção e apego ao poder dos actuais governantes, que não visam melhorar as condições do País e dos portugueses, mas, sim, promoverem-se e aos partidos, com contradições dos dois responsáveis porque, quando o 1.º Ministro afirma que o Governo vai até 1987, o vice previne as distrais do PSD para eleições mais cedo do que muitos pensam e para tal se prepararem;

— É o garante da Constituição e do que resta da nossa Independência Nacional como Presidente, como cidadão e /ou dirigente político, e, neste caso, a sua actuação futura tem de ser na defesa da Democracia e da Liberdade alcançadas com o 25 DE ABRIL;

— A passividade do Presidente da República não pode manter-se muito mais tempo e, se concluir que, como última hipótese, a interrupção do mandato poderá clarificar o espectro político-partidário, após a dissolução da Assembleia, oferecendo ao POVO outra opção e outro projecto político — então reflicta, Senhor Presidente, e lute para salvar a DEMOCRACIA e a LIBERDADE neste País e ajude-o a ultrapassar a maior crise de tantas por que já passou, na sua longa vida, e teve sempre o POVO como vencedor.

tem a palavra o leitor

O seu a seu dono

Moro em Alvalade. Sou relativamente jovem. Casada. Dois filhos em idade pré-escolar. O Campo Grande, a dois passos de minha casa — um modesto três assoalhadas — representa para nós, sobretudo para as crianças, um pouco de ar puro, exercício, expansão. Talvez a edilidade tenha compreendido isto há muito pouco tempo, ao traçar uma passagem subterrânea que o liga ao nosso grande e populoso bairro.

Esta passagem, eu diria mesmo que é vital — se atendermos ao perigo que representa, sobretudo em horas de ponta, atravessar aquele infernal corredor de veículos celeres, a dirigirem-se turiosamente para as bocas da cidade. Eu não sou um exemplo de virtudes. Tão-pouco tenho qualquer ideia formada contra a homossexualidade — desde que assumida e vivida com coragem e dignidade. Mas considero-me uma boa mãe. E, entre expor os meus filhos ao espectáculo degradante daquela passagem escura, exalando cheiros asfíaxiantes e repleta de vultos sinistros que se amontoam contra as paredes, ou expô-los ao perigo de atravessar a estrada, eu prefiro ainda este último e assim tenho feito. E não só eu. E notório que as pessoas de-

centes (sem aspas) não utilizam a passagem subterrânea.

Fala-se agora muito na construção de passagens aéreas para peões sobre os grandes eixos da cidade, a fim de evitar mais mortes. Assim, deixo aqui uma tripla sugestão:

1.º Aos utentes silenciosos que transformam a passagem subterrânea em urinol (?), recomendo que vão fazer a «mesma coisa» para uma passagem aérea — há uma muito bonita em Sacavém...

2.º As autoridades competentes, que de uma vez por todas limpem e iluminem a passagem subterrânea do Campo Grande

à Av. da Igreja e acabem com este escândalo!

3.º Aos jovens de bom carácter, e antes que venham a ser traumatizados por algum encontro menos feliz, que se acautelem e... atravessem com muito cuidado por entre os automóveis.

Mas, se algum dia quiserem prestar a Comunidade um serviço útil, aqui fica uma sugestão extra: formem um grande grupo, munam-se de lanternas e... corram com eles!

Maria Margarida Freitas
Alvalade — Lisboa



política de A a Z

As lentidões táticas e clarificação estratégica

COM lentidão intencional, programada, o «canismo» transitou de sentimento difuso de confiança e de admiração polarizado em torno de um homem, em «movimento nacional» para a constituição de um «partido político». E, agora, já «partido», com nome, ao que se supõe definitivo, e com dirigentes designados a título provisório, vai recolher as assinaturas legalmente necessárias e fazer a sua inscrição no Supremo Tribunal de Justiça. Anunciou, também, a abertura da sede nacional em Lisboa.

Percorridas as etapas da constituição está o Partido Renovador Democrático numa fase difícil: enfrenta as naturais dificuldades de arranque, suporta a observação crítica de outras formações partidárias, sofre pressões directas e indirectas.

Não faltará quem pretenda fazer crer que no seio do novo partido se geram tensões, se criam rivalidades, proliferam despiques e despeitos. Insinua-se que nem tudo corre bem entre os mais activos organizadores e o mais citado inspirador; diz-se que nem sempre a palavra do alto chega aos executores e às bases, a tempo, e clara, e calorosa; afirma-se que o fluxo das adesões não é torrencial; e, acima de tudo, especula-se com desinteligência tática e estratégica entre esta iniciativa que Hermínio Martinho sem a personificar e a iniciativa de uma candidatura presidencial personificada mas emergindo da matriz do «canismo».

Este problema político — o da separação entre a «iniciativa da constituição do partido», e a movimentação de apoio à «candidatura» de alguém que aparece como ligado a Eanes — não vem contribuir para a clarificação da actual política portuguesa. Paradoxalmente, o empenhamento na candidatura implica reserva em relação ao partido, e vice-versa. Não sabe o «partido» — ou quem ao partido deseje aderir sem acesso a segredos de bastidores — qual o terreno político da «candidatura»; e a «candidatura» não sabe — é o que da opinião pública se deduz — qual é o candidato do «partido».

Recordemos que quando do lançamento do «Movimento de Aprofundamento da Democracia» (MAD), se deixou entender que a assinatura que faltava na relação tornada pública era, seria, a do general Ramalho Eanes. Dispensemo-nos a descrição analítica dos sucessos. Presentemente, o MAD vai buscar um militar de Abril para coordenar a sua actividade nacional e conserva a sua vocação de movimento cívico aberto (não partidário), mas é patente, quanto às pessoas e aos actos, que está mais perto da candidatura da engenheira Maria de Lourdes Pintasilgo do que do partido que querem oferecer ao ge-

neral António Ramalho Eanes ou que este terá querido oferecer-nos.

Esta circunstância, de lusitana originalidade e de manifesta ambiguidade, está sendo aproveitada pelos dirigentes políticos do «situacionismo» e pelos seus arautos, comentadores e servidores. Não querem a **mudança**. Não querem a **renovação** (democrática). Querem o **sistema**, querem um **candidato do sistema**, civil porque é mais europeu, militar porque poderá ser mais seguro. De resto, um **sistema** implica uma **continuidade sistémica**, e um militar é a continuidade. E tem já — se o escolhido for o general Firmino Miguel — o voto europeu do maire de Paris.

A situação política, a este nível, poderá ser pitoresca, mas no seu pitoresco reflecte uma crise profunda: a da «classe política» e a dos políticos — que abraçando a política ou a contestando — criticam a «classe política» e reproduzem um comportamento artificioso e obscuro.

Uma **política de mudança**, adopte ela a designação de «renovação democrática», terá que ser clara para adquirir consciente apoio popular. No que concerne o partido, o PRD, o discurso político terá que ganhar força e clareza. O PRD não pode estar à espera de ver como reagem certos «socialistas» (mais ou menos puros), certos «socialistas» (mais ou menos desiludidos). E em relação à «candidatura» — se o PRD entende que a não deve apoiar —, não será em Julho, quando um Firmino (com a estranhíssima bênção de Chirac) estiver na praça e Mário Soares tenha assumido o «sacrifício» que o PS lhe imporá, o momento de vir negar um apoio, ou de, com frontalidade, desfazer o que terá sido um equívoco.

O respeito que devemos a Maria de Lourdes Pintasilgo exige, a curto prazo, o claro esclarecimento da posição do PRD. Para muitos cidadãos deste país a questão é importante e é urgente. A «Esquerda» — e não se poderá eleger um candidato defensor da Constituição, da autenticidade e do aprofundamento democráticos sem assegurar a convergência dos votos da «Esquerda» —, não pode convergir na ambiguidade, na obscuridade, na indefinição.

O «cerco» no interior do PS, ou a «oposição» no seio da «coligação» a uma candidatura de Mário Soares abriu já o caminho para as negociações relativas a um candidato militar. É possível que o general Firmino Miguel não sirva. É possível que se procure um militar com outro perfil. Mas, o que se prepara é, mais palavra menos palavra, um candidato único da «revisão constitucional» e da «restauração».

E, no plano parlamentar, a subordinação de um Partido Socialista — republicano, jacobino — a um Partido Social-Democrata conduzido por liberais conservadores. Liberais até um dia... claro está.

E o PRD — no mar agitado — navega para cumprir o calendário. Lenta, lentamente.

ponto a ponto

MÁRIO Soares deslocou-se ontem às cidades de Mariano e Ouro Preto, no Estado de Minas Gerais, onde visitou museus de arte e igrejas ligadas à presença portuguesa nesta região do Brasil. Hoje, Soares viaja até Cangonhas do Campo, expressamente para admirar as obras do célebre pintor e escultor brasileiro Aleijadinho, que integram um conjunto de sete capelas. Antes da partida de Belo Horizonte para Cangonhas, o Primeiro-Ministro de Portugal visita o Centro da Comunidade Luso-Brasileira de Belo Horizonte. Às 19.30, Soares embarca de regresso a Lisboa.



A secretária de Estado da Emigração e das Comunidades, **Manuela Aguiar**, visita oficialmente a Madeira de 22 a 24 de Março, informaram fontes oficiais. A deslocação ficou decidida no decorrer de um encontro que Manuela Aguiar teve em Lisboa com o secretário regional madeirense do Turismo e Cultura, João Carlos Abreu. A secretária de Estado da Emigração e Comunidades reunirá com o presidente do Governo, os secretários regionais da Educação e do Turismo e Cultura e ainda com o coordenador do Centro do Emigrante da Madeira.

A Juventude Monárquica insurgiu-se contra as «manobras de pretensos ex-dirigente e militante do PPM que visam o desprestígio do ideal monárquico, pretendendo assim atingir a legitimidade da direcção política do partido». O directório nacional da Juventude Monárquica apela, em comunicado, a um maior empenhamento dos seus filiados «em resposta às tentativas cisionistas e na defesa da linha programática do PPM».

O presidente angolano **José Eduardo dos Santos** empossou os novos embaixadores de Angola em Portugal, Itália, Holanda, Bélgica e Comunidade Económica Europeia. Os novos embaixadores são Manette João Baptista (Portugal), Gaspar dos Santos Cardoso (Itália) e Noémia Gabriela de Almeida Távira (Holanda, Bélgica e CEE).



O ministro dos Negócios Estrangeiros, **Jaime Gama**, aproveitou sábado uma escala em Madrid, na sua viagem para o México, para visitar uma livraria espanhola onde estão expostos livros portugueses. Jaime Gama partiu sábado de manhã para a Cidade do México, onde estará em visita oficial até ao dia 21, para incrementar as relações bilaterais e abordar questões internacionais, como a situação na América Latina. Gama poderá voltar a Madrid, em Maio, para participar num colóquio sobre as relações entre Portugal e Espanha, organizado pela Fundação Paulo Iglesias.



NUMA reunião de autarcas socialistas da Guarda foi proposta a candidatura de Rosado Correia à Câmara Municipal do Porto e a recandidatura de Abílio Curto à do município da Guarda. No encontro, foram rejeitados «os ataques políticos» contra o ex-ministro do Equipamento Social, Rosado Correia, considerado «vítima das forças políticas, que embora apregoando o desenvolvimento nacional são as que mais o têm obstruído, e são também as responsáveis da confusão e agitação política, como é o PPD/PSD».

Morrer pobre

Vasco da Gama Fernandes

1. Conheci a vida, os sacrifícios e a valentia de muitos homens que fizeram a República. Morreram todos pobres.

A política fez-se para se perder, na expressão magistral de Bernardino Machado, esse sim com fortuna que desbaratou, particularmente, nos seus longos exílios.

Um outro chamado Afonso Costa deixou, quanto sei, uns terrenos na sua terra natal de valor reduzido e um «chalet» a quem os reaccionários apelidaram de palácio asiático.

Mais tarde, outros ainda como Jaime Cortesão, António Sérgio, Mário de Azevedo Gomes e Raul Proença legaram simplesmente os bens espirituais da sua obra. O dinheiro, a pecúnia, o enriquecimento nunca fizeram parte do seu dicionário de civismo exemplar. Todos pobres.

E para ser justo, e sem indicar nomes, posso acrescentar que os Republicanos neste país além da conduta vertical das suas consciências ou deixaram à família a miséria, as dívidas ou os compromissos para saldar.

Vem isto a propósito do que hoje se passa entre nós nesta balbúrdia de interesses, de cor-

rupções e de ilegalidades a par das deselegâncias como aquela que pôs os deputados de pé para aprovação das suas mensuralidades e gratificações.

A República em Portugal foi cimentada pela pobreza, pela renúncia e pelo desapego às coisas materiais da vida.

Trabalharam, acertaram, praticaram erros, mas nunca meteram a mão no erário público ou nos bolsos dos companheiros.

Durante a ditadura estive na cadeia com muitos deles, outros na deportação e outros ainda nos exílios.

A par disso, e já como advogado, senti na minha carne o sofrimento dos prisioneiros, as agruras dos lares desfeitos e a indigência das frustrações.

Mas em nenhum deles senti sequer propósitos de claudicação, agarrados às suas convicções como os crustáceos se agarram às penedias, batidos pelas tempestades. Firmes e honrados.

Tenho recordações que constituem um património sem preço: as rendas de casa por pagar, as crianças agarradas à mãe desvalida e estas companheiras com suprema elegância nas



Bernardino Machado

duras privações da adversidade.

2. Não há dúvida que Bernardino Machado tinha razão. A política não é uma profissão mas sim uma vocação prosélita. Tudo conduz à vida penosa de mulheres de famílias cujos chefes nunca ganharam nada com a política, arrastando dentro do país e fora dele as condenações à morte civil e as condenações à morte lenta dos que nada tinham de seu.

Quero englobar nesta maravilhosa gesta, todos os homens e

mulheres que durante cerca de 50 anos jamais leilaram a consciência, antes a ergueram à contemplação dos vindouros. E nesses homens e mulheres estão os que se exilaram dentro da própria pátria ou morreram nas misérias do Tarrafal, de Peniche, dos calabouços da pida.

Tanto assim é que podemos procurar, como agulha num palheiro, os casos infamantes das traições ou compromissos morais que aviltam.

Por estas razões ainda quero afirmar que os homens que fizeram o 25 de Abril merecem a nossa consideração e respeito mas podem orgulhar-se como nós que receberam uma herança que procuram honrar e têm sabido honrar.

Nessa herança, por vezes dramática, estão os que souberam morrer sem praticar nem a reserva mental nem um único acto de indignidade.

Não é pois injustiça convencemo-nos que foi precisamente esse exemplo que constitui o melhor que se poderia legar às gerações que sobrem para a vida e que hoje lutam, em actualizações crescentes de adaptação honesta às exigências da sociedade injusta, trazendo nas suas veias o mesmo sangue e o

mesmo cérebro dos varões de Plutarco contra os quais nada podem os condes de Abranhos para quem os ordenados, segundo eles mal lhe chegam para pagar o almoço de cada dia.

Durante a campanha presidencial do Almirante Quintão Meireles — uma das campanhas mais veementes contra a plutocracia salazarenta — organizámos um comício no Areeiro.

O orador de fundo foi o Engenheiro Cunha Leal.

Em certa altura o antigo presidente do Ministério, e sempre meu saudoso amigo, entrou em «suspense» e atirou com esta, mais coisa menos coisa:

«Estou a vê-lo! A minha frente todo nu, ligeiramente curvado, olhando o infinito. De repente, pequeninas cobras enrolaram-se nas suas pernas e começaram a subir até que atingiram o peito do tal senhor e, uma vez ali, abriram um leque de algumas dezenas de cabecinhas suplicantes e, orfeonicamente, disseram: chefe! Não há nada para nós?».

As cobrinhas em questão estavam pouco dispostas a morrer pobres e vai daí quase roçaram o queixo de sua excelência à procura de um emprego.

Ora «el cuento» aplica-se a

certo tipo de chefes políticos que, embora vestidos, e bem, se vêem atrapalhados para atender às cobrinhas do partido. E bonito vai ser numa amanhã próxima quando na presença dos ordenados votados pelos próprios se aproximarem do chefe e este ou estes arredando-os suavemente podem retorquir: Oh, rapazes! Por agora não, tenham paciência, a vossa hora chegará e eu não sou dos que se esquecem. Sempre há-de haver um lugarzinho de gestor, de administrador ou de adjunto de cem contos para cima, claro.

Pois é, as cobrinhas de Salazar são as mesmas de hoje. Chegam a aderir pelo sim pelo não a quem está por cima. Para tanto basta a inscrição, da jóia que talvez possa ser paga em prestações e ala que se faz tarde porque a bicha dos adesivos é como uma cobra grande e não vá acontecer que o bolo não chegue para todos.

Mais uma prova de que o que interessa é a proposta de adesão, mesmo que seja um antigo fascista desde que o rapaz seja jeitoso e para todo o serviço.

Morrer pobre? Onde isso já vai e aqui vos quero para a primeira parte deste meu arrazoado.

Rui Machete repete-se

Se o PS não cumprir acordos coligação pode ir ao ar

Rui Machete, que este fim-de-semana reuniu com as comissões distritais do PSD do Alentejo e Beira Interior, admitiu a hipótese de ruptura da coligação caso o PS não cumpra os acordos estabelecidos.

Esta foi a tónica dominante das intervenções do presidente da Comissão Política Nacional do PSD, embora tenha sublinhado que «não é desejo do PSD que tal situação aconteça» e que «não acha provável a ruptura».

Rui Machete salientou ter focado este assunto pela simples razão de achar «importante preparar psicologicamente o seu partido para aquela hipotética situação e não como uma ameaça ao seu parceiro de coligação».

No tocante ao candidato presidencial a apoiar pelo PSD, Rui Machete recusou dar qualquer indicação quanto a nomes.

«Não vamos escolher a pessoa antes do referendo, mas é importante que comecem a haver contactos com as personalidades que poderão ser elegíveis ou candidatos» — sublinhou.

Outra questão debatida durante a sua digressão de dois dias por terras alentejanas foi a política agrícola, com especial incidência para a revisão prevista da Lei da Reforma Agrária.

Rui Machete apontou a necessidade de «se caminhar decididamente para as reformas

estruturais em matéria de política agrícola».

Paralelamente, e referindo-se aos «postos-chave» a nível de Ministério da Agricultura, o vice-primeiro-ministro afirmou que a Reforma Agrária deve ser modificada com leis, «mas tem de ser garantida a sua execução por pessoas que ofereçam idoneidade técnica para isso».

Rui Machete referia-se, concretamente, à ocupação do lugar de director regional da Agricultura do Alentejo, cargo que, quer o PS quer o PSD, pretendem que venha a ser exercido por um seu militante.

Sobre as eleições autárquicas, transpareceu em todos os distritos alentejanos a disposição do PSD em se coligar localmente com o PS, tendo em vista «acabar com a hegemonia das Câmaras da APU no Alentejo».

Fazendo o balanço da sua deslocação ao Alentejo, Rui Machete considerou-a «bastante positiva», por ter decorrido «sob o signo do entendimento».

Reduzir número de deputados

O presidente da Comissão Política Nacional do PSD, Rui Machete, afirmou hoje defender a redução do número de deputados para cerca de 180 a 200.

A afirmação foi feita no encerramento da uma visita à Beira

Interior onde aquele responsável se reuniu com as estruturas distritais e concelhias sociais-democratas.

Machete considera que a redução do número de deputados iria permitir um maior funcionamento da Assembleia da República.

Instado a pronunciar-se sobre a eventualidade da saída do PSD da coligação, aquele dirigente político disse que existe um acordo calendarizado até Julho, que por parte do PSD vai ser cumprido e que «se exige que o parceiro da coligação obedeça também ao acordo».

Sobre os contactos com as comissões políticas distritais e concelhias na Beira Interior (Guarda e Castelo Branco), Rui Machete disse que existe um espírito de colaboração com a Comissão Política Nacional.

Salgueiro: «Soares faz campanha...»

João Salgueiro reafirmou sábado em Ourique que o Primeiro-ministro «está a fazer campanha eleitoral desde que está neste Governo».

O dirigente social-democrata falava numa reunião com a Comissão Distrital de Beja do seu partido, aberta a militantes e simpatizantes, durante a qual foram analisadas a situação po-

lítica nacional e partidária.

Em relação à política interna do PSD, João Salgueiro sublinhou uma vez mais que «não se pode dizer que a crise no partido tenha sido desencadeada pelas sensibilidades», já que se tentara uma lista conjunta, sem êxito, no Conselho Nacional do Altis.

Em sua opinião, «o Orçamento do Estado é o exemplo de política que não devemos aceitar».

Recordando que sempre esteve contra a aprovação do Orçamento, considerou-o «irrealista» e julgou que «a meio do ano, o mesmo tenha de ser revisto, pois os buracos deverão aparecer».

Soarismo igual a «pior inimigo...»

Pereira Lopes, presidente da Comissão Política distrital do PSD de Castelo Branco e presidente da UGT, considerou que «o pior inimigo do PSD é o soarismo».

Acrescentou que o «o Partido Socialista, a continuar esta estratégia, tem que aceitar que não é possível mais um casamento falhado». A afirmação foi feita em Castelo Branco durante a reunião entre a Comissão Política Nacional do PSD e a distrital social-democrata daquela cidade.

Lucas Pires acusa:

“Vive-se uma situação de falsa estabilidade”

«Vive-se uma situação de falsa estabilidade» — acusou ontem o Presidente da Comissão Política do CDS, Lucas Pires, na Póvoa de Lanhoso.

O dirigente centrista, que visitou aquela vila e deu posse aos órgãos concelhios locais do seu partido, afirmou que «o maior partido do Governo (o PS) tem hoje metade das intenções de voto que tinha em 1983 e o seu parceiro de coligação (o PSD) é hoje uma confederação de duas minorias chegadas à direcção desse partido na base de uma votação que tinham perdido».

Depois de atacar violentamente o Governo por considerar as eleições presidenciais mais importantes do que os problemas do País, Lucas Pires questionou a autoridade institucional de um Governo em que o minis-

tro da Defesa é mandatado pelo seu próprio partido para sondar militares como possíveis candidatos presidenciais.

E a propósito interrogou: «Como é que se pode compreender que seja o próprio ministro da Defesa quem mais vai contribuir para o desgaste das Forças Armadas e a competição política entre os seus próprios subordinados?»

Lucas Pires criticou também o Partido Renovador Democrático (PRD), que definiu como «uma vela apagada que veio para velar o fim da revolução».

A concluir, o líder do CDS defendeu a consolidação de um vasto entendimento de alternativa democrata-cristã, com um programa de mudança para o desenvolvimento e a justiça.

Presidenciais

UDP tomará posição no final deste mês

A comissão política da UDP, ontem reunida em Lisboa, remeteu para o Conselho Nacional, em 30 e 31 de Março, a posição a adoptar em relação às eleições presidenciais, disse à Anop Mário Tomé.

A comissão apelou à «maior unidade do povo, frente ao Governo e à direita, para combater as leis de repressão e de miséria, cozinhadas na Assembleia da República».

A UDP propõe que se diga «não» às leis das Renditas e da Segurança e que se impeça a aplicação do «pacote agrícola», que se traduzirá na «destruição da Reforma Agrária», e ainda do «pacote laboral anti-operário».

A UDP entende que, «enquanto apodrece e se aproxima do fim», este Governo «alarga a miséria, a prepotência e a repressão», e criticou o «Imperialismo que não se contenta com o crescimento automático de cinco por cento/ano dos encargos da

dívida externa, preparando-se para contrair mais dois empréstimos avassaladores num total de cerca de 120 milhões de contos».

A UDP pergunta porque razão «nenhum dos partidos da Assembleia da República tem a coragem de tomar qualquer posição pública contra os graves atentados à liberdade religiosa, perpetrados na Madeira», e acusa o Presidente da República de não exercer as suas «prerrogativas constitucionais na actuação «medieval do Governo da Madeira».

A comissão política da UDP apela ao povo para se «manifestar de forma inequívoca contra a visita de Ronald Reagan, que vem exigir vassalagem e submissão».

Por último, apela à preparação, na maior unidade, das comemorações do 25 de Abril, «pela defesa da liberdade e contra a Lei de Segurança».

Helena Marques (PS)

Eanes é um elemento desestabilizador

A dirigente do Partido Socialista e secretária de Estado da Administração Autárquica, Helena Torres Marques, disse ontem, na Guarda que Ramalho Eanes é «um elemento desestabilizador».

A afirmação foi feita no encerramento de um encontro de autarcas e militantes socialistas daquele distrito que reuniu cerca de 450 pessoas.

Na ocasião, aquela responsá-

vel do Executivo, explicou aos autarcas do seu partido a actual situação política e as dificuldades que o Governo está a atravessar.

No encontro, foi aprovada uma moção à candidatura presidencial

de Mário Soares apresentado como um «íntegro democrata defensor da democracia, capaz de contribuir para o relançamento do Portugal democrático». Uma outra moção, desta feita apoiando a recandidatura de Abílio Curto à Câmara da Guarda, mereceu também a adesão dos participantes na reunião.

Mas seria o PSD, o alvo fundamental dos ataques socialistas. Assim, Helena Torres Marques teceria fortes críticas ao parceiro de Governo por «querer uns dias estar na coligação e, noutros dias, não querer». Também Abílio Curto manifestou a sua oposição à proposta de lei eleitoral dos sociais-democratas sublinhando, a propósito, que a mesma «vai permitir que se abafe a voz da oposição e o mesmo é abafar a voz da democracia».

Admitindo que «se essa lei for aprovada virá a beneficiar o PCP», Abílio Curto apelou aos autarcas socialistas para que a recusem. Na mesma ocasião, Albino Bárbara, secretário coordenador do PS da Guarda, admitiu o «eventual abandono do Governo por parte do PSD e a dissolução do Parlamento pelo Presidente da República», garantindo que o PS «está pronto para enfrentar esse desafio».

Por seu turno, o presidente da assembleia geral da secção do PS da Guarda, Armindo Reis, considerou a possibilidade do seu partido «aumentar a votação em próximas eleições, sobretudo nas autárquicas».

O PRD também mereceu as críticas dos participantes que entendem que «quando Eanes sair da Presidência ninguém mais ouvirá falar do PRD».

No encontro foi também aprovada a estratégia eleitoral para as autárquicas.

Comissão Técnica Eleitoral

O Partido Socialista elegeu ontem, em Coimbra, a comissão técnica eleitoral distrital encarregada do «arranque formal da preparação dos actos eleitorais para as autárquicas e para a Presidência da República».



SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS DA CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO PARA FORNECIMENTO DE LUBRIFICANTES E GASÓLEO AOS SERVIÇOS MUNICIPALIZADOS — TRANSPORTES COLECTIVOS DO BARREIRO

1. Faz-se público que está aberto concurso para fornecimento de lubrificantes e gasóleo aos Serviços Municipalizados do Barreiro.
2. Serão recebidas propostas em envelope fechado e lacrado no verso, na Secretaria destes Serviços até às 15 horas do dia 15 de Abril de 1985, procedendo-se à abertura das mesmas às 15.30 horas do mesmo dia.
3. O programa do concurso e o caderno de encargos estão patentes no Conselho de Administração dos Serviços Municipalizados, na Rua José Magro, N.º 2-A — 2830 BARREIRO, durante as horas de expediente, podendo ser fornecido pelo preço de Esc. 30\$00 cada exemplar.

Conselho de Administração dos Serviços Municipalizados da Câmara Municipal do Barreiro, 5 de Março de 1985

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
ALFREDO RODRIGUES DE MATOS

PÁSCOA-85 ESCOLHA O SEU DESTINO

Cruzeiro a IBIZA - PALMA
• MARROCOS • LOURDES • TORREMOLINOS
• ANDORRA • SEVILHA
• MADRID • GIBRALTAR
• MINHO • GRANADA • CEUTA • TÂNGER • MONFORTINHO • GALIZA
• VIGO • MÉRIDA • ALGARVE • SALAMANCA
• BRAGA, etc., etc.

31 VIAGENS - 5 ALMOÇOS

Consulte o n.º CATALOGO

LUSANOVA - TOURS
GROSSISTA N.º 435/83
RESERVAS NA SUA
AGÊNCIA DE VIAGENS



não deixe lixo na rua

mento da posição da Comissão Política Distrital:

1. Deve o candidato presidencial a apoiar pelo PSD ser portador dum projecto de mudança regenerador do País? ☒ SIM ☐ NÃO
2. Deve esse candidato ser filiado no PSD? ☐ SIM ☒ NÃO
3. Ou deve esse candidato não ser filiado em qualquer partido? ☒ SIM ☐ NÃO

Quanto às mudanças todos estamos de acordo em que são indispensáveis para regenerar o País.

Quanto ao candidato ser «militante» ou «não militante», naturalmente que todos nós gostaríamos que o próximo Presidente da República fosse do nosso partido. Contudo, nas actuais circunstâncias, parece-nos que será praticamente impossível que ele obtenha os votos necessários para ganhar. Deste modo, um candidato «militante», dado que o CDS nessas condições também apresentará o seu candidato, pode representar a vitória de Mário Soares ou do candidato de outro partido.

E o Esteves talvez perguntasse: «o que é isto?...»

Faro: referendo interno do PSD

Vitorino aos militantes: ponham a cruz aqui e ali

O presidente da Comissão Política Distrital de Faro do PSD, José Vitorino, distribuiu um comunicado onde indica o sentido de voto às três questões colocadas aos militantes sociais-democratas sobre o referendo interno.

No comunicado, também distribuído à Imprensa, o deputado José Vitorino dá conta da posição da Comissão Política Distrital de Faro.

Assim, à pergunta «deve o candidato presidencial a apoiar pelo PSD ser portador dum projecto de mudança regenerador do País?», aconselha-se o «sim».

A segunda pergunta, «deve esse candidato ser filiado no PSD?», indica-se o «não» como resposta.

A terceira e última pergunta «ou deve esse candidato não ser

filiado em qualquer partido?», a Distrital de Faro aconselha o «sim».

O documento, assinado por José Vitorino, apela ao militante para não faltar à votação e justifica a sua posição.

«Todos nós gostaríamos que o próximo Presidente da República fosse do nosso partido» — diz o documento — «contudo, nas actuais circunstâncias, parece-nos que será praticamente impossível que ele obtenha os votos necessários para ganhar».

«Daí que um candidato «não-militante», que possa recolher além dos votos do PSD, votos à nossa direita e do eleito social-democrata do PS se apresente como o mais seguro» — frisa o comunicado.

O referendo interno do PSD sobre as eleições presidenciais realiza-se dia 30 de Março.

Câmara decidiu não ceder o Parque aos partidos

PCP de Braga denuncia tentativa de atingir a "Festa da Alegria"

A direcção da Organização Regional do Minho do Partido Comunista Português declarou na passada sexta-feira que a decisão da Câmara Municipal de Braga, que impede os partidos políticos de utilizarem o Parque Municipal de Exposições da Cidade (PMEB), tem como objectivo fundamental atingir a «Festa da Alegria», iniciativa que o PCP realiza anualmente naquele local.

Os dirigentes da DORM, António Lopes, Casais Baptista e Lemos Maia sublinharam, em conferência de imprensa, pouco tempo depois do executivo camarário ter decidido a proibição, que tal medida é inconstitucional e que, a aprovação do novo regulamento interno do recinto, por decisão de 4 de Fevereiro da Comissão de Feiras do Parque Municipal de

Exposições de Braga, só deveria entrar em vigor em Janeiro do próximo ano.

Deste modo, os responsáveis comunistas consideram que a decisão da Câmara é ilegal, inconstitucional e advertiram que o seu partido irá recorrer para o Tribunal Constitucional e para a Auditoria Administrativa.

Recorde-se que o PCP utilizava nos últimos sete anos aquele recinto para a realização da «Festa da Alegria» e que, em 21 de Dezembro último, aquele partido dirigiu ao conselho de administração do Parque Municipal de Exposições de Braga uma carta a solicitar a cedência do recinto para a realização daquela festa, marcada para os dias 12, 13 e 14 de Julho.

Diz o presidente da CM de Vila Real

Tâmega e Marão querem voos da LAR

As Comissões Regionais de Turismo de Trás-os-Montes estão na disposição de aderir ao projecto LAR (Linhas Aéreas Regionais), serviço que está a suscitar polémica pelo facto de oficialmente se apresentar para voos não regulares e afinal estabelecer ligações regionais regulares.

De qualquer modo, as Comissões Regionais de Turismo de Trás-os-Montes não querem perder o... avião: o presidente da Câmara Municipal de Vila Real (Armando Moreira) disse em Lisboa, por ocasião do primeiro voo das Linhas Aéreas Regionais, que as CR's de Turismo do Marão e do Alto Tâmega estão interessadas nas possibilidades de transporte criadas pela LAR, designadamente «para voos Charter de turistas estrangeiros ou para emigrantes interessados».

«Esta companhia pode vir a ter uma grande importância no desenvolvimento do turismo em Trás-os-Montes», concluiu o

presidente da Câmara de Vila Real.

Entretanto, também o presidente da Câmara de Bragança se manifestou «esperançado na rentabilidade da empresa» dentro de meia dúzia de anos «e após um certo período de habituação».

José Pinheiro sublinhou, no entanto, que «o principal objectivo que levou as autarquias a investir numa empresa deste tipo não foi o lucro, mas o serviço às populações, tanto ao nível do transporte de passageiros como de certos tipos de carga».

O presidente da Câmara de Portimão, por seu turno, mostrou-se «para já insatisfeito, enquanto não for regulamentada a possibilidade de ligação entre as várias autarquias». Martin Garcia defende a necessidade da existência de voo da nova companhia que, por exemplo, «possam levar directamente turistas das zonas interiores para o Algarve».

Hotelaria internacional vai reunir-se em Lisboa

A 25.ª reunião anual do Capítulo Europeu da «Cornell Society of Hotelmen», irá realizar-se em Lisboa, em princípios de Fevereiro do próximo ano. Tal decisão foi tomada em reunião realizada em Paris, onde a candidatura de Portugal foi bem defendida pelo hoteleiro Joaquim Paredes Alves, também membro daquela associação, de tal modo que, havendo mais sete países europeus nela interessados, todos retiraram as suas propostas, vindo a candidatura do nosso país a ser aprovada por unanimidade. Portanto, vamos ter entre nós, cerca de uma centena dos principais directores, administradores e empresários hoteleiros de quase todos os países da Europa Ocidental, Norte de África e Médio Oriente, áreas abrangidas por aquele Capítulo Europeu, todos antigos alunos da Universidade Cornell (USA) mundialmente conhecida como a «Harvard» do Hotel Business Administration, e que conta, em Portugal, já, com mais de meia centena de ex-alunos, quase todos eles ocupando cargos de maior destaque na hotelaria e na formação profissional.

O objectivo fundamental da «Cornell Society of Hotelmen» é o de promover, em todo o mundo, os interesses da indústria de hotéis e de restaurantes, bem como os dos alunos e da própria universidade.

Para além de um programa social, gastronómico e cultural, da reunião em Lisboa constará, também, um seminário, para o qual foi escolhido o tema «Hotel Development, Planning and Design», onde serão focados, especialmente, os seguintes tópicos: pontos fundamentais do desenvolvimento da indústria hoteleira; estudos de segmentos de mercado; estudos de viabilidade económica; estratégias de «marketing»; análises de programas de instalações; conceitos de «planning» e «design».

Este seminário será ministrado por quatro destacados especialistas europeus e americanos, especialmente convidados, sendo aberto à participação de directores e administradores hoteleiros, técnicos de turismo e, ainda, a arquitectos e engenheiros, que se interessem pela construção, equipamento e gestão de hotéis.



Hermínio Martinho num intervalo da reunião de Coimbra

PRD elege Comissão Directiva e avança para a Convenção

João Botequilha e Miguel Caetano, duas das personalidades consideradas mais próximas do general Ramalho Eanes, constituem juntamente com Hermínio Martinho a Comissão encarregada de preparar a Convenção Nacional do PRD, que terá lugar durante a primeira quinzena de Maio. A sua eleição foi feita ontem, em Coimbra no decorrer de uma reunião da Comissão Nacional deste partido, que teve a participação de cerca de 150 elementos, representando todos os dirigentes do continente, regiões autónomas e núcleos de emigração da Europa.

Na mesma reunião foi eleita também uma Comissão Directiva Nacional, presidida pelo eng. Hermínio Martinho e da qual fazem parte mais dez elementos, e aprovados na especialidade os estatutos do novo partido.

Comissão Directiva Nacional terá a seu cargo a direcção do PRD até à Convenção Nacional onde, então, definitivamente, serão eleitos os diversos órgãos.

O facto novo e mais significativo é a ligação pública ao PRD dos nomes de João Botequilha e Miguel Caetano. Isto ocorre no momento em que o PRD se via envolvido por um conjunto de notícias surgidas nos mais importantes meios de Comunicação Social, segundo as quais Ramalho Eanes estaria bastante descontente com a forma como o novo partido estava a ser formado e muito provavelmente não iria dar-lhe o seu apoio. Outras notícias referiam-se a grandes divisões nos meios eanistas por razões diversas, entre as quais os estatutos e, mais concretamente, a forma de eleição do presidente do partido.

Em Tróia tinham surgido duas posições mas que estavam longe de ser contraditórias. Uma apontava para a eleição do presidente em lista conjunta com os restantes membros; outra, defendida por oito distritos propunha que sendo o cargo de presidente um lugar destinado ao general Ramalho Eanes, esta forma de eleição reforçava a dignidade e projecção do cargo.

Só que nenhuma destas propostas foi votada em Tróia, ao contrário do que alguns meios de comunicação divulgaram como base do alegado descontentamento de Eanes.

Contra-informação

Hermínio Martinho, mesmo antes de iniciada a reunião de Coimbra, refutou completamente a existência de qualquer problema com o general Eanes, classificando as notícias veiculadas, especialmente no que se refere a dois semanários de Lisboa, como «contra-informação».

«Mas até estamos contentes com isso porque vai proporcionar, desde já, demonstramos

que somos diferentes. Se em Tróia não foi aprovado aquilo que deus origem, ou que dizem que deu origem a que o general Ramalho Eanes me chamasse, a intenção só por aqui fica demonstrada.»

Não pode afirmar-se que exista completa unanimidade entre os eanistas, nem eles escondem as diferentes posições que surgem relativamente às diversas questões, mas a forma como as matérias têm sido discutidas apresentam, até agora, um aspecto salutar em que cada um aceita posteriormente, e sem divisões, aquilo que obteve maioria, mesmo que não constitua a sua posição ou o seu ponto de vista pessoal.

A reunião de ontem demonstrou-o claramente. A parte alegadamente controversa dos estatutos, referente ao modo de eleição do presidente do partido acabaria por ser aprovada por unanimidade, tal como a lista da Comissão Directiva Nacional.

Em relação aos estatutos prevaleceu a tese de Hermínio Martinho.

Este consideraria ser o resultado desta votação «uma boa resposta à contra-informação que por aí anda».

Hermínio Martinho foi também questionado sobre uma recente posição de Amândio de Azevedo que preconiza uma aliança PS/PSD contra os eanistas.

«Ainda bem — comentou. Eu quero é vê-los todos contra nós. Se eles nunca se juntaram isso só nos valoriza, só nos projecta. Se achassem que não precisavam de se unir para nos vencer isso é que me preocupava».

PRD ganha dinâmica

A tónica geral dos participantes na reunião de ontem era de que ela fora, provavelmente, a mais importante de todas e a que permitiu sentir que «verdadeiramente se vai agora avançar».

De facto, quando deixaram Coimbra, já depois das 20 horas, os representantes dos diversos distritos levavam consigo dois pacotes com material que há muito aguardavam.

Um continha os impressos para a recolha de assinaturas destinadas à legalização do partido. O outro continha as fichas de inscrição para os militantes e apoiantes. Assim, a partir de hoje, começa em todo o País a recolha de assinaturas e de adesões.

Por outro lado, está completa a estrutura para conduzir o PRD à meta de partido político, uma questão que agora já não oferece dúvidas.

Basicamente, a estrutura do PRD tem como órgãos a convenção nacional, constituída por 500 a 800 membros, que reúne obrigatoriamente de dois em dois anos e que tem larga representação das bases com limitação do número de inerências, sendo o órgão máximo do partido; o conselho nacional, órgão deliberativo máximo entre convenções, que reúne de três em três meses, constituído pelos presidentes das comissões directivas distritais, um representante mais de cada um dos distritos e 40 membros eleitos pela convenção nacional, e a comissão directiva nacional, constituída, como já foi referido, por 11 membros eleitos em lista completa e que é o órgão executivo máximo.

Há ainda os órgãos técnicos, que são a mesa da convenção, o conselho nacional de jurisdição, a comissão de verificação de mandatos e a comissão de fiscalização.

O presidente do partido pode criar um conselho consultivo nacional, constituído por 15 figuras de relevo na vida nacional, membros do partido ou apenas apoiantes.

Se quisermos usar uma expressão que esteve muito em voga nos meios políticos poderemos dizer que o PRD agora tem pernas para andar.

Eanes apoia?

A questão insistentemente levantada sobre o apoio ou não de Ramalho Eanes parece já só existir no exterior do PRD. Nada de concreto há que permita afirmar que esse apoio não virá na altura devida. Pelo contrário,

sem sair dos limites que a função lhe estabelece, Eanes tem dado os indícios suficientes de que conta com o PRD e o PRD contará com ele. Só que, não misture as coisas.

Para os eanistas — em Coimbra isso foi bastante claro — não há grandes dúvidas sobre o futuro apoio de Ramalho Eanes.

As preocupações de alguma imprensa não constituem o eco das preocupações dos que têm acompanhado Hermínio Martinho na tarefa de lançar o PRD.

Relativamente ao general Ramalho Eanes, a dúvida dos seus apoiantes refere-se principalmente à questão da estratégia. Aí talvez nem os seus mais próximos colaboradores conseguem prever o que se vai passar.

Hermínio Martinho, insistentemente interrogado desde há uns meses sobre o apoio de Eanes ao PRD, encontrou uma resposta relativamente eficaz. «Se o senhor general Ramalho Eanes não tiver condições para apoiar este projecto é porque falhámos».

Ontem, Hermínio Martinho foi novamente abordado sobre questões às quais já respondeu inúmeras vezes: as presidenciais, a candidatura de Lurdes Pintasilgo, a dissolução da Assembleia da República e a posição do PRD.

Reafirmou que o PRD não tem nenhuma posição relativamente a nenhuma das candidaturas em curso nem tão pouco nenhum contacto.

O projecto do PRD avança baseado no facto de os partidos existentes não darem soluções aos problemas nacionais mas o líder, Hermínio Martinho, se por um lado entende que o País não está em condições de suportar por mais tempo a falta de governação e de medidas necessárias para sair dos graves problemas em que mergulhou, por outro, entende — numa perspectiva pessoal — que o Presidente da República não deve dissolver a Assembleia da República.

Que saída então? «Pode ser que a coligação se desfaça», responde.

Augusto Vilela

Os dirigentes nacionais do PRD

São as seguintes as personalidades eleitas ontem em Coimbra para o PRD:

Comissão organizadora da convenção: Hermínio Martinho, João Botequilha e Miguel Caetano.

Esta comissão será agora completada por escolha de novos membros para se ocuparem das diversas tarefas.

Comissão directiva nacional: Hermínio Martinho, António Féu, Ana Gonçalves, António Loja, Aménio Ramos de Carvalho, João Dias Coelho, João Leão Meireles, José Carlos Vasconcelos, Maria da Glória Pedrão e Roberto Amaral.

Governo é "um cancro" que é preciso extirpar "antes que destrua o corpo da Nação"

— disseram os largos milhares de pessoas que no sábado se manifestaram em Lisboa

«Está na hora/Está na hora/De o Governo ser posto fora», foi a palavra de ordem mais ouvida na manifestação realizada no sábado, à tarde, entre o Martim Moniz e a Alameda D. Afonso Henriques, em Lisboa, por iniciativa da CGTP-IN.

Empunhando bandeiras negras e vermelhas, as centenas de milhares de manifestantes iniciaram o percurso cerca das 14 e 45, para o terminar por volta das 17 e 15. «A luta continua/Governo para a rua», «25 de Abril sempre/Fascismo nunca mais» e «Sim às nacionalizações/Não aos tubarões» foram outras das palavras de ordem mais repetidas.

Na Alameda, e perante um autêntico mar de gente, usaram da palavra Amândio Teixeira da Silva e Kalidás Barreto, dirigentes da Intersindical, tendo ainda sido aprovadas quatro moções e uma resolução.

«Um Governo que permite impunemente que milhares de trabalhadores trabalhem sem receber salários, quando na maioria dos casos as empresas são rentáveis e lucrativas e os patrões vivem no luxo e no regabofe, só merece a demissão» — afirmou Amândio Teixeira da Silva, coordenador da CGTP, ao discursar na manifestação.

O dirigente sindical acusou o Governo PS/PSD de «destruir empresas públicas e privadas, de estimular o desemprego, a contratação a prazo, o trabalho alugado e precário e de só pagar subsídios a 10 por cento dos 600 mil desempregados existentes».

A acrescentou que «se o Governo quiser alterar a lei da greve, arma fundamental de luta e resistência dos trabalhadores, estes utilizarão a greve como resposta».

«Não haverá repressão — disse Teixeira da Silva — que chegue para nos intimidar ou impedir o exercício daquilo que a democracia nos garante, o direito de protestar, de manifestar a nossa revolta, de exigir o respeito pela Constituição e pelo 25 de Abril».

Depois de tecer as mais duras críticas ao actual Governo, entre as quais a de ter «o despalante de aumentar a si próprio e aos deputados em mais de 50 por cento» e de chegar «ao ponto de gastar, oficialmente, 4,5 milhões de contos num ano só em passeatas ao estrangeiro», Teixeira da Silva concluiu: «O Governo não cairá por si, a intensificação da luta de massas é o caminho».

O dirigente da CGTP manifestou a convicção de que «a breve prazo será encontrada uma alternativa democrática e patrió-

tica para este Governo, que inverterá o rumo da sociedade portuguesa no sentido da democracia efectiva».

Constituição «é para ser cumprida»

Kalidás Barreto, por seu turno, considerou, ao usar da palavra, «urgente que as instituições competentes funcionem para pôr termo a esta casta de políticos, que no Governo só servem a si próprios e ao grande capital».

«A Constituição da República, salientou, não é um simples papel para decorar estantes de gabinete — é a lei fundamental do País e fez-se para ser cumprida».

«Temos meios e recursos produtivos e financeiros para lançar o País na senda do desenvolvimento e do progresso» — disse Kalidás Barreto, acrescentando que «a política concreta do Governo é a verdadeira crise e a raiz dos males que afectam os trabalhadores e o País, e que faz com que algum patronato considere um luxo pagar aos trabalhadores».

«Quando o Governo, o grande patronato e certos ideólogos falam de crise nacional para justificar a situação do País, eles referem-se à política de recuperação capitalista e anti-25 de Abril», declarou.

«Nem a crise é inevitável nem a austeridade tem sido para todos», considerou Kalidás Barreto, concluindo que «é urgente a demissão do Governo».

Política antipopular

Os trabalhadores dos distritos de Lisboa e Setúbal, que integravam a manifestação da Alameda, proclamaram que o Governo «é um cancro que está a corroer o corpo da Nação».

A justificar esta afirmação, uma resolução aprovada na con-



A política «antipopular e antinacional» do Governo PS/PSD foi o alvo do repúdio dos muitos milhares de trabalhadores que se manifestaram em Lisboa

centração invoca a sua «desumana política antipopular e antinacional, apoiada numa subserviente e artificial maioria parlamentar, que já não corresponde à vontade do eleitorado».

Assim, os participantes na manifestação resolveram «cerrar fileiras para a luta pela resolução dos seus problemas concretos, na defesa dos seus interesses imediatos de classe e na preservação e consolidação das preciosas conquistas de Abril» e afirmaram a determinação de recorrer «aos meios e formas de luta legítimos, que as circunstâncias exigem».

A resolução reclama a «urgente demissão do Governo e as demais medidas constitucionais, que permitam a formação de um novo Governo, que dê garantias de corresponder às supremas exigências da independência

nacional, da reposição da legalidade democrática, da recuperação da economia e do restabelecimento da caminhada do nosso povo para o bem-estar e o progresso social, iniciada no 25 de Abril».

Moções de repúdio

Uma das quatro moções aprovadas na manifestação promovida pela Intersindical em Lisboa

manifesta «o mais vivo repúdio pelos projectos reacçãoários do Governo, em especial o da greve e dos despedimentos».

As organizações sindicais foram mandatadas para transformarem a discussão pública dos projectos numa grande campanha de defesa dos direitos e liberdades constitucionais dos trabalhadores por outra das moções aprovadas.

Os participantes na manifestação comprometeram-se a defender o «seu direito à greve, lutando e exercendo a greve sem reconhecer ou acatar quaisquer limites que não sejam os decorrentes da Constituição».

A última moção aprovada exige «aos órgãos encarregados de defender a Constituição e a democracia que no cumprimento dos seus deveres, impeçam a entrada em vigor dos diplomas inconstitucionais».

“Cerrar fileiras para a luta”

— preconiza a resolução aprovada na jornada de sábado

«Cerrar fileiras para a luta pela resolução dos problemas concretos dos trabalhadores, «na defesa dos seus interesses imediatos de classe e na preservação e consolidação das preciosas conquistas de Abril» — foi uma das decisões tomadas na jornada de sábado e que consta da resolução aprovada a nível nacional.

A resolução diz nomeadamente o seguinte:

«Observando que o Governo, como se lhe não bastassem tantas e tão graves ofensas aos mais elementares direitos da pessoa humana, se permite ainda atacar frontalmente o direito à habitação com uma Lei das rendas que se entrase em vigor, daria origem a uma vaga de despejos que deixaria sem tecto — além das que nunca o tiveram — muitas dezenas de milhares de famílias; sentido, assim, com apreensão e revolta, que esta política celerada tem por objectivo transformar num inferno a vida dos trabalhadores e da população em geral e num céu aberto a vida do patronato monopolista e do corrupto séquito dos seus fiéis servidores; considerando que para dar cobertura aos seus planos de montagem de uma nova máquina de intimidação e repressão, o Governo assiste placidamente às criminosas provocações dos bandos terroristas sem lhes dar o

resoluto combate que se impunha, não se coibindo, porém, de organizar acções policiais repressivas e provocatórias contra os trabalhadores; considerando, ainda, que o Governo escarnece do Poder Judicial, não cumprindo nem fazendo cumprir as suas sentenças senão quando elas lhe servem e planeando reformas que transformariam os tribunais em meras repartições ao seu serviço, e que tem na forja vários «pacotes» de leis destinadas a consumar a demolição do Estado democrático: as leis anti-laborais e anticonstitucionais de liberalização dos despedimentos e de liquidação do direito à greve; as leis ditas de «segurança», de liquidação das liberdades cívicas e restauração de um ambiente de terror; e as leis eleitorais que transformariam o processo eleitoral numa farsa destinada a mantê-lo no poder mesmo que perdesse as eleições.

Considerando, também, que, ao mesmo tempo, o governo tem vindo a envolver o nosso país nos projectos militaristas e belicistas do imperialismo, fazendo do território nacional base de forças agressivas e alvo prioritário de armas apocalípticas em caso de conflito internacional.

Proclama que um tal governo, com tão desumana política antipopular e antinacional, apoiada numa subserviente e artificial

maioria parlamentar que já não corresponde à vontade do eleitorado, é um cancro que está a corroer o corpo da Nação;

OBSERVAM que as instituições democráticas têm não só o direito como, principalmente, o indeclinável e patriótico dever de intervir com urgência no âmbito das suas atribuições constitucionais para que o Estado democrático extirpe de si esse cancro antes de ser por ele destruído; e RESOLVEM:

1.º Cerrar fileiras para a luta pela resolução dos seus problemas concretos na defesa dos seus interesses imediatos de classe e na preservação e consolidação das preciosas conquistas de Abril;

2.º Reafirmar a sua determinação de prosseguir nesta luta pelos superiores interesses do povo e do País, recorrendo aos meios e formas de luta legítimos que as circunstâncias exigirem;

3.º Reclamar a urgente demissão do governo e as demais medidas constitucionais que permitam a formação de um novo Governo que dê garantias de corresponder às supremas exigências da independência nacional, da reposição da legalidade democrática, da recuperação da economia e do restabelecimento da caminhada do nosso povo para o bem-estar e o progresso social iniciada no 25 de Abril.»

De Norte a Sul exigida a demissão do Executivo

Para além da jornada de Lisboa, a CGTP-IN promoveu no sábado manifestações em mais 13 capitais de distrito, contra a política do Governo.

De Vila Real a Faro, os manifestantes defenderam a «urgente demissão» do Governo, que segundo Kalidás Barreto «é indigno do Portugal de Abril».

Na manifestação do Porto, com a presença de muitos milhares de trabalhadores, Manuel Carvalho da Silva, da Comissão Executiva da CGTP, afirmou que «assistimos hoje no nosso país, através da acção do Governo, a uma acelerada destruição do aparelho produtivo nacional e da nossa economia».

O dirigente da Inter acusou o Governo por fazer aprovar na Assembleia da República o projecto sobre as rendas de casa, «escamoteando os graves problemas que este aumento vai custar», e por lançar um «projecto dito de regulamentação

sobre a lei da greve».

«Trata-se de um projecto que visa impedir ou enfraquecer esta arma tão importante de que os trabalhadores dispõem» — afirmou, para acrescentar que o Governo pretende «introduzir o lock-out, que é proibido pela Constituição».

Manuel Carvalho da Silva salientou, a terminar, que no quadro constitucional podem encontrar-se várias alternativas e afirmou que «o que se impõe de imediato é acabar com a subversão da vida democrática».

«Queremos habitação», «não ao aumento das rendas de casa», «queremos trabalho e pão», «despedimentos não», «não à manipulação dos órgãos de Comunicação Social», «O povo diz não a tanta corrupção» e «mais um empurrão e o Governo cai ao chão» eram algumas das inscrições que se podiam ler nos cartazes que os

manifestantes empunhavam, na Praça Humberto Delgado.

Um outro dirigente da CGTP-IN, José Luís Judas, disse em Braga que «ninguém acredita que este Governo possa chegar ao fim do seu mandato».

«Se amanhã as instituições democráticas o demitirem ninguém levantará a voz em sua defesa» — acrescentou.

Na manifestação de Viana do Castelo foi reclamada a formação de um «novo Governo que ponha os interesses nacionais acima dos interesses do grande capital estrangeiro».

No âmbito desta jornada nacional de luta, a Inter promoveu ainda manifestações e comícios em Aveiro, Beja, Aljustrel, Odeira, Braga, Castelo Branco, Coimbra, Évora, Faro, Guarda, Leiria, Portalegre, Ponte de Sor, Campo Maior, Santarém, Viana do Castelo, Vila Real, Viseu e nas regiões autónomas da Madeira e Açores.

Onze meses depois de ser inaugurada Estação de biogás do Zoo ainda não funciona

A estação de biogás do Jardim Zoológico de Lisboa, ainda não funciona, 11 meses depois de ter sido inaugurada.

Um informador do Jardim Zoológico de Lisboa confirmou que a estação de biogás após a inauguração não voltou a funcionar e que só agora com uma verba concedida pelo Ministério de Energia os técnicos do LNETI vão tentar ultrapassar a situação.

Com o aproveitamento, através do sistema de biogás, o Zoo teria uma economia de cerca de 1500 contos por ano em termos de energia eléctrica e térmica.

A estação de produção de biogás foi inaugurada no parque de Jardim Zoológico em Abril de 1984 com o objectivo de permitir a transformação dos dejectos dos animais em energia.

O funcionamento da estação de biogás permite, a partir do aproveitamento diário de cerca de cinco toneladas de dejectos de animais, a produção de 500 metros cúbicos de gás que será utilizado na produção de energia térmica e eléctrica.

A energia térmica produzida permite climatizar a baixo custo a maior parte das jaulas onde vivem animais que necessitam de temperaturas amenas durante todo o ano.

O Jardim Zoológico de Lisboa situado no Parque das Laranjeiras, é o primeiro a nível mundial que vai utilizar os dejectos dos seus dois mil habitantes para a produção de energia.

Uma das grandes ajudas para as grandes dificuldades financeiras que o Jardim Zoológico vive presentemente é o funcionamento da estação de biogás, podendo vir a poupar cerca de 12 mil contos em energia.

Facilitava créditos a troco de 10 por cento

Alto funcionário da CGD detido em flagrante delito de corrupção

● foi apanhado com 600 contos no bolso que teria acabado de receber de um seu "cliente"

Um funcionário superior da Caixa Geral de Depósitos foi preso, na semana passada, em flagrante delito de corrupção, junto às instalações do departamento onde se encontrava colocado, na Rua Castilho, em Lisboa. O funcionário, que foi detido por elementos da Polícia Judiciária, já foi presente ao Tribunal de Instrução Criminal, que lhe manteve a prisão, sem admitir caução.

O detido, de seu nome Vaz Antunes, estaria a aceitar "lvas" a comerciantes e industriais, desde há mais de um ano, a troco de facilidades na concessão de créditos bancários por parte da CGD. Esses créditos dependeriam, de resto, da sua própria assinatura.

Este é um dos casos mais exemplares, de acordo com as investigações já desenvolvidas e as perspectivas que se abrem, no âmbito da corrupção respeitante a créditos bancários em que, normalmente, apenas é possível estabelecer suspeitas, sem o apuramento de provas.

O funcionário agora incriminado desenvolvia as suas actividades a partir de grandes dificuldades iniciais que levantava aos interessados na obtenção de crédito por parte dos serviços que dele dependiam. Acabaria, geralmente, por submetê-los ao pagamento de 10 por cento sobre as quantias que "facilitava".

O caso de que o "DL" tomou conhecimento encontra-se ainda em fase de investigações por parte da Polícia Judiciária, sendo presumível, a curto prazo, a concretização de algumas outras detenções.

O processo ter-se-á desenvolvido a partir das suspeitas de um colega de Vaz Antunes que, na impossibilidade de fazer prova e oficializar a denúncia,

recorreu à Alta-Autoridade Contra a Corrupção.

O caso, sobre o qual a PJ mantém sigilo para defender as investigações em curso, veio a conhecimento do "DL" justamente numa semana em que dois outros casos ligados ao crédito eram denunciados por "O Diário" e pelo "Expresso", ambos envolvendo agências do Banco Nacional Ultramarino.

Cerca de 600 contos no bolso

O funcionário da Caixa Geral de Depósitos detido pela PJ no seu local de trabalho era portador, quando foi abordado pelos agentes, de cerca de 600 contos, em dinheiro, que teria acabado de receber de um "cliente" que o procurara para satisfazer um compromisso.

Confrontado com a situação, Vaz Antunes tentou convencer os polícias de que se tratava de economias pessoais, não conseguindo, no entanto, justificar o facto de trazer consigo tão avultada quantia em dinheiro.

A actuação dos elementos da Secção Anticorrupção da Polícia Judiciária, no edifício da CGD, na Rua Castilho, foi tão discreta que a maioria dos funcionários nem sequer se apercebeu dos acontecimentos. Para uma parte do pessoal tratar-se-ia, contudo, de um caso de "simples" tráfico de capitais.

A Secção Anticorrupção da PJ fora chamada a intervir pela Alta-Autoridade Contra a Corrupção, cujos funcionários, após a denúncia, consideraram haver fortes indícios de ilegalidade.

Numerosas empresas de diferentes pontos do País terão sido "lesadas" pelas actividades de Vaz Antunes, mas os principais utilizadores deste tipo de obtenção de créditos seriam, particularmente, empresas do Algarve.

Um dos "clientes" habituais seria, contudo, o dono de um conhecido restaurante de Santa Iria de Azoia que já foi referenciado anteriormente pelas autoridades judiciais, em consequência de negócios com automóveis em situação irregular.

A actividade do funcionário da CGD é típica do crime de corrupção, agravada pelo facto de obter lucros a partir do constrangimento imposto aos candidatos ao crédito que obrigatoriamente lhe eram submetidos, em consequência da sua posição profissional.

O "DL" apurou, entretanto, que tem aumentado ultimamente o número de denúncias de suspeitas de corrupção comunicadas directamente à Alta-Autoridade Contra a Corrupção, à Procuradoria-Geral da República e à Provedoria de Justiça.

Outro caso de crédito no BNU de Vizela

Um caso diferente mas envolvendo igualmente a concessão de vultosos créditos do Banco Nacional Ultramarino (através da delegação de Vizela) foi também esta semana relatado, pelo semanário "Expresso". A instituição de crédito é, neste caso, credora de 419 mil contos, parte dos quais já resultado dos juros

vencidos, a partir da concessão de créditos a uma empresa, com mil contos de equipamento e 1C mil de mercadorias em "stock".

O caso acabaria por merecer a estranheza de altos responsáveis do BNU que, por isso, ordenaram uma inspecção à delegação do banco em Vizela. O primeiro resultado foi a instauração de três processos disciplinares a funcionários locais, um dos quais é o próprio gerente.

A empresa que tinha obtido tão avultados créditos (e não só ao BNU, pois também o Pinto & Sotto Mayor — com 40 mil contos, a União de Bancos — com 23 mil, o Português do Atlântico — com oito mil, e o Totta & Açores — com 373 contos) fora constituída há seis anos com um capital social de 100 contos, por dois irmãos então com 20 anos.

O sucesso inicial do negócio, essencialmente virado à exportação, facilitou a aparente expansão da empresa, a Menufe, o que levou mesmo os dois sócios a aumentarem o capital social para 2500 contos, em 1981.

Uma das causas do "deslizamento" da empresa para a falência foi, segundo o processo em curso, o entusiasmo das vendas resultante de uma boa conjuntura. As contas passaram a deteriorar-se, sendo que uma grande parte dos clientes deixaram de cumprir as suas obrigações. Assim, em 1981, a Menufe tinha 142 mil contos de vendas por cobrar.

O caso presente, que levou as Finanças a interverem também por existirem casos de subfacturação (uma fuga de seis mil contos ao imposto de Transacções, por esse meio, foi confirmada), envolve membros de uma das mais importantes e conhecidas famílias de Vizela, proprietária de parte de uma firma do sector têxtil, a Varela, Pinto & C.ia.

As dúvidas suscitadas no processo de falência que segue os seus trâmites no Tribunal de Guimarães deverão levar à ins-

tauração de um processo-crime, por parte do Ministério Público.

Irregularidades na Baixa da Banheira

"O Diário", por sua vez, denunciava na sua edição de sexta-feira, a detecção de irregularidades e fraudes na concessão de créditos, através da agência da Baixa da Banheira, do Banco Nacional Ultramarino.

O nome do gerente daquela agência bancária aparece envolvido em todas as operações irregulares de concessão de crédito detectadas e que deverão ascender, nos últimos cinco anos, a algumas centenas de milhares de contos.

Um elemento do secretariado do BNU no Sindicato dos Bancários afirmou ao matutino que "um gerente, por si só, não pode praticar aquela série de irregularidades".

No entender deste elemento, um gerente nessas condições "terá que contar com o apoio e encobrimento de outros elementos de órgãos de direcção e/ou gestão do banco".

A estranheza quanto aos acontecimentos da agência da Baixa da Banheira serão tanto maiores quanto, segundo a mesma fonte, não é conhecido qualquer procedimento disciplinar ou acção judicial contra o gerente da Baixa da Banheira.

A prática de irregularidades na agência do BNU na Baixa da Banheira remontará a 1980, tendo próprio departamento de Inspecção do Banco detectado anomalias, em 1983, reforçadas com grande frequência de erros e "muitas situações em que o banco se encontra desbolsado de várias importâncias".

As operações consistiram na concessão de créditos mediante informações bancárias insuficientes ou mesmo manifestamente falsas.

Revelado em encontro concelhio do PCP

No final do ano a dívida da Câmara de Oeiras passará os 500 mil contos

"A política do PSD/CDS, com o apoio do PS na Câmara de Oeiras, não resolveu os problemas essenciais do concelho e levou a edilidade à beira da falência", afirma o PCP em comunicado.

Esta posição foi manifestada num encontro de quadros de organizações do PCP, no Concelho de Oeiras, com o objectivo de "reforçar o trabalho nas autarquias para melhor resolver os problemas da população" e "definir as perspectivas para este ano, tendo em conta a realização de eleições autárquicas".

No encontro foi referido que a dívida da Câmara atingiu em Dezembro de 1984 um montante superior a 320 mil contos, tendo-se apenas investido naquele ano 30 mil contos.

Salientou-se, também, que "não são pagos subsídios a várias entidades e dívidas a forne-

cedores (havendo algumas por pagar de 1983), levando estes a deixarem de fornecer materiais à Câmara".

Neste contexto, o PCP considerou que "a não ser travada a política actual, a dívida, em Dezembro de 1985, ultrapassará largamente os 500 mil contos, a capacidade de endividamento ficará esgotada e o pagamento dos salários dos trabalhadores da Câmara e Juntas de Freguesia não estará assegurado".

Para travar o agravamento financeiro da Câmara e impedir que "esta paralise por completo", o encontro apontou a necessidade de continuar a reclamar do Governo, para 1985, "um aumento de 30 por cento, relativamente às verbas de 1984, do Fundo de Equilíbrio Financeiro (FEF), uma verba de 100 mil contos para comparticipação nos investimentos feitos na área do ensino primário e verbas sufi-

cientes para cobrir as despesas com os novos encargos nas áreas dos transportes escolares e acção social escolar".

Apontou, ainda, a necessidade de "orientar os investimentos da Câmara para a resolução dos problemas essenciais e não para obras de fachada" e de "aproveitar as capacidades dos seus serviços para a execução de obras por administração directa para satisfazer muitas das carências existentes".

O encontro considerou "positivo" o trabalho dos eleitos da APU no concelho, sustentando que esta coligação "é a única alternativa às forças políticas que detêm a maioria na Câmara e à gestão ruínoza, incompetente e corrupta aí praticada" por ser "a força política que defende, em quaisquer circunstâncias, os interesses e aspirações das massas populares".

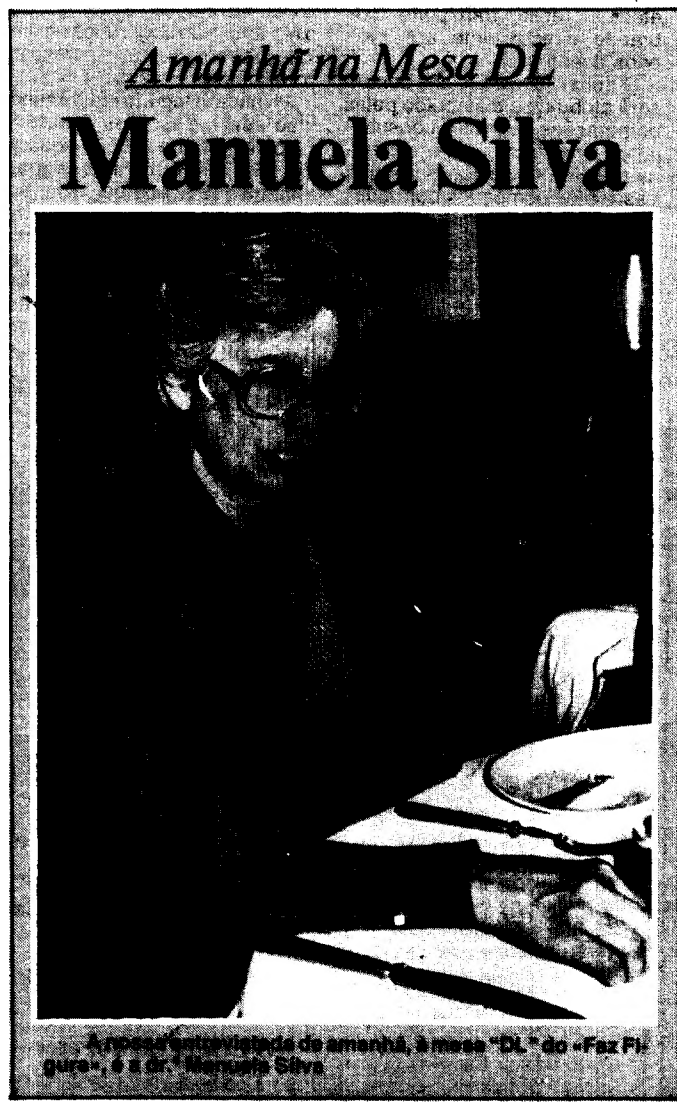
Presidente de Loures quer inspecção a processos de obras

O presidente da Câmara Municipal de Loures solicitou ao Ministério da Administração Interna que seja incluída na inspecção ao Município a investigação de 48 processos de obras com indícios de irregularidades, anunciou a edilidade.

A maioria dos processos em causa foram aprovados, em 1981, durante o período de vigência da Comissão Administrativa composta por autarcas do PS e da AD, que governou a Câmara até às eleições intercalares de 11 de Outubro.

Para a Presidência da Câmara de Loures a inspecção determinada pela Secretaria de Estado da Administração Autárquica "não se tem preocupado com os verdadeiros escândalos de aprovação de urbanizações pela anterior administração do PS".

A inspecção "parece mais preocupada em encontrar motivos para que o ministro da Administração Interna possa ir de encontro aos designios manifestados pelos interesses partidários do PS, ou seja, a demissão do presidente da Câmara por decisão administrativa do MAI ao abrigo da lei da tutela, que o Governo pretende aprovar", conclui o documento camarário.



Amanhã na Mesa DL
Manuela Silva

Amanhã na Mesa DL do "Faz Fala" de 18 de Março de 1985

de ontem para hoje

Dez mil portugueses estão ilegalmente na Galiza

CERCA de 10 mil portugueses, dos 15 mil que trabalham e residem na Galiza, encontram-se em situação ilegal. Estes números foram divulgados por dirigentes da UGT espanhola, após uma reunião com representantes da UGT portuguesa, no Porto, para análise das consequências da entrada dos dois países na CEE. As duas partes examinaram, durante o encontro, a constituição formal do Comité Galiza-Norte de Portugal.

Desapareceram de casa em Queluz



De Queluz Ocidental, onde residiam com os seus pais, desapareceram na passada quarta-feira as menores Cristina Machado Fernandes e Elizabeth Baptista Rijo, de onze e doze anos respectivamente. Ana Cristina envergava um fato de treino preto e ténis

azuis e brancos. Quanto a Elizabeth vestia calça e camisola pretas e um kispito cinzento escuro, com uma barra azul, calçando botas pretas. Qualquer informação sobre o seu paradeiro deverá ser dirigida para a PSP de Queluz ou para a autoridade mais próxima.

Brandoa quer esquadra da PSP

A freguesia da Brandoa pretende a instalação de uma esquadra da PSP, tendo para tal prescindido das novas instalações que lhe estavam destinadas. A Câmara da Amadora apoia a reivindicação de Brandoa, tendo já elaborado o respectivo projecto que foi remetido ao MAI.

Septuagenária assassinada em Rio Tinto

Uma septuagenária, Albertina da Conceição, viúva foi encontrada morta por asfixia na sua residência, em Rio Tinto, Gondomar. Segundo a Polícia Judiciária do Porto, a vítima, que deverá ter resistido a uma tentativa de assalto (tinha ferimentos no rosto) estava amar-

rada com o cinto do roupão, tendo uma meia apertada à volta do pescoço e encontrando-se amordaçada com uma meia de nylon. Os três filhos de Albertina da Conceição afirmaram que na residência da mãe faltavam vários objectos valiosos.

José Gomes Ferreira: rua em Braga

O nome do poeta José Gomes Ferreira passará a figurar numa das artérias da cidade de Braga, por decisão da Assembleia Municipal. A proposta, apresentada pela bancada da APU, foi aprovada por maioria, apenas com os votos contra do PPM. A reunião foi presidida por Salgado Zenha, marcando o regresso daquele político após longo período de ausência.

Duas mulheres mortas em Ourique

Duas mulheres morreram e dois homens ficaram feridos no despiste de um automóvel ocorrido na Estrada Nacional 264, próximo de Ourique. O acidente provocou a morte de Maria Rita Lencastre Almeida

Couto e de Maria Teresa Lagoa, e ferimentos graves em João Lencastre de Almeida Couto e em Jorge Manuel Almeida, os quais se encontram internados no Hospital de S. José.

Prémio para José Jorge Letria

José Jorge Letria recebeu sábado na Figueira da Foz o Prémio Literário Joaquim Namorado, instituído pela edilidade local. «Navegações do Marinheiro Afonso Caminha» é o título do conto premiado, entre os 96 trabalhos apresentados ao júri.

Coruche: apoio às vítimas das cheias

A Câmara Municipal de Coruche acusa o Executivo de Mário Soares de «ainda não ter tomado quaisquer medidas de apoio às vítimas das últimas cheias». Para a edilidade daquele concelho do distrito de Santarém «até ao momento as vítimas das cheias interrogam-se sobre quando responderá o Governo com os apoios necessários, pois já passaram dois meses e de resposta, nada». «A própria Câmara, vítima de milhares de contos de prejuízos — refere o comunicado — é ela a única entidade a proceder às necessárias reparações». As cheias de Janeiro último, em Coruche, provocaram danos na rede viária de todo o concelho, no comércio da baixa da vila e nas culturas de Inverno.



Bilha de gás ou bomba de média potência?

Explosão destrói cave de uma casa na Mealhada

As autoridades desconheciam esta manhã se a destruição parcial de uma residência ontem à noite em Santa Cristina, perto de Pampilhosa, foi provocada por uma bomba de média potência ou pelo rebentamento de uma pequena bilha de gás. A GNR inclinava-se para a segunda hipótese, mas populares de Santa Cristina, localidade que pertence ao concelho da Mealhada, afirmaram-nos que o rebentamento fora obra de um jovem que ontem à noite se transportava numa moto.

A explosão ocorreu pouco depois das 21 horas de ontem numa residência solitária de Santa Cristina, junto à estrada que liga esta localidade a Lou-

redo e Penacova, muito perto da EN entre Pampilhosa e Luso. O rebentamento destruiu a cave do edifício, propriedade de António Melo Semedo, empregado da indústria hoteleira em Aveiro.

A esposa e os dois filhos de António Semedo encontravam-se no 1.º andar. A mulher, disse-nos esta manhã um morador de Santa Cristina (freguesia de Vacariça), terá ouvido alguém chamá-la da rua, mas não atendeu. Foi então que o rebentamento se deu, acordando as duas crianças e, naturalmente, causando alvoroço na pequena localidade.

Segundo ainda o mesmo informador, a bomba — que não causou feridos —, terá sido man-

dada para o interior da cave por uma janela que estava aberta. A hipótese de rebentamento de uma pequena bilha de gás não parecia ter grande consistência, uma vez que a explosão se circunscreveu à cave (onde o proprietário da casa tinha a sua adega) e não se encontrava lá qualquer bilha. Por outro lado, a esposa de António Melo Semedo sustenta que momentos antes do rebentamento alguém a terá chamado, mas ela não ligou importância — porque o marido estava ausente.

APSP de Coimbra enviou esta manhã dois especialistas em minas e armadilhas ao local para apurar a origem do rebentamento, enquanto a PJ iniciava as investigações.

Polícia não encontrou droga no «Morrigan»

Investigadores policiais franceses e portugueses procederam ontem a uma operação de recolha de indícios no iate francês «Morrigan», no âmbito das diligências em curso sobre a descoberta de uma rede internacional de tráfico de droga.

A busca, que decorreu com a presença das autoridades marítimas e alfandegárias e o cônsul francês no Funchal, teve lugar no estaleiro da «Madeira Engene-

ering», não tendo sido permitida a presença de jornalistas.

Uma equipa de televisão chegou a ser impedida de filmar o veleiro no local.

Embora se saiba que o «Morrigan» era utilizado por «correios» no transporte de estupefacientes que eram introduzidos na Europa vindos da América Latina, de acordo com um responsável pelas investigações não foram

encontrados narcóticos como se suspeitava.

O veleiro — que se encontrava abandonado desde Dezembro de 1984 na marina do porto do Funchal, tendo sido o nome camuflado com coletes salva-vidas — vai voltar ao local onde permanecera selado e retido sob guarda da capitania, enquanto prossegue o levantamento do processo a cargo da PJ.

Com mais duzentos agentes este Verão

Governo reforça segurança no Algarve

Cerca de duzentos agentes de segurança vão reforçar o Algarve este Verão — anunciou o ministro da Administração Interna em Tavira. Eduardo Pereira disse ainda que esses agentes, na sua maioria da PSP, serão apoiados por um helicóptero que patrulhará as praias e as florestas e apoiará a Brigada de Trânsito da GNR.

O ministro Eduardo Pereira reuniu-se no último fim-de-semana em Tavira com os comandos da GNR, PSP, Guarda Fiscal e Polícia Judiciária, os Procuradores da República em Faro e Portimão e os presidentes da Protecção Civil e da Região de Turismo do Algarve, aos quais assegurou estar o Governo «empenhado em obter uma segurança total no Algarve».

O titular da Administração Interna anunciou a aposta numa maior vigilância no patrulhamento das florestas, através de elementos da cavalaria da GNR e o reforço dos meios de controlo e perseguição, utilizando para o efeito viaturas apropriadas, bem

como o plano de áreas a fechar nos casos de assalto e outras acções violentas.

A droga e o contrabando, outros dos problemas que preocupam os algarvios e as autoridades, foram igualmente debatidos no mesmo encontro, no qual também foi decidido estudar um esquema que permita detectar quer a introdução dos produtos na região quer a sua comercialização.

Note-se que já no Verão de 1984 os efectivos de segurança do Algarve foram minimamente reforçados e obtidos resultados, sobretudo preventivos, bastante positivos.

MAI adiantará 150 mil contos para os Bombeiros...

O Ministério da Administração Interna adiantará centena e meia de milhares de contos à Associação dos Bombeiros Portugueses, se até amanhã não for encontrada uma solução por parte do Ministério da Saúde que permita desbloquear meios fi-

nanceiros para o normal funcionamento dos bombeiros.

Concretamente, o MAI estará disposto a suportar um subsídio de cinco escudos por quilómetro para solucionar o problema do transporte de doentes em ambulância. Recorde-se que os bombeiros deram um prazo ao Governo para que este alterasse a sua participação na quilometragem efectuada pelas ambulâncias. Caso até quinta-feira o Governo não respondesse ao «último», os bombeiros estariam na disposição de só efectuar esse transporte cobrando directamente aos próprios doentes.

O subsídio de 150 mil contos será atribuído e distribuído pelas corporações do País e consubstancia, de facto, o reconhecimento das «dificuldades por que passam os bombeiros portugueses por questões que não lhes dizem respeito e que devem ser resolvidas pelo Governo», adiantou ainda Eduardo Pereira. O ministro admitiu dificuldades por parte do Ministério da Saúde em ultrapassar o problema, «mas —

Estudante português salva senhora idosa nos Estados Unidos

Um jovem trabalhador-estudante português deverá ter ganho uma bolsa de estudo na universidade norte-americana de Cincinnati para aplicar, num restaurante da Florida, onde trabalha, o método de salvação que aprendera no liceu, em Portugal.

O caso, que mereceu destaque na Imprensa da Florida do Sul, é referido no último número do semanário «A Voz de Portugal», que se publica em Montreal, Canadá.

Alberto Carvalho, de 20 anos, emigrou para os Estados Unidos há dois anos a fim de estudar medicina, ocupando os seus tempos livres como empregado de mesa num restaurante de Fort Lauderdale, na Florida do Sul.

A semana passada, o jovem português deparou com uma situação pouco vulgar numa das mesas em que servia, quando uma senhora correu perigo de vida por um pedaço de carne se lhe ter atravessado na garganta, impossibilitando-lhe a respiração.

Várias dezenas de pessoas viram então Alberto Carvalho aplicar à cliente o processo de salvação que aprendera quando frequentara o liceu em Portugal, acabando por salvar a vida à idosa cliente. Trata-se do «método de Heimlich».

disse — tal não deverá impedir que se encontre uma solução».

«Nunca vi turgório assim»

Eduardo Pereira visitou nesta sua deslocação ao Algarve, as instalações da PSP de Tavira, depois de se ter reunido na Câmara Municipal com autarcas da região para lhes dar a conhecer as medidas de segurança a adoptar este Verão.

«Turgório imundo» foi a definição que o ministro da Administração Interna deu às instalações da Polícia de Segurança Pública local. «É indecente que se deixem forças de segurança em instalações como estas», acrescentou Eduardo Pereira.

«Nunca vi turgório mais imundo que este», disse aos jornalistas depois da visita feita à esquadra da PSP. «Felizmente que a esquadra que acabo de visitar tem já novas instalações em construção», acentuou. «É muito bonito pedimos segurança e falamos nela, esquecendo-nos das condições que temos de dar àqueles que no-la têm de assegurar», concluiu.

bons melões



MELÃO VALENCIANO
MELÃO PELE DE SAPO
MELÃO BRANCO DO RIBATEJO
MELÃO AMARELO
MELÃO HÍBRIDO GALLICUM
SEMENTES DE PRODUÇÃO
DISPONÍVEIS EM LATAS DE 500 GRS
E BALDES DE 5 KILOS.



José Afonso Duarte

Rua de S. Nicolau, 24 Tel. 866754 863426
Rua de S. Mamede ao Caldas, 29 LISBOA
FILIAL EM FARO
Largo Dr. Francisco Sá Carneiro, 65 Tel. 26375



MINISTÉRIO DA SAÚDE

HOSPITAIS CIVIS DE LISBOA
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE APROVISIONAMENTO
SERVIÇO DE AQUISIÇÕES

ANÚNCIO

CONCURSO PÚBLICO N.º 3-0904/85
AQUISIÇÃO DE SACOS
PARA COLHEITA DE SANGUE

Recebem-se propostas até às 9,30 horas do dia 11 de Abril próximo para o mencionado concurso.

Os concorrentes poderão pedir ao Serviço de Aquisições (Campo dos Mártires da Pátria, 91) todos os dias úteis das 9 às 11,30 horas e das 14 às 16 as respectivas condições.

Serviço de Aquisições dos Hospitais Civis de Lisboa em 8 de Março de 1985.

O Chefe de Serviço
a) Ilídio Luís de Sousa



Modelo matemático "viu" mal os coliformes fecais

Tratamento dos esgotos de Lisboa comprometido por erro de 2000%

O êxito do Grande Interceptor de Esgotos de Lisboa e respectiva Estação de Tratamento de Águas Residuais (ETAR) está comprometido por um erro de 2000 por cento cometido na elaboração do caderno de encargos, com vista à construção do sistema que deverá aliviar o estuário do Tejo de uma das suas principais fontes poluidoras.

A adjudicação desta obra aguarda, por agora, essencialmente, do desbloqueamento das fontes de financiamento, calculadas à partida em seis milhões de contos. É com base nestas necessidades que se debate neste momento na Câmara de Lisboa uma proposta de Taxas de Saneamento que farão subir para mais de 90 escudos, em média, cada metro cúbico de água consumido pelos lisboetas.

O erro no Caderno de Encargos da obra resulta de um lapso considerável no modelo matemático elaborado pela Comissão Nacional do Ambiente e foi reconhecido publicamente por um seu técnico, prof. Daniel Rodrigues, também ligado ao estudo internacional da depuração do estuário do Tejo.

Este técnico reconheceu o lapso no recente Encontro de Cascais sobre o Saneamento da Costa do Estoril e o Estuário, no que foi corroborado pelo eng. Pedro Celestino da Costa, director de uma das firmas participantes no consórcio que deverá encarregar-se da construção do interceptor e da ETAR.

O defeito no modelo matemático referido está relacionado com o número de coliformes fecais em determinadas áreas do estuário do Tejo. Onde foram reportadas concentrações de 1000 (mil) coliformes fecais por 100

mililitros, elas, as concentrações, serão na verdade de 20 000 (vinte mil). Ou, seja, em suma, estamos perante um desvio de 2000 por cento, mais concretamente, de 20 vezes mais.

Errado está

O conhecimento destes dados já chegou ao plenário de vereadores da Câmara Municipal de Lisboa que, segundo apurámos, não se terá mostrado muito sensibilizado para a gravidade do problema. Curiosamente, o caso é posto à edibilidade através de uma carta do eng. Celestino da Costa, a um responsável de serviços municipais, o que foi tomado como uma prova de grande honestidade do seu subscritor, por se tratar de parte interessada na concretização do projecto.

Referindo palavras do prof. Daniel Rodrigues (que erros de 2000 por cento não tinham importância), o eng. Celestino da Costa diz, textualmente: «O modelo matemático acusa áreas de 1000/100 onde se determinam nas águas do estuário 20 000/100 (referências às concentrações de coliformes fecais)».

O valor de 1000 coliformes por 100 mililitros «seria um valor aceitável (que nem exigia obras)», considera Celestino da

Costa. Mas o valor de 20 000 «é perfeitamente inaceitável».

«Baseando-se num modelo errado, o Caderno de Encargos errado está», conclui o eng. Celestino da Costa.

As consequências de todo este problema é que parecem estar a ser subestimadas na Câmara de Lisboa, onde poderão prevalecer interesses eleitorais, de obras lançadas, sobre aquilo que aparece como evidência dos factos. De resto, os serviços de Saneamento da Câmara nem estarão habilitados a responder a eventuais questões porque o modelo matemático que serviu de base ao Caderno de Encargos não está ao seu dispor.

«Sendo a solução técnica aprovada provisoriamente baseada num Caderno de Encargos errado, tudo indica que ela própria estará errada», diz-nos um especialista na matéria. E, assim sendo, está questionada toda a actual versão do interceptor e tratamento de esgotos de Lisboa, bem como do seu principal objectivo: diminuir a poluição do estuário do Tejo.

Alcântara e Algés ficam de fora

Cabe aqui esclarecer que o Caderno de Encargos agora objecto de dúvidas foi elaborado no anterior mandato, por decisão assumida pelo actual presidente da Câmara, Krus Abecasis, e o eng. Rui Mendonça, então vereador eleito pelo PSD.

Uma das curiosidades de todo este processo é o facto de não estar incluída na fase do Interceptor/ETAR, agora em andamento, a zona de Algés/Alcântara. Este facto fica a

dever-se aos elevados custos previstos nas soluções propostas, quase todas em túnel, o que tornaria o orçamento incomportável.

Mas o eng. Celestino da Costa, considera, no documento a que nos referimos, que se trata de uma decisão «absurda», porque é a zona que mais pesa na poluição balnear e zonas desportivas.

O mesmo especialista contesta, ainda, o Caderno de Encargos, «dado o perfeito irrealismo». Mas não só, porque aponta a instalação de trituradores para tratar os esgotos da Baixa lisboeta como uma «farsa».

«Não representam benefício algum sensível para o estuário», concretiza, na carta enviada a Feio de Almeida.

Resta, agora, aguardar para ver se os cidadãos serão chamados a contribuir com novas taxas para um sistema que, à partida e atendendo a estes alertas, se antevê como mais um fracasso. É algo que está nas mãos dos actuais vereadores eleitos.

Discussão começa hoje

O lançamento de uma tarifa de saneamento para financiar os custos de investimento e exploração do sistema interceptor de esgotos é hoje objecto de uma reunião extraordinária da Câmara Municipal de Lisboa.

O presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Krus Abecasis, apresentou à Câmara, em Janeiro de 1985, uma proposta para o lançamento de uma tarifa de saneamento «relativa à apresentação de serviços pelo município no âmbito dos sistemas de resíduos sólidos e águas resi-

sumidores da EPAL no concelho de Lisboa.

De acordo com um estudo do Gabinete de Estudos e Planeamento da Câmara Municipal de Lisboa, «o lançamento de uma tarifa de saneamento assume um papel decisivo e fundamental na política financeira do município, como forma de gerar fundos próprios para possibilitar a normal e adequada prossecução das suas finalidades».

«A possibilidade de realização de um projecto indispensável à defesa do estuário do Tejo e à manutenção do sistema de resíduos cujos custos (de funcionamento e de investimento) ultrapassam anualmente os dois milhões de contos anuais só é possível de suportar através da contribuição directa dos utentes à semelhança do que acontece na generalidade das cidades da Europa», refere o estudo da CML.

Para o vereador Rui Godinho, da APU, a tarifa de saneamento «é incomportável para a maioria da população e é ilegal porque às autarquias não é permitido lançar tarifas e taxas sobre os municípios a não ser para pagamento de serviços públicos efectivamente prestados, o que não é o caso, porque esta tarifa visa custear um primeiro investimento».

Rui Godinho defende que a construção do sistema interceptor de esgotos deve ser custeado através de uma dotação do Orçamento de Estado, e não através do município, e afirma que «mesmo que a tarifa seja aprovada, o grupo de verificação da APU fará tudo para que não seja aplicada».

ARTIGO DE FUNDO



MÁRIO CASTRIM

Telejornal noticiou. Mostrou imagens. E depois apresentou as explicações do Ximon. Tudo segundo as boas regras da isenção: ouvir as duas partes. Depois, nas calmas, voltou a comer, despreocupadamente, seus tremoços.

Vocês, se calhar, não viram. Foi tudo muito depressa. E depois, como a televisão não voltou a falar no assunto, mesmo que tivessem visto, esqueceram. É natural. No entanto, acho que a RTP não pode cometer injustiças destas. Os espectadores portugueses tinham direito a uma informação mais completa, mais demorada, em resumo: mais saboreada. E porque? Porque aquelas imagens eram de facto emocionantes, exaltantes, simplesmente maravilhosas. Israel representa o espírito humanístico da nossa época e o facto de ser apoiado pelos Estados Unidos mais realça o significado de tal assunção. Como já devem ter percebido, refiro-me à acção israelita na aldeia libanesa de Zarie. Parte da população foi morta e parte foi levada como refém. Estupendo, como as tropas mandadas pelo governo de Israel, certamente alvejaram os carros, as casas, as pessoas. Cadáveres de crianças e mulheres juncavam as ruas. Uma acção verdadeiramente épica que os poetas sionistas não irão desaproveitar. Ao mesmo tempo, o facto traz-nos a consoladora certeza de que os valores tradicionais se mantêm em toda a sua pureza original. Todos nos lembramos das aldeias que os nazis arrasaram. Eu próprio visitei uma, a aldeia de Katin, na URSS, onde os alemães mataram todas as pessoas, chegaram a agarrar pelos pés nas crianças que fugiam, rodopiavam com elas e esmagavam-nas contra as paredes.

Muitos casos idênticos de massacres de populações poderia aqui citar. Não esquecerei, já agora, o feito heróico dos nazis em Guernica, aliás imortalizado pelo génio de Picasso. Havia quem julgasse que essas tradições se haviam perdido. A Israel, porém, cabe a honra de provar que não. Israel continua na linha dos valores ancestrais. A gesta de Zarie é digna dos exemplos herdados. E mesmo que o Telejornal silencie, em verdade vos digo que Zarie não será esquecida.

Ainda o diferendo com Crestuma

Não houve listas em Lever

As eleições para a Junta de Freguesia de Lever, concelho de Vila Nova de Gaia, não se realizaram ontem por não se ter apresentado ao acto qualquer lista concorrente.

Esta tomada de posição dos partidos políticos «manter-se-á enquanto não estiverem definidos os limites geográficos das freguesias de Lever e Crestuma», disse à NP o presidente da Comissão Administrativa da Junta de Lever.

Segundo Pinho da Silva, os partidos políticos e a população de Lever acordaram em que «enquanto não estiverem definidos os limites geográficos das duas localidades, de forma justa e concreta, não haverá eleições».

«Actualmente, uma comissão, formada por elementos da Junta de Freguesia de Lever e Crestu-

ma, está a estudar a forma mais correcta da repartição geográfica da zona, para posteriormente enviar a sua opinião à Assembleia da República» acrescentou.

O autarca informou que «oficialmente e se tudo decorrer com a brevidade desejada» as próximas eleições realizar-se-ão daqui por seis meses conforme estabelece a lei em casos idênticos.

A anterior Junta de Lever era composta por três elementos do PSD, que aquando dos problemas de delimitação geográfica, surgidos naquela localidade se demitiram, passando a autarquia desde meados de 1983 a ser dirigida por uma Comissão Administrativa.

A Junta de Freguesia de Lever, que pertence ao concelho de Vila Nova de Gaia, possui actualmente cerca de cinco mil habitantes e 2120 eleitores inscritos.

APU de Faro acusa presidente da Câmara de ser prepotente

A coordenadora de Faro da Aliança Povo Unido acusou o presidente da Câmara da capital algarvia de «arbitrário e prepotente» por ter retirado na terça-feira, ao vereador da APU, a tempo inteiro na autarquia, os pelouros da habitação e do saneamento básico.

Segundo a Aliança Povo Unido refere em comunicado, a decisão de retirar a Eurico Antunes as responsabilidades daquelas duas áreas «não pode ser separada do facto de, em ano de eleições, tanto o PSD como o PS não estarem interessados no trabalho do vereador».

No mesmo documento a APU acusa os deputados municipais

do PS e PSD de terem aprovado «ilegalmente» uma taxa de recolha de lixo.

Contestando a aprovação daquela taxa na última Assembleia Municipal, a APU anuncia que vai recorrer ao Tribunal Constitucional e à Auditoria Administrativa para que anule a decisão.

No comunicado, a Aliança Povo Unido contesta a proposta aprovada na mesma Assembleia Municipal sobre a venda e aluguer de casas de habitação social construídas em blocos, na antiga carreira de tiro de Faro.

Para a APU, aquela forma de distribuição das casas «irá manter a população carenciada sem habitação».



A cultura africana e, em especial, a dos países de língua portuguesa, está amplamente documentada na colecção do Museu

Museu de Etnologia abre ao público em Outubro

O Museu de Etnologia, sito na Avenida da Ilha da Madeira, ao Restelo, vai finalmente abrir ao público no último trimestre deste ano. No orçamento para 1985 do Instituto de Investigação Científica e Tropical, entidade a que pertence o Museu de Etnologia, foram inscritas as verbas necessárias ao desencadeamento do processo de abertura.

Antes de encerrar para preparação das exposições inaugurais, o Museu deverá abrir, em período pré-inaugural, de 19 a 31 do corrente, para satisfazer todos os que pretendam conhecer as actuais exposições: Arte Africana, e Instrumentos Musicais Portugueses.

Durante esse breve período

haverá duas visitas guiadas, às 11 e às 15 horas, sendo o horário de abertura, todos os dias, com excepção da segunda-feira, dia 25, das 10 às 12 e das 14 às 17 horas. A entrada é livre.

Do programa inaugural constam quatro exposições: Escultura africana; O corpo, festa e rito; Têxteis: tecnologia e simbolismo e Desenho Etnográfico de Fernando Galhano.

Criado pelo professor Jorge Dias, o Museu de Etnologia possui hoje uma colecção de dezenas de milhares de peças, as quais são testemunho de culturas de grupos étnicos de todo o mundo, especialmente dos países africanos de língua portuguesa e, até de Portugal, de que

possui a mais rica colecção etnográfica.

O Museu, que funciona em estreita colaboração com o Centro de Antropologia Cultural e Social, também integrado no IICT, tem desenvolvido acção pedagógica e científica relevante, através de exposições, publicações, conferências, seminários, cursos e outras acções de carácter cultural, científico e técnico.

Dada a importância da sua colecção, o Museu de Etnologia tem sido visitado por personalidades de todo o mundo bem como especialistas nacionais e estrangeiros e estudantes de todos os níveis.

Iraque anuncia derrota da ofensiva iraniana

O Iraque anunciou hoje que derrotou a ofensiva iraniana nos pantanos de Hawizan, na frente sul da guerra, desencadeada há seis dias.

Por sua vez o Irão afirmou que causou mais de 12 mil baixas e fez três mil prisioneiros ao Iraque nas lutas que decorreram nesta zona na semana passada.

O ministro iraquiano da Informação, Latif Jassem, disse ontem que as tropas iraquianas tinham morto ou ferido 15.000 soldados iranianos e capturado milhares durante a batalha de Hawizan.

Os dois países costumam reclamar vitórias na guerra que decorre há quatro anos e meio, em comunicados muitas vezes contraditórios. As informações sobre a luta nos pantanos de Hawizan não puderam ainda ser confirmadas independentemente.

O ataque iraniano nesta zona parece ter como finalidade cortar a estrada estratégica que liga Bagdade a Bassorá, e os combates têm-se desenrolado 120 quilómetros a norte desta cidade iraquiana.

Simultaneamente os dois países aumentaram os ataques retaliatórios com artilharia, mísseis

e aviação contra objectivos civis, nomeadamente cidades e aeroportos.

O Iraque disse que os seus aviões de combate atacaram ontem Teerão e mais três cidades iranianas e dois «alvos navais muito grandes» no golfo Pérsico.

Um porta voz militar disse que jactos iraquianos atacaram além de Teerão, Qazvin, 200 quilómetros a noroeste da capital, Kashan, 180 quilómetros a sul de Teerão, e Hamadan, 250 quilómetros da fronteira.

O mesmo informador acrescentou que dois navios foram atacados perto do terminal petrolífero iraniano da ilha de Kharg, pelas 8h30 locais (5h30 de Lisboa).

Segundo fontes ligadas à navegação, dez pessoas que se encontravam a bordo do navio ficaram feridas, três das quais em estado grave.

As mesmas fontes acrescentaram que a zona onde o navio se encontra sugere ter-se tratado de um ataque iraniano.

Iraque reivindicou o ataque contra «dois alvos navais muito grandes» — expressão normalmente utilizada para designar os

petroleiros — mas as fontes em Manama dizem não ter por enquanto conhecimento de ataques iraquianos na zona.

O governo do Kuwait fez ontem um aviso acerca das graves consequências para toda a região do golfo do bombardeamento de um superpetroleiro de pavilhão liberlandês alugado pela companhia de petróleo do Kuwait, e carregado com 1,8 milhões de barris de petróleo daquele país, fora atingido por um míssil presumivelmente iraniano, 25 quilómetros a norte da ilha de Halbul.

O governo do Kuwait declarou que pedirá uma reunião de emergência do Conselho de Segurança das Nações Unidas «para impedir a escalada de violência na zona», e considerou esta reunião como um prelúdio para conversações de paz entre o Irão e o Iraque.

O Iraque pediu sábado à noite ao Conselho de Segurança das Nações Unidas para conseguir um cessar fogo na sua guerra com o Irão.

O pedido foi apresentado pelo ministro iraquiano dos Negócios Estrangeiros, Tareq Aziz, onde solicita igualmente que as Na-

ções Unidas supervisionassem uma retirada das forças dos dois países para as fronteiras reconhecidas internacionalmente.

A carta afirma nomeadamente que já é tempo das Nações Unidas tomarem medidas por forma a alcançar-se uma solução global para o conflito entre o Iraque e o Irão.

O ministro iraquiano pede neste sentido ao secretário-geral das Nações Unidas para encetar contactos directos com ambas as partes.

O ministro dos Negócios Estrangeiros do Kuwait, xeique Sabah Al-Ahmed, disse ontem que a escalada da guerra Irão-Iraque tornava imperativo ao conselho de cooperação do golfo trabalhar para impedir a intervenção estrangeira.

O governante declarou que o conselho deverá fazer tudo para pôr fim ao conflito.

O conselho integra a Arábia Saudita, os Emirados Árabes Unidos, Qatar, Barein, Oman e Kuwait, que preside à actual 14.ª reunião da aliança criada há três anos para a defesa colectiva da região e promoção da sua unidade económica.

efectivos militares cubanos de Angola.

Uma recente reunião entre governantes angolanos e norte-americanos decorreu em Luanda quando o adjunto de Crocker, Frank Wisner, representou os EUA.

Reagan no Canadá

Controvérsia sobre chuvas ácidas parece ter chegado ao fim

A controversa questão das chuvas ácidas foi finalmente resolvida entre os Estados Unidos e o Canadá numa cimeira de dois dias iniciada ontem entre Ronald Reagan e o primeiro-ministro Brian Mulroney.

O presidente norte-americano e o primeiro-ministro canadiano prosseguem hoje as conversações sobre desarmamento e relações Leste-Oeste.

Após três anos de polémica em torno da questão da chuva ácida, os dois líderes concordaram finalmente em pôr fim a esta controvérsia.

«Temos de cuidar e tentar preservar este belo continente para que as gerações futuras de canadianos e norte-americanos possam disfrutar dele», afirmou Reagan.

Os dois países vizinhos estiveram durante muito tempo ameaçados pela poluição, que os cientistas dizem ser causada pelo dióxido sulfúrico lançado na atmosfera por carros e fábricas.

No seu encontro de ontem,

Reagan e Mulroney concordaram em coordenar os esforços antipoluição dos dois países. Para tal estão a ser analisadas as leis de defesa ambiental.

Durante esta sua visita ao Canadá, Reagan terá ainda oportunidade de ouvir a opinião de Mulroney sobre o novo presidente soviético, Mikhail Gorbachev, com quem o primeiro-ministro canadiano se encontrou na passada semana, em Moscovo, durante o funeral de Konstantino Chernenko.

Reagan e Mulroney efectuarão hoje a segunda ronda de conversações, no decorrer da qual se prevê que abordem as relações Leste-Oeste e o controlo de armas.

Após as conversações de ontem os dois líderes pareciam de boa disposição, apesar da Polícia canadiana ter detido alguns manifestantes que gritavam slogans anti-Reagan em frente ao hotel onde se encontrava hospedado o presidente norte-americano.

“Pirata do ar” abatido em Riad

Funcionários da segurança saudita abateram ontem a tiro um pirata do ar norte-íemenita, a bordo de um Boeing 727 da Arábia Saudita, após a explosão de uma granada de mão no avião que causou «ligeiros danos», anunciou a agência noticiosa saudita.

Citando um comunicado do Ministério da Defesa saudita, a agência captada no Abu Dabi afirmou que todos os 76 passageiros e 21 tripulantes estavam a

salvo após o incidente, que durou seis horas.

O pirata do ar, Alawi Al Muqbili, de 23 anos, natural do Iémen do Norte, ordenou ao piloto que tomasse uma rota diferente do seu percurso habitual entre Jida - Riade - Koweit.

Outro iemenita do Norte desviou um avião saudita com 117 passageiros para Teerão em Novembro passado. O pirata havia exigido um milhão de dólares a dividir entre si e o seu país.

EUA e Angola dialogam em Cabo Verde

O Departamento de Estado anunciou que o secretário de Estado Assistente Norte-Americano para os Assuntos Africanos, Chester Crocker, chegou ontem a Cabo Verde para conversações com uma delegação angolana.

Crocker vai debater a situação da Namíbia e terá conversações com a delegação angolana no princípio da semana. As consultas são a última de uma série de conversações sobre a independência da Namíbia.

Os Estados Unidos não têm

formalmente relações com Angola mas fontes oficiais admitem que o reconhecimento diplomático é encarado no âmbito da resolução dos problemas da África Austral.

A África do Sul liga a independência da Namíbia à retirada de

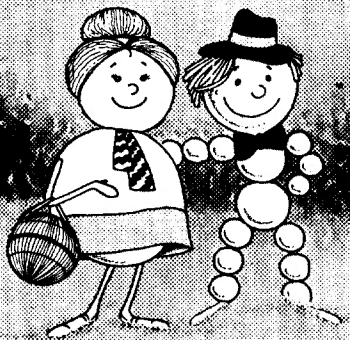
efectivos militares cubanos de Angola.

Uma recente reunião entre governantes angolanos e norte-americanos decorreu em Luanda quando o adjunto de Crocker, Frank Wisner, representou os EUA.



assim cantam o
Sr. PALPITE e a D. TALUDA

Primavera, tanta flor
tanto amor, tanta alegria
... e tanto, tanto valor
nos prémios da Lotaria!



Habilite-se todas as semanas
aos fabulosos Prémios da
LOTARIA NACIONAL



SINDICATO DOS TÉCNICOS DE DESENHO

SEDE E DELEGACÃO DO SUL:
AVENIDA DUQUE DE LOULÉ, 126-3.º
Telefones 55 39 77/78/80
1098 - Lisboa - Codex

DELEGACÃO NORTE:
RUA SANTA CATARINA, 286-2.º ESQ.
Telefones 32 32 82 - 32 33 07 - 32 33 32
4000 - Porto

CONVOCATÓRIA

Nos termos do Art.º 28.º e para cumprimento das alíneas b) e c) do Art.º 24.º e ponto 2 do Art.º 21.º dos Estatutos, convoco a Assembleia Geral do Sindicato dos Técnicos de Desenho, nos locais e horas indicados com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

- 1 — Aprovar o Relatório e Contas da Direcção e o parecer da Comissão Fiscal, referente ao exercício de 1984;
- 2 — Apreciar e deliberar sobre o Plano de Gestão para o ano de 1985, proposto pela Direcção;
- 3 — Eleição de um membro para Comissão Fiscal.

LOCAIS

LISBOA — 29/3/85 — 21 Horas — Sindicato dos Técnicos de Desenho

Av. Duque de Loulé, 126-3.º — LISBOA

PORTO — 30/3/85 — 15 Horas — Sindicato dos Técnicos de Desenho

Rua Santa Catarina, 286-2.º Esq. — PORTO

NOTA: Art.º 290.º — 1. As reuniões da Assembleia Geral têm início à hora marcada com presença da maioria dos sócios ou 30 minutos depois com qualquer número, salvo os casos em que a Lei ou estes Estatutos disponham diferentemente.

Lisboa, 15 de Março de 1985

O Presidente da Mesa A. Geral
Jorge Rosa Vieira

Segunda volta das "cantonais"

Direita francesa conquista maioria

O eleitorado francês confirmou uma viragem à direita na segunda volta das eleições cantonais, realizada domingo, apesar de uma ligeira melhoria dos partidos da Esquerda.

A votação para metade dos lugares nos Conselhos Gerais dos 98 Departamentos Metropolitanos e Ultramarinos da França constituiu o principal escrutínio antes das eleições parlamentares a efectuar em Março de 1986.

A esquerda obteve até agora 44 por cento dos votos, contra 56

por cento da direita, tendo perdido também o controlo de dez departamentos.

Depois das duas voltas das eleições em 96 departamentos metropolitanos, excluindo Paris (controlado pela Oposição), o Partido Socialista e os seus aliados ficaram apenas a controlar 26.

Os socialistas perderam cerca de um quarto dos 579 lugares que defendiam, enquanto a representação do Partido Comunista ficou quase reduzida a metade.

O principal vencedor foi o partido neo-gaullista União para a República (RPR), que aumentou o seu total de lugares de 245 para 372. O seu parceiro, a União para a Democracia Francesa (UDF) também acrescentou 69 lugares aos 432 que possuía.

A Frente Nacional, de extrema-direita, liderada pelo controverso Jean-Marie Le Pen, que conquistou cerca de 9 por cento dos votos na primeira volta, obteve apenas um ou dois lugares. Este partido anti-imigração conseguiu, porém,

uma grande vitória em Marselha, onde o seu candidato derrotou o líder gaullista local.

Dirigentes da RPR e da UDF elogiaram os resultados como uma prova de que os seus partidos detêm agora a maioria dos votos.

No entanto, os socialistas salientaram que os principais partidos da Oposição precisam do apoio da Frente Nacional para vencer a nível de todo o país.

A Frente Nacional deverá ser a

principal beneficiária se o presidente François Mitterrand avançar com a sua proposta de reforma do sistema eleitoral e introduzir este ano a representação proporcional.

A UDF e a RPR obtiveram uma vitória moral no departamento de Isère, nos arredores de Grenoble, onde o presidente da Assembleia Nacional e dirigente socialista Louis Mermaz perdeu a presidência do Conselho Municipal, apesar do apoio que recebeu na campanha eleitoral com a presença

do primeiro-ministro, Laurent Fabius.

A Oposição também passou a controlar Var, antigamente um reduto da esquerda, e os departamentos de Gironde, Charente Maritime.

Eure et Loire, Córsega do Sul, Indre, Alpes de Haute Provence, Correze e Oise.

Mas a esquerda manteve-se firme em Puy-de-Dôme, onde a campanha da oposição foi liderada pelo ex-presidente Valéry Giscard d'Estaing.

Desmantelada na África do Sul

Rede de contrabando apoiante da RENAMO

A África do Sul anunciou sábado ter descoberto parcialmente um grupo internacional de contrabandistas, falsificadores e homens de negócios apoiantes da RENAMO, organização antigovernamental moçambicana.

O ministro dos Negócios Estrangeiros da África do Sul, Rolf Botha, que fez a revelação no dia em que passa o primeiro aniversário do acordo de Nkomati entre Maputo e Pretória, não forneceu pormenores como a identidade dessas pessoas.

Não especificou quem são os "financeiros, homens de negócios e banqueiros hostis a Moçambique e à África do Sul" que auxiliam os guerrilheiros da RENAMO, mas disse que têm "grandes interesses políticos e económicos na África, América Latina e Europa" e que estão "aparentemente determinados a transformar Moçambique na sua reserva económica privada".

Botha reafirmou, em conferência de imprensa relacionada com o primeiro aniversário dos acordos de Nkomati, que Pretória tem "um interesse muito real, material", na sua implementação e que fará "tudo ao seu alcance" para o fazer funcionar.

Na conferência de imprensa falou também o general Magnus Malan, ministro da Defesa, que na quinta-feira esteve em Maputo.

Malan declarou que "em nenhuma ocasião Moçambique acusou o governo sul-africano de violar o acordo", mas sublinhou ser importante que o governo de

Maputo e a REANMO façam as pazes.

O ministro da Defesa, citado pela agência UPI, declarou que a RENAMO, mesmo que ganhasse a guerra, não conseguiria governar o país.

"A única maneira de resolver (o conflito) é reunir as duas partes", disse.

O ministro dos Negócios Estrangeiros mostrou notas falas de 100 dólares norte-americanos e de 50 rands sul-africanos para afirmar que um grupo de falsificadores "ligados à RENAMO" — e que também imprimia propaganda dos rebeldes — foi descoberto a operar a partir de Joanesburgo.

Dois deles fugiram para a Europa, mas os outros serão "em breve" levados a tribunal, acrescentou.

Os dólares falsos, de acordo com o FBI norte-americano, são sofisticados e de elevado padrão de qualidade. Não foi revelado quantos dólares falsos estavam em circulação.

Botha também não especificou como é que as falsificações estavam ligadas ao contrabando de marisco, marfim, diamantes e esmeraldas de Moçambique e de armas para a RENAMO.

Críticas a Pretória

A África Austral regressou ao clima de confrontação e os acordos celebrados entre os governos sul-africano, moçambicano e angolano "são meros pedaços de papel", afirmou o diário ale-

mão-federal "Sueddeutsche Zeitung".

Num artigo sobre o primeiro aniversário da assinatura dos acordos de Nkomati, entre Pretória e Maputo, o diário liberal de Munique responsabiliza o governo sul-africano pelo seu falhanço.

"Existem vários e claros indícios de que Renamo — Resistência Nacional Moçambicana — continuou a receber ajuda directa ou indirecta sul-africana nos últimos doze meses".

A ajuda sul-africana, segundo o jornal, terá sido fornecida por círculos militares sul-africanos e por retornados portugueses, à revelia de Pretória.

Os acordos de Nkomati obrigavam os governos de Moçambique e da África do Sul a suspenderem todas as formas de apoio a movimentos político-militares de oposição a cada um dos regimes. Renamo e Congresso Nacional Africano (ANC).

"Moçambique cumpriu integralmente o acordo, mas a África do Sul não quis ou não pôde cumpri-lo", frisa o diário.

O "Sueddeutsche Zeitung" responsabiliza Pretória pelo falhanço da política de aproximação ao Ocidente iniciada há alguns anos pelo presidente moçambicano Samora Machel.

O regime de Pretória é igualmente acusado de não ter cumprido o acordo que assinou com o governo de Luanda sobre a retirada completa das tropas sul-africanas do Sul de Angola.

"Não deixa de ser irónico que

seja exactamente a política externa anticomunista de Pretória que dá aos soviéticos e seus aliados novamente a possibilidade de recuperarem terreno na região", frisa o "Sueddeutsche Zeitung".

Entretanto, os partidos governamentais da República Federal da Alemanha estudam actualmente a convocação de uma grande conferência económica para aprovação de um plano de ajuda económica à Namíbia após a independência, revela o jornal "Frankfurter Allgemeine".

"O objectivo da conferência deverá ser inventariar as necessidades de ajuda financeira e investimentos, incluindo o sector privado, e preparar os acordos de enquadramento político-financeiro", acrescentou o jornal.

O "Frankfurter Allgemeine" sublinha que "as avultadas ajudas prometidas deverão ser garantidas a partir do dia da independência seja quem for que assumo o poder em Windhoek".

Os patrocinadores da iniciativa, deputados da maioria governamental e antigos dirigentes políticos, não identificados, consideram "fundamental" a participação da "SWAPO" na conferência. Além do Movimento de Libertação do Sudoeste Africano, deverão participar igualmente na conferência os restantes partidos namibianos, os Estados da "Linha da Frente", instituições alemãs-federais de ajuda ao desenvolvimento e empresas privadas.

Tancredo Neves recupera

Palavra de ordem no Brasil "não gastar"

A palavra de ordem no Brasil é "não gastar", declarou ontem o presidente Tancredo Neves aos seus ministros em discurso lido pelo presidente interino, José Sarney.

Tancredo Neves, ainda retido no hospital depois da intervenção cirúrgica aos intestinos a que foi sujeito na sexta-feira de madrugada, determinou no seu discurso que os ministros procedam, no prazo de 90 dias, a um levantamento das disponibilidades nos respectivos ministérios e nas empresas a eles ligados.

Enquanto isto, as despesas devem limitar-se ao estritamente indispensável.

Tancredo Neves entende que desta forma dá a primeira demonstração de que desenvolverá uma política de austeridade.

Após a leitura do discurso, feita em sessão pública, os ministros passaram à sua primeira reunião, à porta fechada.

Fontes ministeriais disseram que medidas de ordem prática estiveram em debate, para que se possa iniciar de imediato a execução das directivas fundamentais do presidente.

Tancredo Neves continua a recuperar bem, de acordo com os médicos, e dentro de duas semanas, espera-se que possa assumir plenamente as suas funções.

Entretanto, segundo o seu médico pessoal, o presidente Tancredo Neves não contraiu uma pneumonia mas está a ser tratado

com antibióticos porque tem uma infecção nos pulmões.

Um boletim médico oficial do Hospital da Base, na capital federal brasileira, indicava ao fim da noite de ontem que o estado de saúde do presidente é "satisfatório".

Pouco após ter sido operado na quinta-feira à noite a uma inflamação no cólon, um boletim médico classificava de "excelente" o estado de saúde de Tancredo Neves.

Mais de 60 horas após a intervenção cirúrgica nenhuma fotografia oficial foi publicada e as visitas de não familiares continuam proibidas.

O boletim de ontem, acrescenta que uma radiografia tirada ao tórax e ao abdómen do presidente brasileiro mostrou a presença de pequenas alterações respiratórias, cujo controlo requer apenas uso de antibióticos.

Um outro médico do hospital da Base, que pediu o anonimato, disse que antes de Tancredo Neves ter sido operado foi-lhe detectado uma atelectase benigna, uma situação em que os pulmões não funcionam regularmente e que pode ocorrer durante uma vulgar gripe.

Tancredo Neves, de 75 anos, que foi operado na véspera do dia em que devia ter tomado posse foi substituído interinamente no cargo de chefe de Estado pelo vice-presidente eleito José Sarney.

Bispos católicos dos EUA rejeitam míssil

Os bispos católicos dos Estados Unidos pediram ao Congresso que rejeite o pedido de verba destinada aos mísseis MX feito pelo presidente Ronald Reagan, defendendo que o dinheiro seja utilizado para combater a fome.

O apelo dos bispos está contido numa carta enviada sexta-feira a todos os membros da Câmara de Representantes e do Senado pelo bispo James Malone, presidente da conferência católica dos Estados Unidos.

O Congresso começa a votar na próxima semana nova dotação financeira para o projecto MX.

A carta afirma que os bispos pretendem que o projecto seja "arquivado" dado "o impacto potencialmente desestabilizador deste sistema de armas na corrida nuclear, e o seu custo, visto à luz das prementes necessidades humanas, aqui e em todo o mundo".

Em vez de gastar 1500 milhões de dólares para os 21 mísseis MX adicionais que Reagan quer ver construídos, o Congresso devia encerrar "as ne-

cessidades humanas" do Mundo, entre as quais "a fome entre nós, aqueles que sem casa caminham nas nossas ruas".

IVA

Curso pós-laboral orientado por economista, que tem ministrado outros cursos sobre o IVA, visando:

1. Caracterização do imposto sobre o Valor Acrescentado;
2. Análise e interpretação do código;
3. Análise das implicações contabilísticas ao nível do POC.

Duração: 15 horas, a iniciar brevemente.

Informações e inscrições: DEC, Tel. 530650 Av. Duque d'Ávila, 69-1.º-E — 5102 LISBOA

Plano de paz em discussão

Mubarak e Hussein encontram-se hoje na capital jordana

O presidente Hosni Mubarak, do Egipto, e o rei Hussein da Jordânia encontram-se hoje para analisar os resultados da visita do primeiro aos Estados Unidos — anunciou a agência MENA.

A agência não revelou todavia se as conversações decorrerem no Cairo se em Amã, mas um funcionário jordano revelou que o encontro decorria na capital hachemita.

Será o quinto encontro dos dois dirigentes desde que as relações diplomáticas entre o Egipto e a Jordânia foram restabelecidas em Setembro.

Em entrevista publicada ontem pelo "New York Times", Hussein afirma que os Estados Unidos devem tomar parte no processo de paz do Médio Oriente encontrando-se com uma delegação jordano-palestina e que quaisquer ne-

gociações devem envolver a Organização de Libertação da Palestina (OLP).

Tenho feito o melhor que posso para avançarmos para a paz.

Não devemos perder esta oportunidade, que será a última — disse Hussein.

O "New York Times" comenta que a insistência jordana no envolvimento dos Estados Unidos no processo de paz baseado no acordo de 11 de Fevereiro entre a Jordânia e o Líder da OLP, Yasser Arafat, parece demonstrar um impasse nos esforços recentes para reactivar as conversações entre árabes e israelitas.

Entretanto, Yitzhak Shamir, ministro israelita dos Negócios Estrangeiros, declarou ontem em Montreal (Canadá) que a paz no Médio Oriente é possível, mas não com a Organização para a Li-

bertação da Palestina (OLP).

Falando a 1500 judeus numa Sinagoga de Montreal, Shamir disse que Israel está pronto a um diálogo de paz com o Egipto e com a Jordânia, mas não com a OLP.

Milícias em luta

Milícias cristãs libanesas mantêm-se em revolta contra planos de reforma que dão mais poder aos muçulmanos do país, apesar de sinais da Síria de que não assistiria impassível a uma rebelião.

Tropas sírias concentraram-se no fim-de-semana ao Norte do território libanês em poder dos rebeldes, que se revoltaram na semana passada contra planos do presidente cristão, Amin Gemayel, para chegar a um acordo político com os Muçulmanos.

A até quarta-feira em Bruxelas

Ultima hipótese negociada na CEE para a adesão em Janeiro de 86

Os ministros dos Negócios Estrangeiros dos dez países da Comunidade Económica Europeia iniciaram ontem uma reunião de quatro dias para decidir se Portugal e Espanha ingressam ou não na CEE em 1 de Janeiro de 1986, como está previsto.

Se até quarta-feira os Dez não conseguirem chegar a acordo, primeiro entre si sobre as condições para os novos membros e depois com Lisboa e Madrid, não haverá hipótese de terminarem com êxito na data marcada os sete anos de negociações sobre o alargamento da comunidade, sublinharam fontes comunitárias.

Uma das principais dificuldades é o acesso da grande frota pesqueira espanhola às águas da Comunidade. As cinco nações pesqueiras do Norte — Grã-Bretanha, Dinamarca,

França, Irlanda e Alemanha Federal — desejam manter a Espanha fora das suas águas até ao fim do século e exigem grandes reduções na frota espanhola.

A Espanha, cujos 17 000 arastões representam dois terços da frota total da CEE, insiste num rápido acesso aos bancos de pesca da Comunidade e opõe-se a qualquer «discriminação» contra os seus cerca de 100 000 pescadores.

Outro grande ponto de discordância é a questão dos vinhos, dos frutos e vegetais, de Portugal e Espanha. A França, especialmente, receia uma inundação dos seus mercados com produtos mais baratos do Sul.

Uma terceira questão, ainda por resolver, é o calendário e as condições de concessão de direitos iguais de trabalho para os emigrantes espanhóis e portu-

gueses nos restantes países da Comunidade.

O primeiro dia da maratona de trabalho na Comunidade saldou-se sem resultados visíveis, depois de a presidência italiana, através de Giulio Andreotti, ministro dos Negócios Estrangeiros, ter recebido em audiências separadas os representantes de cada um dos dez países membros.

Estas audiências processo à margem do plenário, e conhecido como «confessionário» visaram aplanar as divergências e aproximar posições. Para hoje está agendado um encontro formal dos ministros dos Negócios Estrangeiros da Comunidade precedido de audiências separadas ao chefe das delegações espanhola e portuguesa (Emílio Lopes), que se encontra desde ontem em Bruxelas.

Paralelamente, delegações oficiais representando Espanha e Portugal reúnem-se, em Madrid, na sexta-feira, para continuarem as conversações sobre o acordo que regulará as relações luso-espanholas durante o período transitório de adesão à CEE, informaram fontes diplomáticas.

A reunião de sexta-feira mantém o carácter «técnico e exploratório» com a intenção de «aproximar posições», semelhante ao das reuniões da semana passada, também em Madrid.

As autoridades espanholas defendem a necessidade de «começar a redigir documentos» enquanto Portugal mostra menos pressa e prefere que isso se faça apenas «depois de se chegar a um acordo técnico e político».

Mesmo sem acordo do trabalhador

Empresas podem pagar salários por cheque

As empresas passam a poder pagar os salários através de cheque, vale postal ou depósito à ordem, sem consentimento do trabalhador — segundo legislação publicada hoje no Diário da República.

Até agora a lei em vigor já admitia aquelas três possibilidades de pagamento, mas era obrigatório o acordo do trabalhador.

A nova lei estabelece, no entanto, três condições para esta forma de pagamento, a primeira das quais é a de que o trabalhador terá de ter o salário em dinheiro à disposição «na data do vencimento ou no dia útil imediatamente anterior».

Com prioridade à investigação

Siemens anunciou investimentos de nove bilhões de marcos

A Siemens AG, conglomerado multinacional de raiz alemã, voltou especialmente para a electrónica e as telecomunicações vai investir no período de 84/85 cerca de nove bilhões de marcos uns 200 milhões de contos) ou seja, o dobro do exercício anterior.

A revelação foi feita pelo presidente executivo da companhia, Karlheinz Kaske, em conferência de imprensa internacional em Munique. Praticamente metade da verba a investir será aplicada na investigação e no desenvolvimento técnico com o objectivo declarado de não perder a corrida ao domínio da tecnologia de ponta que tem os japoneses como principais adversários no mercado mundial.

Karlheinz Kaske revelou, igualmente, que a Siemens estuda a hipótese de um investimento futuro, de cerca de nove bilhões de marcos, em domínios que incluem a formação e a informação de pessoal a todos os níveis. Segundo o mesmo responsável, a empresa espera atingir, no ano comercial de 84/85, uma entrada de encomendas e um volume de vendas superiores a 50 bilhões de marcos.

Momento crítico no sector das máquinas industriais

As empresas portuguesas que se dedicam ao comércio de máquinas industriais «estão a atravessar um momento crítico da sua existência» — segundo um relatório da Associação do sector, divulgado pela NP.

Nun inquérito de conjuntura feito às empresas que desenvolvem a sua actividade naquela

área feito pela respectiva associação, verificou-se que 77,8 por cento delas registaram, em termos nominais, em 1984, uma diminuição de vendas na ordem dos 32,3 por cento».

Esta situação — segundo o estudo — «é tanto mais grave quanto é verdade que as vendas haviam registado uma quebra

em 1982 e 1983, de respectivamente 12 e 20,6 por cento.

No inquérito de conjuntura, 92 por cento das empresas apontaram a falta de investimentos privados como o principal motivo da queda seguindo-se-lhe imediatamente, a falta de investimentos públicos, assinalada por 88 por cento das empresas.

Segundo o estudo, a administração pública, central ou local, dispõe cada vez de menos verbas para investir, dado o crescente peso da dívida pública.

É ainda salientado que a recessão vinda já de fins de 1981, e que se continua a prolongar, continua a ser o resultado da redução de mercado das compo-

nentes sectoriais suportadas pelo Orçamento do Estado e pelo Crédito à aquisição de casa própria.

Saneamento das finanças do Estado, das empresas privadas e públicas são os problemas principais apontados pelas empresas que se dedicam ao co-

mércio de máquinas industriais.

Outros problemas apontados no estudo da associação referem a entrada em vigor da Lei da concorrência e do imposto sobre o Valor Acrescentado, a importação de máquinas usadas e a revisão cambial em fornecimentos ao Estado.

EXPRESSOS RN

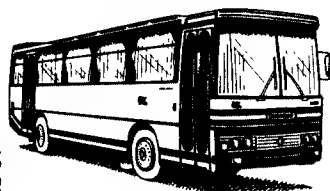
«PRAIAS DO ALENTEJO»

LISBOA — PRAIA DA ZAMBUJEIRA

ALTERAÇÃO DE HORÁRIOS

HORÁRIO

07H30	17H00	LISBOA	12H45	20H30
08H15	17H45	SETÚBAL	12H00	19H45
08H20	17H50		11H55	19H40
09H50	19H20		10H25	18H10
10H00	19H32		10H18	18H03
10H13		SANTIAGO		
10H28			10H05	17H50
11H03	20H12		09H50	17H35
11H18	20H27		09H15	17H00
11H33	20H42		09H00	16H45
11H43	20H52		08H45	16H30
12H03	21H12		08H35	16H20
12H13	21H22		08H15	16H00
			08H05	15H50



EFECTUA-SE DIARIAMENTE

EM VIGOR A PARTIR DE 28.1.85

RN RODOVIA NACIONAL

PARA MAIS INFORMAÇÕES

LISBOA - Telefones 72 58 07 - 72 58 32 - 72 58 54 (Dias úteis das 08H00 às 20H00)

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção N.º 72 730 para «CARRO PARA TRANSPORTADORES DE LINHAS DE FABRICO».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª LDA. Patentes e Marcas Rua Castilho, 201-3.º-Esq.º 1000 LISBOA

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção N.º 67 419 para «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE UM ADITIVO PARA PRODUTOS DE FUMAR E SEUS ELEMENTOS DE FILTROS».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª LDA. Patentes e Marcas Rua Castilho, 201-3.º-Esq.º 1000 LISBOA

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção N.º 62 894 para «PROCESSO DE PURIFICAÇÃO DA ÁGUA POR DESTILAÇÃO E DISPOSITIVO PARA A SUA REALIZAÇÃO».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª LDA. Patentes e Marcas Rua Castilho, 201-3.º-Esq.º 1000 LISBOA

TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

ANÚNCIO

O DOUTOR JUIZ DO 15.º JUÍZO DO TRIBUNAL DO TRABALHO DE LISBOA

Faz saber que por este Juízo — 2.ª Secção correm seus termos uns autos de Acção com Processo Comum-Sumário-registrados sob o n.º 74/82, em que é Autora SANDRA CRISTINA COSTA VIEIRA, na qualidade de herdeira de MARIA VITÓRIA DE JESUS DA COSTA VIEIRA e representada pelo seu tutor MANUEL NUNES FONTINHA e Ré EDITA MARIA DA SILVA E SOUSA e OUTROS, residente em parte incerta, cuja última residência conhecida foi na Rua D. João de Mascarenhas, n.º 3-4.º-F, na DAMAIA; e que nos referidos autos correm editos de trinta dias, citando a Ré para no prazo de OITO DIAS, findos os dos editos e a contar da publicação do segundo anúncio, contestar aquela acção, sob pena de ser condenada imediatamente no pedido, o qual é o constante da petição inicial, cujo duplicado se encontra no 15.º Juízo — 2.ª Secção à disposição da Ré, devendo ainda no mesmo prazo, contestar, querendo, o pedido de assistência judiciária, formulado pela autora.

E para constar se passou o presente anúncio a fim de ser publicado.

Lisboa, 21 de Fevereiro de 1985

O JUIZ DE DIREITO, Ass. ilegível

O ESCRIVÃO ADJUNTO Ass. ilegível

«DL» 18/3/85 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

11.º JUÍZO

ANÚNCIO

O DOUTOR HUGO PEREIRA DO AMARAL BARATA, JUIZ DE DIREITO DO 11.º JUÍZO CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA, 3.ª SECÇÃO. FAZ SABER, que na Execução Ordinária, com o n.º 4667, deste Juízo e Secção que os ora exequentes, Fernando Daniel Fernandes dos Santos e mulher Inês Aurora Ramalho dos Santos dos Santos, movem a Dr. Will Reiser, foi designado o dia 19 de Abril de 1985, pelas 10 horas, neste Juízo e Secção, para abertura de propostas de preço superior a Esc. 554 196\$00, do prédio adiante indicado, e oferecido pelos exequentes, para lhes ser adjudicado o seguinte:

FRACÇÃO — J —, a que corresponde o 1.º andar, letra F, do prédio sito na Av.ª Almeida Garrett, Lote 78, em Alfragide, Amadora.

As pessoas interessadas na compra deste prédio, podem apresentar as referidas propostas na Secretaria Judicial, até ao momento da abertura.

Lisboa, 13 de Março de 1985.

O JUIZ DE DIREITO (Ilegível)

O ESCRIVÃO ADJUNTO (Ilegível)

DL 18/3/85 — 1.ª Pub.

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE SETÚBAL

1.º JUÍZO

1.ª SECÇÃO

ANÚNCIO

EXECUÇÃO SUMÁRIA N.º 73/84 EXEQUENTE — OLÍMPIO VASCO FONSECA EXECUTADO — JOSÉ DE SÁ NOGUEIRA

FAZ-SABER que por este Juízo e secção e nos autos de EXECUÇÃO SUMÁRIA que OLÍMPIO VASCO FONSECA, casado, industrial, residente na Av.ª de Angola, 18, 1.º-Dt.º, Fte., Setúbal, move contra JOSÉ DE SÁ NOGUEIRA, casado, comerciante, residente na Rua José Pedro da Silva, 5, 4.º-Dt.º, Setúbal, correm editos de TRINTA DIAS contados da 2.ª e última publicação deste anúncio citando a esposa do executado FRANKLINA DA CRUZ SILVA, com última residência conhecida nesta cidade na Rua José Pedro da Silva, n.º 5, 4.º-Dt.º, para no prazo de 10 dias, findo o dos editos, requerer a separação de bens ou juntar certidão da pendência de outro processo em que a separação já tenha sido requerida, sob pena da execução contra o seu cônjuge prosseguir nos bens penhorados (art.º 825.º do Cód. Proc.º Civil). Setúbal, 15 Janeiro de 1985

O JUIZ DE DIREITO, Ernesto António Garcia Calejo

O ESCRIVÃO ADJUNTO, Ana Bela Ramalho Ramos Fernandes

D.L. 16/4/85 — 1.ª Pub.



NÃO FUME

EM RECINTOS FECHADOS

DESPORTO

Futebol: Paredes é sensação na "Taça"

- Guimarães (de Goethals) fora da prova
- Guarda-redes piedense salva Csernai



Uwe Hohn: nascido a 16 de Julho de 1962, em Neuruppin (RDA), apresenta 1 e 98 de altura, peso 116 quilos e é treinado por Wolfgang Skibbe. É conhecido mundialmente: trata-se do rapagão que lançou o dardo a 104,80 metros, melhorando longamente o máximo mundial. Militar na Alemanha Democrática, estudando por correspondência na Escola de Educação Física de Leipzig, pratica atletismo desde 1977: até hoje, passou de 63,52 m para uma marca verdadeiramente espantosa no arremesso do dardo.

Bibliografia desportiva

«Ludens»

Editado pela Universidade Técnica de Lisboa (através do ISEF) mais um número da revista «Ludens», desta feita em colaboração de Ulrik Persyn, José Gomes Pereira, João Abrantes, Pedro Sarmento, Cantarino de Carvalho, Alexandre Oliveira, Miguel Costa, Isabel Florindo, Francisco Bessone Alves, e A. de Paula Brito. Como é fácil de notar são especialistas que se debruçam, sobre a modalidade que melhor conhecem: natación, tema que abrange a quase totalidade do sumário desta «Ludens».

Preto no branco

Implantando-se rapidamente nos hábitos de leitura de um público desejoso de conhecer a intimidade das figuras populares, a revista «Preto no Branco» entra no 14.º número da sua vida passando a edição quinzenal e apresentando mais vasta leitura, maior volume de reportagens. Dirigida por Carlos Castro, com um lote de colaboradores onde existe simbiose de juventude e experiência (Irene Henriques, Ana Sobral, Agostinho Calheiros, Cândido Coja, Carvalho Ramos, Domingos de Azevedo, Gisela Oliveira, Jean Paul, João Carlos Abreu, Jorge Pego, Júlio Isidro, Lúcia Piloto, Maria Elvira Bento, Maria do Santo António, Manuel Luís Goucha, Pedro Villar, Rosário Hespânia, Kamal, Luís Salgado, Ruy Oliveira, Fernando Judice, Teresa Paixão, Norte de Sousa e Jorge Esteves) a «Preto no Branco» insere, nesta quinzena, entre outras reportagens de interesse, uma visita ao futebolista «internacional» Norton de Matos e sua mulher Xana (manequim de primeira linha) na sua quinta em Ponte de Lima (um trabalho da dupla Carlos Castro/Luís Salgado) e «Eusébio voltou ao Maputo» (reportagem de Neves de Sousa, nosso camarada de Redacção) com fotos do «pérola negra» junto a Samora Machel. Mas, para quem estiver entusiasmado em relação a outros assuntos (musicais, por exemplo) tem «tudo sobre o Festival das Cantigas», que vai ter lugar amanhã, no Coliseu dos Recreios, e que pode ser acompanhado a par e passo pela revista de Carlos Castro.

Dois técnicos estrangeiros andaram ontem no fio da navalha. No Funchal, a turma vimaranense (dirigida pelo belga Goethals, que está a fazer má temporada no país que o acolheu, depois do severo castigo aplicado pela FIFA) baqueou frente ao ainda secundário Marítimo. Na Luz, perante uma plateia que vaiou tremendamente o húngaro Csernai, quando ele se dirigia para o banco lateral, o Benfica ultrapassou a bem arrumada turma do Cova da Piedade porque, para além de dispor de unidades de alta valia técnica, encontrou um excelente «colaborador» no guarda-redes Pedro que, para além de ter dado uma barraca dos diabos de cada vez que se fazia à fotografia, ainda consentiu quatro golos que foram autênticos francos de aviário.

Mas, realmente, as honras maiores da ronda terceira vão para a carreira do Paredes: parabéns de quantos admiram o sortilégio do futebol, permitindo a chegada a altos voos de um símbolo momentaneamente envolvido em questões menores.

O Paredes (da 3.ª divisão) tem as honras principais dos oitavos de final da Taça de Portugal, em futebol, ao qualificar-se para a fase seguinte. O Paredes, 4.º classificado da série B da 3.ª divisão (com 23 pontos) mas com o segundo ataque mais realizado depois do Freamunde, derrotou (por 3-1) o Marinhense, «lanterna vermelha» da zona Centro da 2.ª divisão. A equipa do Norte junta-se assim aos cinco da 1.ª divisão e dois da 2.ª que vão disputar, a 6 de Abril, os quartos de final.

Carlitos (aos 21 e 59) e Mória (29) foram os artífices da vitória do Paredes, que cedo se começou a desenhar.

Dos primodivisionários, mais quatro ficaram afastados e outro vai quedar-se também pelo caminho, pois o Rio Ave e o Sporting adiaram a decisão, com 1-1 ao fim de 120 minutos de futebol.

No estádio das Antas, o golo de André (aos 32 minutos) foi suficiente para o FC Porto continuar com as suas pretensões de querer para si esta temporada o

para eliminar o Gil Vicente (também do escalão secundário) por 1-0, com o golo apontado por César.

Na Póvoa, a «briosa» jogou um futebol miudinho e foi afastada da «Taça» pelo Varzim, que venceu por 2-1. O resultado foi feito no 1.º tempo, com Bobó a marcar os dois tentos locais (19 e 30) e Reinaldo a reduzir, pouco antes do intervalo.

No Estádio da Luz, o Cova da Piedade resistiu 35 minutos, pois apesar do mau momento que os campeões atravessam a dúvida era saber quantos iria perder o clube da margem sul. Jorge Silva abriu o activo (aos 35) para Nenê (2) e Nunes confirmarem no 2.º tempo, sem necessidade de acelerar. Mas, para isso, muito contribuiu a má exibição do guarda-redes piedense Pedro, que teve sérias culpas em todos os golos.

Os «empatas» Rio Ave e Sporting não conseguiram resolver o seu problema em Vila do Conde, com 120 minutos de jogo, e adiaram para Alvalade a decisão de qual das equipas vai prosseguir.



Vila do Conde: Sousa, Duarte, Brito e, no chão, Antero

campeonato a Taça e a Supertaça». O Sporting de Braga, embora se cotasse como a melhor das equipas que esta temporada visitaram as Antas, não conseguiu marcar mas obrigou os pupillos de Artur Jorge a empenharem-se a fundo para garantir a qualificação.

No Estádio dos Barreiros (Funchal) Clóvis (aos 9 e 56 minutos) sentenciou o afastamento do Vitória de Guimarães da Taça de Portugal, enquanto o Marítimo reafirmava, através do futebol praticado, que a 1.ª divisão tem já um «cliente» assegurado para a próxima época.

O «luvas pretas» João Alves começou bem na sua nova função de técnico responsável pelo Boavista, ao derrotar o Salgueiros no Estádio do Mar, com um golo de Palhares, nos primeiros minutos da partida. O Sporting da Covilhã (guia da zona centro da 2.ª divisão) deslocou-se ao Estádio 1.º de Maio (em Braga)



Antero (aos 8 minutos) deu ideia de que haveria muitos mais golos no Estádio do Rio Ave, mas Sousa empatou (aos 41) e, a partir daí foram só ilusões. Todavia, o árbitro Rosa Santos não viu (ou perdeu) uma grande penalidade ao Sporting.

Para a História

Resultados dos jogos dos oitavos de final da Taça de Portugal; entre equipas da primeira divisão: Salgueiros - Boavista, 0-1 (sábado); Rio Ave - Sporting, 1-1 (após prolongamento, 1-1 nos 90 minutos: o jogo decisivo disputa-se a 26 do corrente, em Alvalade); Varzim - Académica, 2-1 e FC Porto - Sporting de Braga, 1-0.

Entre equipas da 1.ª e 2.ª divisões: Benfica - Cova da Piedade, 4-0 e Marítimo - Guimarães, 2-0.

Entre equipas da 2.ª divisão: Gil Vicente - Sporting da Covilhã, 0-1 (sábado).



Antas: Quim (o melhor em campo) foge com o estérco bem controlado. Depois: o golo portista, com Helder e Dito renunciando a evitá-lo.

Entre equipas da 2.ª e 3.ª divisões: Paredes - Marinhense, 3-1.

Nossos juniores na Europa

A selecção portuguesa de juniores B empatou em Monthey (sem golos) com a Suíça, mas qualificou-se pela 1.ª vez para a fase final do Europeu, a disputar em Mai, na Hungria. O árbitro esteve indeciso para dar início ao encontro, devido à neve que cobria com mais de um palmo de altura o terreno de jogo. Trinta minutos depois da hora marcada, e após ter sido retirada alguma neve, e acentuadas as marcações do campo, as duas selecções deram o pontapé de saída.

A selecção de Portugal alinhou assim: Bizarro; Penetra, Fernando, José Luís e Cabral; Cali (Beto, no 2.º tempo), Kikas, Fernando Pires e José Nando; Canana (Toninho 2.ª parte) e Sérgio Barros. O júnior sportinguista Cadete, já recuperado da papeira que apanhou na Itália, foi o único elemento da delegação portuguesa que ficou no hotel, mais como medida de precaução devido ao frio intenso, tendo passado a tarde no quarto de José Augusto a ver televisão.

Portugal garantiu a qualificação para a fase final do Europeu de Juniores B (antigos juvenis). A classificação é agora a seguinte:

	J	V	E	D	G	P
Portugal	4	2	1	1	2-4	5
Itália	3	2	0	1	7-1	4
Suíça	3	0	1	2	0-4	1

O último jogo é em 27 do corrente: Suíça-Itália.

Nacionais em marcha

O Lixa empatou em casa com o Felgueiras (1-1) em encontro antecipado da 20.ª jornada do campeonato nacional da 2.ª divisão, Zona Norte. O Lixa ascendeu ao 8.º lugar (19 pontos) enquanto o Felgueiras igualou o

Zona Norte: Sporting Braga - FC Porto, 0-1; União Coimbra - Anadia, 2-0 e Leixões - Varzim, 0-0. Zona Sul: Caldas - Barreirense, 1-2; Sporting - Benfica, 3-2 e Vitória Setúbal - Nazarenos, 3-1.

Campeonato volta

O Nacional da 1.ª Divisão volta no fim-de-semana com a realização dos encontros correspondentes à 22.ª jornada. O calendário é o seguinte: Setúbal - Benfica (3-4 na 1.ª volta); Salgueiros - Braga (0-4); Guimarães - Boavista (0-0); Varzim - Vizela (1-1); Académica - Rio Ave (0-1); Penafiel - Belenenses

Continua na pag. 14

TOTO BOLA a chave

Porto - Braga	1
Rio Ave - Sporting	X
Salgueiros - Boavista	2
Varzim - Académica	1
Marítimo - Guimarães	1
Gil Vicente - Covilhã	2
Paredes - Marinhense	1
Nápoles - Atalanta	1
Udinese - Avelino	1
Roma - Juventus	X
Inter - Milan	X
Torino - Sampdoria	X
Fiorentina - Verona	2

Totobola: previsões

Os serviços do Totobola prevêem que para o concurso de hoje, com número 11, sejam apurados entre 119 e 123 boletins com 13 resultados certos. Com 12 haverá entre 3511 e 3645 e com 11 resultados correctos as previsões do Totobola apontam para um número entre os 38965 e os 40420.

TOTO BOLA jogue connosco

1. Farense-Porto	2
2. Sporting-Portimonense	1
3. Setúbal-Benfica	2
4. Guimarães-Boavista	1
5. Académica-Rio Ave	1
6. Salgueiros-Braga	X
7. Varzim-Vizela	1
8. Penafiel-Belenenses	2
9. Sanjoan.-P. Ferreira	X
10. Lourosa-Aves	2
11. Peniche-E. Portalegre	1
12. Barreirense-Lusitano	X
13. Estoril-Marítimo	X

Benfica: juniores perdem com «leões»

Em Alvalade, o Sporting derrotou o Benfica por 3-2 na jornada de abertura da 2.ª fase do nacional de juniores em futebol. Resultados completos da ronda na



Pedro: o Ingénua guarda-redes piedense permitiu quatro golos e mais consentiria se a bola chegasse lá. Este é o tento de Jorge Silva, que jogou com a anca enfiada, devido a um sério problema físico.

DESPORTO



Nené: sempre na brecha, faz 2.º golo ao Cova da Piedade



Estádio do Mar: Teixeira vai escapar-se a Penteado

Sporting e Rio Ave: discussão adiada

Continuação da pág. 13

(1-2); Farense - F. C. do Porto (0-5); Sporting - Portimonense (0-0).

Particular

O Torralta venceu o Quarteirense por 5-0 num encontro de futebol particular disputado no Campo Vilamoura, em Quarteira. Barrocal (16), Sicura (26), Nando (34 e 76m) e Rui Manuel (47m) foram os autores dos tentos. O encontro integrou-se na campanha de angariação de fundos para a aquisição do novo autocarro do Quarteirense.

Sob a direcção do árbitro Martins Guerreiro (de Faro) as equipas alinharam:

Quarteirense: Neves (Élio); Fernando, Mário, Guilherme (Quim) e Alfredo; Fernandinho, Cravo e Bertilio (Zé Guerreiro); Carlos Pereira (Ilídio), Vasco e Carlos André.

Torralta: Abelha (Hélder), Matias, Décio, Fernando e Barreto; Simões (Caracol), Sabu (Narciso) e Barrocal (Vitor Pestana, 59) Sintra (Barata, 59), Nando e Rui Manuel.

Outros jogos particulares, desta feita realizados nos Açores: Lusitânia, 1 - Farense, 0 e Santa Clara, 2 - Farense, 3.

Na homenagem a João Pereira, o Portimonense bateu o Olhanense (3-1).

Torralta - Bragge

A equipa sueca de futebol do Bragge, 2.ª classificada da nacional da 1.ª divisão do seu país, defronta amanhã o GD da Torralta, no Estádio Dois Irmãos, no Alvor. A equipa sueca encontra-se a estagiar na Torralta, permanecendo em Portugal até 5.ª feira. O encontro está marcado para as 16 horas.

Entretanto, o GD da Torralta defronta no próximo dia 6 de Abril (sábado de Páscoa), o Louletano, no Estádio Municipal n.º 2 de Loulé.

Vitor Baptista: estabilidade?

O Estrelas de Faralhão venceu o Marítimo por 2-0 e subiu ao 2.º lugar da 2.ª Divisão do Campeonato de Futebol Distrital de Setúbal. O Campo da Bela Vista teve uma das suas maiores enchentes de sempre, com cerca de três mil espectadores, registando-se uma emissão especial de bilhe-

Olhanense: futebolistas despedidos

A direcção do Olhanense decidiu rescindir amigavelmente os contratos que ligavam os jogadores Carlos Alberto, Ademir e Valdo ao clube daquela vila algarvia. Segundo um dirigente olhanense, tais rescisões ficaram a dever-se ao fraco rendimento e pouca utilização dos jogadores (todos brasileiros) no decorrer da presente época. Para os seus lugares, o Olhanense não pretende contratar qualquer jogador, podendo, no entanto, vir a promover alguns juniores.

tes para este «derby» regional do futebol sadino. O antigo «internacional» Vitor Baptista, embora não tenha marcado nenhum golo, teve grande influência no 1.º tento e no esquema de jogo da sua equipa. Actuando com cerrada marcação dos jogadores do Marítimo, Vitor Baptista foi a figura central de todo o encontro e aos 40 minutos foi o protagonista do lance que deu o primeiro golo do Faralhão. Depois de um «slalom», em que driblou dois adversários, Vitor Baptista rematou forte à entrada da área, mas um defesa do Marítimo meteu mão à bola e o árbitro apontou a marca de grande penalidade. O 2.º tento do Estrelas foi um autogolo da defesa visitada.

Com a saída de Vitor Baptista (aos 65 minutos) o público (que incitou muito o jogador) começou a debandar e o jogo baixou de nível por parte das duas equipas.

Espanha: «Barça» perde

O Barcelona perdeu, ontem, frente ao Hercules, em Alicante,

resultado que terá constituído a grande surpresa do Campeonato de Espanha. Todavia, o Barcelona mantém o primeiro posto, com vantagem substancial. A 29.ª jornada forneceu os seguintes resultados: Hercules-Barcelona, 1-0; Valência-Gijón, 0-2; Murcia-Sevilha, 2-0; Atlético de Madrid-Valladolid, 2-0; Málaga-Elche, 0-0; Real Sociedad-Atlético de Bilbao, 1-2; Bétis-Santander, 1-2;

rentina, em jogo da 22.ª jornada, aumentou o seu avanço para três pontos, no comando da classificação do campeonato italiano, mercê do empate registado no embate entre o Inter e o Milan. Os resultados desta ronda foram os seguintes: Ascoli-Como, 1-0; Cremonense-Lazio, 1-1; Fiorentina-Verona, 1-3; Inter-Milan, 2-2; Napoles-Atalanta, 1-0; Roma-Juventus, 1-1; Torino-Sampdoria, 1-1 e Udinese-Avelino, 2-0. Classificação: 1.º, Verona, 33; 2.º, Inter, 30; 3.º, Torino, Sampdoria e Milan, 28; 6.º, Juventus, 26.

Brasil

O Vasco da Gama bateu o Grémio por 1-0 em encontro do campeonato brasileiro de futebol da 1.ª divisão. O Vasco da Gama lidera agora o grupo B da prova, a par do Goiás, ambos com quatro pontos. No outro jogo do campeonato, o Santos recebeu e ganhou ao Atlético Mineiro, por 2-0.

FUTEBOL: torneio de salão «Beato/85», com início a 13 de Abril e final em Outubro. Podem participar todas as equipas representativas de colectividades, comissões de moradores, comissões de trabalhadores, equipas de bairros (quando devidamente organizadas) e escolas, correspondentes à Freguesia do Beato e com idades dos 8 aos 20 anos.

Itália: Verona nas calmas

O Verona que foi vencer a Fio-

Itália: medidas drásticas

Os tribunais italianos condenaram quatro «tifosis» a pesadas penas de prisão, em dois julgamentos realizados em Milão e Trieste. O veredicto mais severo foi ditado pelo tribunal de Milão, que condenou dois jovens adeptos de futebol do Inter a 16 anos de prisão, por tentativa de homicídio e grave agressão contra um espectador austríaco, durante os incidentes registados no Estádio de San Siro, em 7 de Dezembro de 1983. O tribunal milanês decidiu também que os dois jovens condenados ficam impedidos de desempenhar cargos públicos por toda a vida. Um terceiro «tifosi» foi absolvido por falta de provas.

Em Trieste, os juizes condenaram dois adeptos a penas de quatro meses de reclusão. Os «tifosis» (um de Trieste e outro de Génova) foram detidos dia 3 de Março por desacatos no final do jogo Triestina - Génova (1-0), da série B do campeonato de futebol de Itália. As identidades dos quatro condenados não foram reveladas.

Ténis de mesa: Sporting fora da «taça»

A equipa feminina de seniores do Sporting viu-se arredada da Taça de Portugal após duas derrotas consecutivas ante a formação do Casa Pia (ambas por 2-3). Embora o Sporting fosse favorito à partida, só constituiu surpresa este resultado para quem não assistiu aos encontros, dada a forma superior como as «gansas» se impuseram às «leões». No encontro de terça-feira, que teve lugar no pavilhão do Estádio da Luz, Olga Meneses e Maria Alexandra (que bateu a campeã nacional Anabela Fernandes) venceram, e convenceram, as suas opositoras (Anabela e Mónica Salgado) que, no entanto, se bateram muito bem até ao último ponto. O Casa Pia chegou a 2-0 e esteve à beira do 3-0, que apenas lhe fugiu por uma unha negra. O Sporting reagiu e chegou a 2-2, mas Maria Alexandra, em evidente subida de forma, impôs-se no jogo-desempate a Mónica Salgado, vencendo por 3-1.

Resultados parciais do encontro:

Anabela-Alexandra, 14-21, 21-10, 21-14, 12-21, 20-22;

Mónica-Olga, 21-19, 21-19, 9-21, 13-21, 18-21; pares: 22-24, 22-24, 21-19, 21-18, 25-23; Anabela-Olga, 22-20, 21-15, 21-19; Mónica-Alexandra, 15-21, 23-21, 20-22, 16-21.

Registe-se, porque foi bonito de ver, a forma correctíssima como todas as atletas actuaram e o desportivismo com que as sportingistas, no final, felicitaram as adversárias.

Outros resultados da jornada: **Seniores masc.:** Benfica-Ramiro José, 3-0; Estrela-Aguias, 3-0; isento o Sporting. Eliminados Ramiro José e Aguias.

Juniores masc.: Kapas-Sporting, 0-3; C. Pia-Arrudense, 2-3. Eliminados Kapas e Casa Pia.

Cadetes masc.: Aguias-Arrudense, 3-0; Kapas-G. Cossoul, 3-1; C. Pia-Alhandense, 3-1. Eliminados Arrudense, G. Cossoul e Alhandense.

Cadetes fem.: Sporting-Moscavide, 3-0. Isento o Ramiro José.



A equipa feminina do Casa Pia, que eliminou o Sporting da Taça de Portugal: Maria Alexandra, Manuela Miranda e Olga Meneses

Judo: Candeias ficou à frente

Leopoldina Candeias (Judo Clube de Portugal) renovou o título nacional da categoria de 66 quilos, no decorrer dos campeonatos disputados em Lisboa. O JCP e o Judo Clube de Odiveiras dominaram a competição, conquistando dois títulos cada, dos cinco em disputa.

Resultados em 48 quilos: 1.ª Paula Montes (JC Odiveiras); 2.ª Ana Cristina Ferrão (Algés); 3.ª Helena Neves (Juvemar) e Ana Gaspar (Algés). Em 52 quilos: 1.ª Ana Paula Dourado (JCP); 2.ª Paula Martins (JCP); 3.ª Maria da Luz (JC Golegã) e Maria Machado (Primeiro de Outubro do Entrancamento). Em 56 quilos: 1.ª Agatha Aranhã (Algés); 2.ª Maria José Guerreiro (Santa Cruz); 3.ª Maria Gonçalves (Algés) e Ana Neves (JC Odiveiras). Em 61 quilos: 1.ª Teresa Gaspar (JC Odiveiras); 2.ª Ana Lopes (Algés); 3.ª Olívia de Jesus (Damaia). Em 66 quilos: 1.ª Leopoldina Candeias (JCP); 2.ª Mafalda dos Santos (Primeiro de Outubro do Entrancamento); 3.ª Maria Amália Rocha (Bombeiros do Estoril).

Paulo Santos (do Primeiro de Outubro do Entrancamento) conquistou o título nacional júnior de judo, (categoria de 86 quilos). Participaram nos campeonatos, destinado a judocas até aos 20 anos, 69 atletas.

Resultados em 60 quilos: 1.º António Garcia (Clube Nacional de Ginástica); 2.º João Soares (JC Sintra); 3.ºs Miguel Freitas (GCP) e Guilherme Neves (JCP). Em 65 quilos: 1.º Augusto Almeida (CJ 82); 2.º Marcos Baptista (JCP); 3.ºs Horácio Nunes (GCP) e Nuno Lourenço (JCP). Em 71 quilos: 1.º Paulo Rocha (JCP); 2.º Luís Charneira (GCP); 3.ºs Pedro Cabaço (JCP) e Pedro Duarte (JC Sintra). Em 78 quilos: 1.º Pedro Cristovão (Algés); 2.º Pedro Mata (JC Odiveiras); 3.ºs António Valadares (JC Odiveiras) e Mário Marques (JC Sintra). Em 86 quilos: 1.º Paulo Santos (Primeiro de Outubro do Entrancamento); 2.º Jorge Rodrigues (JCP); 3.ºs José Ferreira (Bombeiros dos Estoril) e José Ramos (JC Oeiras).

Cavaleiros querem hipódromo

A direcção da Associação Portuguesa de Criadores e Proprietários de Cavalos de Corrida solicitou ao ministro da Agricultura o seu empenhamento na recuperação do Hipódromo do Jamor para a actividade para que foi criado.

Segundo um comunicado daquela associação, recentemente formada, os membros da sua direcção foram recebidos em audiência pelo titular da pasta da Agricultura, a quem colocaram também como anseio «a necessidade de se iniciar uma revisão aprofundada da aposta mútua hipica, de forma a que ela constitua, como em todos os os países, o forte sustentáculo da corrida, da produção cavalar e até do desporto equestre amador».

A direcção deu ainda a conhecer ao ministro o calendário de pormenor das corridas em meados de Abril e cobrindo treze reuniões com programas de cinco corridas a realizar no hipódromo de Santa-rém no ano corrente com início em nomeados de Abril e cobrindo treze reuniões com programas de cinco corridas em cada, envolvendo prémios monetários que somam conjuntamente quatro mil contos.



Alvalade: juniores do Sporting bateram benfiquistas



«Derby» lisboeta de infância: Benfica, 1-Sporting, 4

DESPORTO

ponça esquerda

Federação de Futebol equacionada pelo Sporting Farense.

Comunicado que o Sporting Farense nos remete com pedido de publicação:

«1. O Sporting Clube Farense foi, em 13 do corrente, notificado de que, no processo disciplinar instaurado a propósito de alguns incidentes ocorridos depois do jogo em Faro, em 6 Janeiro, com o FC Porto, o Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol puniu o clube com multa de 30 contos e o seu presidente (Fernando Barata) com um ano de suspensão.

«2. Recorda-se que o Farense tinha sido, poucos dias depois, castigado com um jogo de interdição do Estádio de S. Luís, com 2 anos de suspensão para um seu vice-presidente e com duas multas no valor de 65 contos. Isto, depois duma arbitragem de tal forma esquisita e infeliz que o próprio árbitro, o sr. Alder Dante, tomou no final, segundo «A Bola», de modo intempestivo, quase gritando, a atitude estranha de não receber ninguém e, como referiu a «Gazeta dos Desportos», não quis falar, talvez porque a consciência lhe pesava.

«3. Não deve, porém, concluir-se que o sr. Alder Dante seja uma pessoa de quem não se pode discordar. Poder, pode-se o que fica é caro.

«4. A direcção do Farense mantém os qualificativos com que teve de brindar a arbitragem (e não o árbitro) desse jogo. E só os não repete aqui porque, nos tempos actuais, não há a certeza de valer ainda o princípio, outrora sagrado, de que ninguém pode ser punido duas vezes pelo mesmo «crime»...

«5. De qualquer forma, o Conselho de Disciplina da FPF teve, no seu acórdão, a amabilidade de acentuar que o presidente do Farense foi condenado no mínimo previsto. Ainda devíamos, pois, estar agradecidos.

«6. O presidente do Farense pode, mesmo suspenso, continuar a pagar aos jogadores do clube? Ou paga-lhes o sr. Alder Dante?

«7. Em comunicado de 23 de Janeiro, intitulado **Farense faz dez perguntas aos dirigentes do nosso futebol** (as respostas não vieram mas, vá lá, vieram os castigos...), escrevíamos que **radica-se nos meios desportivos a ideia de que, neste Portugal democrático, a F.P.F. e os seus órgãos punem pelo que se diz, punem pelo que se faz e só lhes falta punir pelo que se pensa.**

Agora teríamos que corrigir: em vez de **radica-se — reforça-se...**

«8. Reina, de facto, a já chamada (por dirigentes e por jogadores) «lei da rolha». Mas é nestas alturas que nos lembramos daquela velha frase dos nossos tempos de criança: **o rato roeu a rolha da garrafa do rei da Rússia...** Acabam sempre sendo «rolhas» todas as «rolhas» que os «reis da Rússia» tanto gostam de tentar impor.

«9. Até por isso, e a poucos dias como estamos de comemorar as nossas «bodas de diamante», a direcção pede aos adeptos do Farense que não levem estas coisas demasiado a peito. Afinal, os Alder Dantes mordem mas os clubes passam.

«A direcção do Sporting Clube Farense»

Governo britânico combate a violência no desporto

O Gabinete de Crise contra a violência, nomeado pela primeiro-ministro britânica, Margaret Thatcher, depois dos graves incidentes de 4.ª feira no jogo de futebol entre o Luton e o Millwall, anunciou as duas primeiras medidas. A elaboração de um pormenorizado relatório sobre os incidentes do encontro Luton-Millwall e a convocação de uma reunião de todos os presidentes de clubes ingleses com Margaret Thatcher.

É a primeira vez que o governo britânico toma oficialmente medidas sobre a violência no futebol, embora este fenómeno se produza há cerca de 15 anos, não só nos campos ingleses, mas sempre que uma equipa britânica jogue noutro país europeu. A gota de água que fez deflagrar a acção governamental foram os graves incidentes na sequência do jogo de Luton, em que se registaram 41 feridos, entre os quais 31 polícias.

O Gabinete de Crise contra a violência é presidido pela própria Margaret Thatcher e constituído pelos ministros do Interior (Leon Brittan), do Desenvolvimento (Patrick Jenkins) e dos Desportos (Neil McFarlane).

Entre as primeiras decisões do Gabinete prevê-se o envio a curto prazo de um projecto de decreto-lei ao Parlamento, proibindo a venda de bebidas alcoólicas nos estádios, o agravamento das penas aos culpados pela alteração da ordem pública num estádio ou perto dele, e a instalação de câmaras de televisão para identificar os espectadores mais violentos.

O problema da violência no futebol converteu-se num delicado assunto político na Grã-Bretanha, pois os incidentes de Luton coincidiram praticamente com a publicação de novas estatísticas sobre os delitos e crimes no Reino Unido. A Polícia britânica informou que a criminalidade havia aumentado em oito por cento em 1984, e que dos três milhões e meio de delitos registados, só cerca de 35 por cento foram esclarecidos. As violações sexuais e os assaltos com violência aumentaram sete por cento em relação a 1983, e os roubos tiveram um incremento de 13 por cento. As estatísticas britânicas referem o futebol como uma ameaça potencial para a frágil segurança dos cidadãos na Grã-Bretanha.

Eles não têm emenda

A Polícia prendeu 17 adeptos ingleses, durante e depois do jogo de futebol entre o Brighton e o Oxford United, da 2.ª divisão da Liga Inglesa. Grupos de adeptos das duas equipas envolveram-se em luta durante o jogo, e um dos polícias que interveio na contenda foi internado no hospital do Condado de Sussex, com ferimentos no rosto.

Assim vai o futebol

Checoslováquia: tentativas de suborno

Dois dirigentes da equipa de futebol checa Zbrojovka de Brno foram condenados a penas de prisão e a equipa impedida de ascender à Primeira Divisão do Campeonato checoslovaco devido a tentativa de suborno, foi anunciado em Praga.

As sanções aplicadas a dirigentes e ao clube foram decididas após comprovação de uma tentativa de suborno ocorrida em Outubro do ano passado.

Dirigentes do Zbrojovka tentaram «comprar» o resultado do desfecho da equipa com o Dynamo de Ceske Budejovice, num escândalo que agitou o futebol checoslovaco.

De acordo com a Imprensa de

Praga, o presidente do Zbrojovka, apenas identificado como Milan K, entregou a um funcionário do clube um envelope contendo 35 mil coroas (cerca de 900 contos ao câmbio oficial). O funcionário em questão terá então tentado entregar a quantia a um dirigente do Ceske, o qual, no entanto, recusou o suborno e entregou o envelope à Polícia.

Os dois responsáveis do Zbrojovka foram condenados a penas de prisão e uma direcção do clube foi entretanto eleita para suceder ao presidente subornado.

O «Rude Pravo», órgão oficial do Partido Comunista, comentou que o castigo aplicado ao Zbrojovka e aos dois dirigentes era

«pesado, mas justo». «O suborno é um fenómeno anti-social e representa uma violação séria dos princípios morais e éticos da vida da nossa sociedade» — acrescentou.

Argentina quer os «europeus»

O treinador da selecção de futebol argentina, Carlos Bilardo, viajará no mês corrente para a Europa, a fim de acordar pormenores da incorporação de Diego Maradona na equipa do seu país, foi anunciado em Buenos Aires.

Desde que substituiu Cesar Menotti, na direcção da selecção argentina, Bilardo tem vindo a sustentar que Maradona é o único jogador argentino a actuar no estrangeiro que tem assegurado o seu posto na equipa que disputará as eliminatórias para o «Mundial» do México-86.

O onze argentino encontra-se agrupado na eliminatória do Peru,

Venezuela e Colombia, disputando-se os jogos entre Maio e Junho próximos.

Maradona, ao serviço do Nápoles, de Itália, também tem afirmado que um dos seus maiores desejos é jogar pela selecção do seu país e ser o capitão da equipa nacional, que lhe foi oferecido por Bilardo.

Em Nápoles, o treinador argentino dialogará ainda com Daniel Passarella, do Fiorentina e com o extremo Daniel Berton, embora fontes ligadas à Associação de Futebol da Argentina tenham declarado que a convocação de ambos não está ainda decidida.

As entrevistas de Bilardo na Europa continuarão em Espanha, com Jorge Valdano, ao serviço do Real Madrid, e com Juan Barbas, que joga no Saragoça, futebolistas que sempre estiveram nos seus planos para a selecção e com os quais tem mantido contactos telefónicos a partir de Buenos Aires.

Placard

Esgrima: espada

O atirador José Bernardino (Ateneu Comercial de Lisboa) venceu a 4.ª prova de preparação de espada. Classificação: 1.º, José Bernardino (ACL); 2.º, António Sabbo (CMEFED); 3.º, Roberto Dória Durão (Sporting); 4.º, Domingos Pinheiro (ACL); 5.º, Luís Mesquitela (Grémio Literário); 6.º, Paulo Azinhais (CDUL); 7.º, João Pedro Faria; e 8.º, Grave dos Santos (ambos do Grémio Literário).

Pesca no Mondego

Uma equipa da Associação dos Deficientes das Forças Armadas venceu o 4.º Concurso Nacional de Pesca de Rio organizado pelo Clube Amadores de Pesca de Bencanta. A equipa vencedora foi constituída por Vítor Gabriel, José Joaquim, Luís Gerales e Carlos Coelho. Já havia conquistado o 2.º lugar no torneio recentemente promovido pelo União de Coimbra, na Barragem da Agueira. A competição decorreu no Rio Mondego (na zona de Formoselha) e contou com a participação de 20 clubes.

Lutas amadoras: campeonato

O Ateneu isolou-se no comando do campeonato nacional de lutas amadoras por equipas,

ao ganhar ao Atlético da Baixa da Banheira por 6-2, em confronto da 4.ª jornada da prova. O Ateneu soma agora 12 pontos, tendo mais um ponto que o Sporting, que empatou (4-4) fora com o Runa num embate muito equilibrado. O Benfica empatou em casa frente ao Santo Antonense (4-4) no outro confronto da ronda. A classificação da prova passou a ser a seguinte: 1.º Ateneu, 12 pontos; 2.º Sporting, 11; 3.º Benfica e Runa, 7; 5.º Santo Antonense e Baixa da Banheira, 5.

Xadrez: derrota lusa

António Fernandes perdeu com o espanhol Martin a primeira partida do «match» de desempate com vista ao apuramento para a fase interzonal. Os dois xadrezistas vão disputar quatro partidas.

Pugilismo: mundial

O norte-americano Larry Holmes manteve o título de campeão mundial de pugilismo na categoria de pesados (versão da Federação Internacional), ao vencer por decisão o pretendente David Bey. Holmes venceu ao 10.º dos 15 assaltos previstos para o combate, disputado em Las Vegas. Holmes (35 anos), que fez a sua segunda defesa do título, obteve a 46.ª vitória

Râguebi: Portugal triunfou em Marrocos

Belo resultado do râguebi português: em Rabat, no jogo que contava para o Grupo B do Campeonato Europeu, a nossa selecção bateu a de Marrocos por 12-6. Os 12 pontos foram obtidos pelo benfiquista Queimado. A nossa equipa: Águas, Nuno Morais, Cajo, Faustino, José Luís, Pedro Ferreira, Bernardo Marques Pinto, Queimado, Domingos Megrex, Vieira de Almeida, Nuno Durão, Luís Reis e José Lupi Belo.

Depois da Checoslováquia ter ganho à Polónia (4-3) no primeiro encontro do grupo, a classificação ficou assim ordenada:

	J	V	E	D	M	S	P
Port.	1	1	-	-	12	6	3
Chec.	1	1	-	-	4	3	3
Pol.	1	-	-	1	3	44	1
Mar.	1	-	-	1	6	12	1

Os próximos jogos são: Polónia - Marrocos, em 14 de Abril; e Portugal - Checoslováquia, em 18 de Abril.



Râguebi: a equipa de Portugal



Globalmente o Sporting continua a marcar posição

Ciclismo: triunfo de António Fernandes

António Fernandes (Bombarralense) venceu a prova ciclística Cooperativa dos Bancários na categoria de profissionais, nos arredores de Lisboa. Fernandes foi o mais rápido dos 29 concorrentes, batendo os adversários ao «sprint» na corrida de 135 quilómetros entre Lisboa (Arco Cego) e a Amadora. O ciclista do Bombarralense cobriu o percurso em três horas, 50 minutos e 54 segundos, à média horária de 35,217 quilómetros. Nos lugares imediatos ficaram três sportinguistas: Carlos Santos, Alexandre Ruas e Marco Chagas.

Na prova de seniores (63 concorrentes, 104 quilómetros), o triunfo pertenceu ao «leão» Luís Cerqueira, com 3.00,25 (média de 34,667), seguido de dois ciclistas do Torriense: José Ferreira e

João Maria. António Pereira (Sporting) foi o vencedor da prova para juniores, disputada na distância de 104 quilómetros e com a presença de 17 concorrentes. Foi cronometrado em três horas, 28 minutos e 56 segundos (média de 30 000), menos três segundos que o segundo classificado Fernando Cabral (Banheirense), Paulo Almeida (Fonsecas) ficou em 3.º lugar, com 3.33,47. Por equipas, o Sporting ganhou em profissionais e juniores e o Torriense em seniores.

Entretanto, o português Acácio Silva classificou-se em 16.º lugar na clássica ciclista Milão-San Remo, a 11 segundos de diferença do vencedor da prova, o holandês Hennie Kuiper, que fez os 294 km do percurso em 7h 36m 34s.

Golfe: Circuito Profissional foi para Rogério Valente

O jogador algarvio Rogério Valente venceu o 3.º dos cinco torneios do Circuito Profissional de Golfe para atribuição da Ordem de Mérito, que se disputou no novo campo da Quinta da Marinha (em Cascais). O 4.º e último percurso (18 buracos) foi prejudicado pelo vento forte, tendo António Dantas e João de Sousa obtido o melhor resultado do dia com 77 pancadas (seis acima do par do campo), seguidos de Carlos Aleixo (78) e João Figueiredo (79). Classificação final do torneio: 1.º, Rogério Valente (Quinta do Lago), 313 pancadas; 2.º, João Figueiredo (individual), 318; 3.ºs, Carlos Alberto (Espinho) e António Dantas (Q. da

Marinha), 320; 5.º, Henrique Paulino (Estoril), 321. Rogério Valente obteve o seu 3.º triunfo consecutivo, depois das vitórias nos torneios de Palmares e de Tróia.

Após esta prova, a Ordem de Mérito da Federação Portuguesa de Golfe (com prémios totais no valor de 1500 contos) tem a seguinte classificação: 1.º, Rogério Valente, 165 pontos; 2.º, Carlos Alberto Agostinho, 120; 3.º, João Luís Figueiredo, 82; 4.º, Domingos Silva, 75; 5.º, João de Sousa, 59. Os dois últimos torneios do circuito profissional português realizam-se nos campos de Miramar (em Maio) e da Quinta do Lago (Junho).



DESPORTO



Benfica conseguiu mais 12 pontos que o Olivais

Basquetebol: portistas espectaculares

O FC Porto isolou-se no comando do Nacional de Basquetebol, ao vencer o ainda campeão (Queluz) por 87-69 no Pavilhão das Antas. Após os triunfos na jornada dupla do fim-de-semana (no sábado 67-60 ao Barreirense e ontem sobre o Queluz), o FC Porto desembarçou-se da companhia do Benfica, que no sábado bateu o Olivais por 90-78.

O fim-de-semana foi especialmente negativo para o Queluz, que averbou duas derrotas (107-95 com o Sangalhos e 87-69 com o FC Porto) enquanto o Barreirense recuperou do desaire sofrido (sábado) nas Antas com uma vitória sobre o Sangalhos, na Bairrada (72-61).

Na Série B, o Ginásio Figueirense isolou-se no 1.º lugar depois do triunfo (sábado) sobre o Illiabum por 70-67, mas a sua vantagem sobre o trio de segundos classificados (Illiabum, Ovarense e Sanjoanense) é apenas de um ponto (34-33). Neste torneio apenas o Belenenses está fora da corrida e ontem ficou mais último ao perder fora com a Sanjoanense por 73-69. Na véspera bateu a Académica da Amadora (91-79) face à Ovarense.

Classificações na Série A (todos com 25 jogos): 1.º FC Porto, 46 pontos; 2.º Benfica, 44; 3.º Queluz, 40; 4.º Barreirense, 40; 5.º Sangalhos, 39, e 6.º Olivais, 35.

Série B (todos com 24 jogos): 1.º Ginásio Figueirense, 34 pontos; 2.º Illiabum, 33; 3.º Ovarense, 33; 4.º Sanjoanense, 33, e 5.º Belenenses, 29.

Canário não vai cantar no mundial de corta-mato

Ezequiel Canário não participa no «mundial» de corta-mato — garantiram o técnico do atleta (Lara Ramos) e o director técnico nacional, Fernando Mota. Canário ressentiu-se de uma lesão e na 6.ª-feira deslocou-se a Lisboa para fazer um exame pormenorizado, tendo o médico concluído que seria melhor não forçar a preparação.

Em primeiro lugar está o homem, depois o atleta disse Fernando Mota, que está a acompanhar o estágio na Aldeia das Açoteias. Trata-se de lesões antigas que ficaram mal curadas e agora, com a intensificação da preparação, originam novas lesões adiantou, por seu lado, Lara Ramos, técnico de Canário. O Canário já se encontra recuperado da lesão na região abdominal, mas logo a seguir começou a ter dores nos gémeos. Por isso achamos que seria conveniente fazer um exame completo, acrescentou. Canário fez (em Lisboa) uma ecografia e uma tomografia: o médico aconselhou o atleta a fazer uma paragem. O sportinguista vai iniciar, a partir de hoje, a sua recuperação no Hospital Curry Cabral, com dois tratamentos por dia.

Conceição Ferreira: uma dúvida

Canário deverá ser substituído por João Campos ou Hélder de Jesus. Vão ser ponderadas muitas questões e, antes de mais, terá de ouvir o parecer dos técnicos diz Fernando Mota.

Na selecção feminina, também poderá haver uma baixa: trata-se da atleta olímpica Conceição Ferreira, que se tem ressentido de uma lesão na perna que a tem impedido de treinar convenientemente. Nos últimos dias, Conceição Ferreira não treinou, por precaução: e, mediante uma análise da sua condição física, será decidido se participará no «mundial». Caso a maratonista do Sporting de Braga não esteja em condições,

Leonor Costa (do Várzea) será a substituta.

Abreu 9.º nos EUA

José Abreu classificou-se em 9.º lugar na Meia Maratona de Nova Bedford, ganha pelo inglês Geoff Smith. Podia ter feito melhor, lamentou-se o atleta do Benfica, creditado com uma hora seis minutos e 22 segundos. Smith (que estuda nos Estados Unidos), ganhou com uma hora e 1.58 minutos, marca que constitui novo recorde da prova: o anterior máximo era de 1.04.27 e foi alcançado pelo norte-americano Paul Gregorek, em 1982.

Seleção queniana

A Federação Queniana de Atletismo divulgou o nome dos nove atletas que representarão o Quénia no Campeonato do Mundo de Crosse que se disputará em Lisboa no dia 24. Os seleccionados são Paul Kipkoech, Joshua Kipkemboi, Andrew Masai, Boniface Marandu, Jackson Ruto, Sisa Kirati, Wilson Musingi, James Kipng'etich e Otieno Maisaba.

Sporting embolsa «três castelos»

A 1.ª Estafeta dos Três Castelos (promovida pela Região de Turismo da Costa Azul) disputou-se entre Sesimbra e Setúbal numa distância de 34km. A prova estava aberta a todos os clubes de ambos os sexos e teve as seguintes classificações:

Masculinos (16/39 anos): 1.º, Sporting, 1h 45m e 54s (Domingos Castro, Elisio Rios, Carlos Cabral, Delfim Moreira e Bernardo Manuel); 2.º, Benfica, 1.46.35; 3.º, Académico da Régua, 1.47.01; 4.º, Teclilimp; 5.º, Belenenses; 6.º, Corpo de Intervenção da PSP; 7.º, Desportivo de Alfarrim; 8.º, Estrela de Portalegre; 9.º, Ginásio Apolo; 10.º, Benfica B.

Veteranos: 1.º, Love Racing Team, 2.04.57; 2.º, Independente do Barreiro, a 4 e 27 segundos; 3.º, União Mucifalense, a 4.59; 4.º, Idolos da Praça; 5.º, Hotel Roma; 6.º, Sociedade Amorense; 7.º, Sagres Europa; 8.º, Sagres Europa B.

Femininos: 1.º, Benfica, 2.11.00; 2.º, Andorinha F. C. a 1m e 43s; 3.º, Ases de Mem Martins, a 19.24; 4.º, Vale Formoso;

5.º, Boavista-Alheiros; 6.º, União do Montijo.

Lisboeta de fundo

O benfiquista Rui Lopes venceu o Campeonato de Fundo de Lisboa, percorrendo os 30 quilómetros entre o Guincho e o Pavilhão da Feira das Indústrias, em Lisboa, no tempo de 1.37.24, classificando-se nos lugares imediatos Telmo Fernandes (Linda-a-Velha), com o tempo de 1.44.34 e Jacinto Barroso (individual), com 1.44.34. Ana Masas «Mente Sã em Corpo São» foi a única atleta a completar a prova, com o tempo de 2.29.06, ficando em 82.º lugar na classificação.

Bancários correram

Cerca de dois mil atletas (federados e amadores) de ambos os sexos e a partir dos dez anos, disputaram ontem, em Lisboa, o «V Grande Prémio de Atletismo do Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas». A prova, que teve como director de corrida Carlos Lopes, constituiu, como nas edições anteriores, comemoração do aniversário da nacionalização da banca.

Os concorrentes disputaram sucessivamente, durante a manhã percursos com partida, respectivamente, do Campo Grande, Entre Campos, Saldanha e Marquês de Pombal, todos com a meta na Praça dos Restauradores. Das sete provas previstas, correspondentes a quatro escalões para rapazes e homens e três para raparigas, a reservada a concorrentes masculinos de 10 a 13 anos foi invalidada, por falsa partida. Ao pôr-se em movimento, um motociclista da PSP, junto à linha de partida (no Marquês de Pombal) as crianças arrancaram sem esperar pelo sinal do juiz e tiveram de parar mais adiante, com lágrimas nos olhos e protestos de pais e vizinhos. Os quartos a 25.ºs classificados de cada prova receberam no local medalhas douradas e os restantes outras de idêntico desenho, com a reprodução da medalha olímpica ganha em Los Angeles, por Carlos Lopes. Os três primeiros classificados receberam esta noite taças no Teatro da Trindade, numa sessão de homenagem do Sindicato ao seu associado número 25697, Carlos Lopes.



Arelas (com a bola): cinco tentos perante o Belenenses

Andebol: Benfica comanda a legião

A 13.ª e penúltima jornada da 2.ª fase do «Nacional» de Andebol não trouxe novidades confirmando-se as vitórias dos favoritos, com o Sporting a vencer em Alvalade, o Belenenses (por 37-26). A deslocação da turma do Restelo a Alvalade constituiu o ponto alto da jornada, mas os «leões» obtiveram um folgado triunfo, confirmando a disposição de estarem na luta para o título. O Benfica manteve o comando, com o triunfo em casa perante o regular Vitória de Setúbal, por 34-22. O Benfica tem 37 pontos, seguido do Sporting (36) e do Belenenses (29). O F. C. do Porto venceu (nas Antas) o

Desportivo de Portugal (35-23) e está em 4.º lugar com 25 pontos. No outro jogo, o Académico de Braga venceu a Sanjoanense, por 28-17.

Classificação: 1.º, Benfica, 37 pontos; 2.º, Sporting, 36; 3.º, Belenenses, 29; 4.º, F. C. do Porto, 25; 5.º, Desportivo de Portugal, 23; 6.º, Ac. de Braga, 20; 7.º, Sanjoanense, 15.

Fase de apuramento

O Encarnação ganhou ao Passos Manuel (por 26-19) em jogo a contar para a fase de apuramento do campeonato nacional de andebol, divisão de honra.



Belenenses sem problemas perante a Académica da Amadora

Hóquei em patins: Porto é dominador

O Sporting derrotou o Sesimbra, por 4-2, em jogo da 22.ª jornada do «Nacional» de Hóquei em Patins. Os «azuis e brancos» derrotaram em casa o Valongo, penúltimo classificado, por 6-2, e a Sanjoanense, que ocupa o 3.º lugar, perdeu pela diferença mínima em Tomar (4-3). O Cascais derrotou o Oeiras, por 7-1, e mantém o quarto lugar, agora com 48 pontos, enquanto o Belenenses derrotou, no seu recinto, a Ac. da Amadora, por 5-2. O Turquel, último classificado,

obteve a sua quarta vitória na prova ao vencer fora o Famalicence, dirigido por Torcador Ferreira, por 0-2.

Classificação: 1.º, F. C. do Porto, 57 pontos; 2.º, Sporting, 55; 3.º, Sanjoanense, 51; 4.º, Cascais, 48; 5.º, Sp. de Tomar, 42; 6.º, Juv. de Viana e Paço de Arcos, 41; 8.º, Sesimbra e Oliveirense, 39; 10.º, Benfica, 37; 11.º, Ac. da Amadora e Famalicence, 36; 13.º, Belenenses, 33; 14.º, Oeiras, 29; 15.º, Valongo e Turquel, 28 pontos.

Remo no Minho

O Clube Náutico de Vigo conquistou, pela 3.ª vez, o troféu Minho Internacional» de remo em Shell-8, disputado entre Vila Nova da Cerveira e Tui, na distância de 15 quilómetros. Esta prova, na 5.ª edição, foi organizada pelo Sporting Clube Caminhense e pelo Real Club Del Miño (de Espanha), contando com a participação de sete tripulações dos dois países ibéricos. O troféu «Minho Internacional», que será conquistado pela equipa que vencer três anos consecutivos ou cinco alternados, é a segunda maior prova do género na Europa, depois da in-

glesa de Oxford-Cambridge. O Clube Náutico de Vigo venceu pela terceira vez (duas seguidas), e as anteriores foram ganhas pelo Clube de Remo Del Miño.

Classificação na prova de ontem: 1.º Real Club Náutico de Vigo, 1.03.45 hora; 2.º Club Remo Del Miño (Espanha) 1.04.20; 3.º Arco de Viana, 1.07.20; 4.º Clube Náutico de Viana, 1.12.11; 5.º Clube Universitário do Porto, 1.14.26.

O Sporting Caminhense desistiu devido a problemas musculares com um remador.

festival gastronómico da
CHECOSLOVÁQUIA
GRILL - PASSAROLA
de 14 a 23 de Março de 1985
com a colaboração de:

Czechoslovak Advertising Agency

ESA
CZECHOSLOVAK AIRLINES

Penta
HOTELS

Lisboa Penta Hotel
Av. dos Combatentes - 1600 LISBOA - Tels 725050 724554
Telex 18437/15555 - Telegramas PENTOTEL

Máximos

Atletismo

A atleta chinesa Yan Hong conseguiu novo recorde mundial na prova dos 10 quilómetros marcha, com o tempo de 44 minutos e 14 segundos. A anterior melhor marca mundial pertencia à soviética Olga Kristop, com 44.56, 1 minutos.

Ciclismo

O australiano Dean Woods bateu o recorde mundial dos

quatro quilómetros em perseguição individual em bicicleta, com o tempo de quatro minutos e 34.653 segundos. Woods melhorou em 3,28 segundos o anterior recorde mundial que estava na posse do soviético Victor Kupoets, desde 1983.

Colectividades

Gil Vicente

O Gil Vicente Futebol Clube (de Barcelos) tem novos corpos gerentes, com a eleição de uma lista proposta pela direcção cessante. Presidem à assembleia geral Baptista de Carvalho, à direcção, Caravanas Silva (com igual cargo no anterior elenco) e ao conselho fiscal, Miranda Arantes, que recolheram 418 votos. Recebeu 95 votos uma segunda lista que indicava para as mesmas presidências Pinto de Azevedo, Bartolo Paiva e Miranda Fernandes, este com um 61 anos de existência do clube que se apresentou a um acto eleitoral mais de uma lista.

PATENTE

Vende-se ou concede-se licença para exploração em Portugal da Patente de Invenção N.º 72 932 para «PROCESSO PARA A PREPARAÇÃO DE PROTEÍNA DE SOJA COM PALADAR AGRADÁVEL, PARA USO HUMANO».

Trata: CLARKE, MODET & C.ª LDA.
Patentes e Marcas
Rua Castilho, 201-3.º-Esq.º
1000 LISBOA

crítica de teatro

O prazer do palco

CARLOS PORTO

«PÓ DE PALCO», colagem de textos de vários autores. Coordenação. Figurinos e Espaço cénico: Carlos Paulo. Interpretação: Amélia Videira, Carlos Paulo, Carmen Mendes, José Pedro Gomes e Marques Arede. Grupo Comuna. 22.2.85.

O que faz a originalidade (tudo é relativo) do nosso teatro é ser possível ver na mesma semana um espectáculo como «O Parque», no Teatro da Cornucópia, e «Pó de Palco», na Comuna. Entre um e outro não há nada de comum, como se imagina. A não ser o mais importante: o que neles é fortemente teatro, cada um à sua maneira.

É certo que há uma distinção importante a fazer: enquanto o espectáculo em cena no Teatro do Bairro Alto tem dupla autoria estrangeira (texto e encenação), o espectáculo de café-teatro da Comuna é inteiramente português (se exceptuarmos um texto breve de Karl Valentin), português até na estrutura, mais próxima do espectáculo musical português, incluindo a revista, do que de qualquer outro. O facto tem uma importância relativa: a tradução do texto e a própria linha da encenação (noutro sítio essa linha seria certamente outra), da peça de Botho Strauss acabam por integrar o espectáculo no nosso teatro. «O Parque» não é nele, de maneira nenhuma, um elemento espúrio.

Interessa, sim, assinalar o prazer que provocam no público, prazer que provém da mesma raiz:

ambos têm a ver com o teatro como meditação sobre o Mundo e sobre o próprio teatro, séria e profunda no caso do espectáculo da Cornucópia, ligeira e risonha, no caso da Comuna. Não se trata de comparar os dois espectáculos em termos absolutos mas de os relativizar em relação à sua comunicação com o público, à coexistência num mesmo espaço geográfico de duas maneiras distintas de ser teatro.

«Pó de Palco» parece-me ser um dos melhores espectáculos do género feitos em Portugal nos anos 80. É-o porque os seus responsáveis (em primeiro lugar, Carlos Paulo) entenderam que também este género tem exigências que não podem ser escamoteadas. Para ter interesse tem que ser muito mais do que mero pretexto para o espectador beber um copo. Por isso este espectáculo surge subtil sem deixar de ser aberto, inteligente sem deixar de ser divertido, original sem deixar de ser simples.

Em primeiro lugar, o texto. Começar um espectáculo com os actores a preparar-se como se estivessem nos camarins seria banal se, ao mesmo tempo, eles não estivessem a dizer um espantoso poema de Herberto Hé-

der precisamente sobre o actor, texto que surge claro e denso, ao mesmo tempo, apesar de nem sempre as vozes correspondem às voltas que dá.

Saltemos para um excerto da peça de Jorge de Sena «Império do Oriente», com notáveis interpretações burlescas de Marques Arede, Amélia Videira e Carlos Paulo, burlesco acentuado pelos figurinos criados pelo último. Depois, um quadro revistoso de Luís de Campos de fazer corar de vergonha qualquer revistoso que se preze, Dez Milhões de Cunhados, ou da arte de caçar tachos (notável José Pedro Gomes). O texto seguinte, Altos e Baixos, é de Carlos Paulo mas podia ser de Karl Valentin (e esta é uma das influências que dão saúde a este espectáculo), e depois vem um dos números-chave do espectáculo, Linda de Thusa, caricatura surpreendente, duma grande mas não maldosa crueldade, que Carlos Paulo, seu autor, transforma numa inesquecível criação. É caso para dizer que se não tivesse aparecido a revista do Maria Vitória, os restos da revista lisboeta estavam na Comuna.

O número a seguir é mesmo de Karl Valentin, uma daquelas suas sínteses fabulosas que permite aos actores autênticos brilharem: O Jornal de Ontem, com Marques Arede e Amélia Videira, esta tendo já interpretado com muita graça um outro excelente texto de

José Pedro Gomes, Telefemas.

Outro texto de José Pedro Gomes, também ele de um cómico peculiar, Loja de Ferragens, com Carlos Paulo, José Pedro Gomes e Marques Arede; um poema de Manuel Alegre dito por Carmen Marques e uma caricatura renovada de um tema batido, Hemiciclo P'ralamentar, texto de Carlos Paulo e interpretação dos quatro actores e ainda de fantoches, acabam o espectáculo. Dois elementos deste «Pó de Palco» definem a inteligência com que foi concebido: depois do belo poema de Herberto Hélder, um texto de José Pedro Gomes que trabalha sobre o vazio, quer dizer... A presença continua da costureira (Carmen Marques) que ao mesmo tempo que dá o outro lado do teatro (normalmente desprezado) diz pequenos textos de Abel Neves que são uma graça. É esse um dos grandes achados do espectáculo.

«Pó de Palco» é pois um estuendo espectáculo de café-teatro mas é mais do que isso: demonstra as virtualidades de um género geralmente subaproveitado.

Por isso confesso: entre o Gil Vicente que a Comuna está a apresentar, e este Gil Vicente (com perdão para a memória do grande homem de teatro) prefiro este, mesmo sem nome nas enciclopédias.

Dia 29, em Viana do Castelo

Traga um amigo também para abraçar Zeca Afonso

Com um espectáculo de grande rigor e qualidade artística, Zeca Afonso vai ser homenageado no próximo dia 29 em Viana do Castelo. A iniciativa é do Centro Cultural do Alto Minho e conta com a participação de Vitorino, Sérgio Godinho, Trovante, Janita Salomé, Shis e Grupo de Fados de Coimbra. O apresentador será António Vitorino de Almeida e o local o pavilhão de Monserrate, mesmo à saída da cidade, totalmente modificado e adaptado com a ajuda dos trabalhadores do estaleiro de Viana.

Três são os objectivos desta iniciativa que está a despertar enorme entusiasmo em todo o Norte do País: reconhecer e agradecer o trabalho desenvolvido por Zeca Afonso em prol do desenvolvimento qualitativo da música popular portuguesa; denunciar a grave situação que ele atravessa e alertar para que situações como a de Zeca Afonso não se repitam no Portugal de Abril; recomendar aos grupos parlamentares que tomem medidas no sentido de ser atribuída ao cantor-símbolo uma pensão vitalícia.

Os promotores insistem num ponto: o dia 29 de Março será mesmo um grande dia de festa, pois homenagear Zeca Afonso é «homenagear o amigo» e fazê-lo com a festa minhota «é homenagear a cultura popular portuguesa». Vamos, pois, com o «milho verde», com ou sem «tamanquinhas», assumir a festa, fazendo no dia 29 as «cantigas de Maio» e acarinhando o espectáculo «como se fora seu filho».

Antes da festa no pavilhão — que decorrerá das 20 às 2 da ma-



drugada, com os artistas a actuar, cada um, durante 60 minutos, num espectáculo inédito — haverá, a partir das 16 horas, na Praça da República, uma verdadeira Festa Minhota: Zés-Pereiras,

Tuna de Chafé, Cantares do Minho, Grupo de Música Popular Bate Certo e Armando Vale, apresentados por Lucílio Valdez e Mário Tomé, vão dizer como é que estas coisas se fazem.

Fazendo eco do apelo do Centro Cultural do Alto Minho: venham mais cinco e tragam um amigo também. À volta de um bar minhoto vamos todos cantar as Janeiras...

No espectáculo da noite de 29 de Março, Zeca Afonso não estará fisicamente presente: mas estará a sua filha Joana e uma mensagem gravada do Zeca. A jornada será, fundamentalmente — como ele e todos pretendem — uma oportunidade para «mexer em termos culturais e políticos» todo o Norte.

Entretanto, a partir do dia 23 deste mês e até 7 de Abril estará patente na Galeria Barca d'Artes uma exposição de artes plásticas em homenagem ao Zeca. Fizerá questão de expor trabalhos seus Júlio Resende, Jorge Ulisses, Matilde Marçal, Gil Teixeira Lopes, Ribeiro Farinha, Maria José Mateus, Nuno Barreto, Anibal Alcino, Helena Cabral, Barros Lima, Isabel Lima, Júlio Capela, Fernanda Moutinho, Salvador Vieira, Manuel Rocha e António Silva. No dia 30 lá estará o poeta João Candeias com um «Roteiro de Poesia» com passagem de diapositivos sobre Zeca Afonso.

Parafraseando o Centro Cultural do Alto Minho: «Durante este período, numa «Barquinha que lá vai, lá vai» remaremos à «Barca d'Artes», no Largo de S. Domingos, em Viana do Castelo, para fruir aquela exposição. «E no dia 29, venham mais cinco (muitos) e «Tragam um amigo também». O preço do espectáculo é 450 escudos por cabeça...

Com «dossier» sobre «Os leigos no mistério da Igreja»

Revista «Communion» entra no seu segundo ano

«Os leigos no mistério da Igreja» é o tema principal do primeiro número de 1985 da revista «Communion», que assim entra no seu segundo ano de existência.

«A edição portuguesa de «Communion» — lê-se no editorial — teve a sua origem na análise

feita por um grupo informal de católicos, provenientes dos mais diversos quadrantes, sobre a qualidade da cultura religiosa em Portugal e sobre as acções a empreender para se promover a evangelização da Fé.»

O primeiro número de 1985 da revista «Communion» apresenta

os seguintes artigos:

«Vida apostólica como norma da vida da Igreja Antiga» (Karl Frank); «A palavra leigo» (Joaquim Bragança); «Modelos de Igreja e identidade laical» (Maria Manuela de Carvalho); «O povo crente como sujeito sua fé» (Borges de Pinho); «O compro-

misso do cristão no mundo» (António Marto); «Ministérios laicais» (Araldo Pinho); «O conceito cristão de pessoa» (Costa Santos).

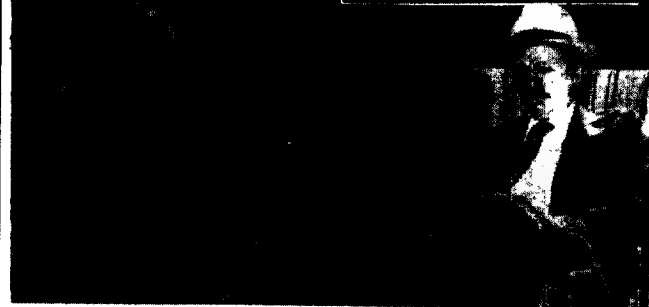
Engloba ainda depoimentos sobre experiências de Acção Católica e dois poemas de Ruy Cinatti.



A MELHOR ASSISTÊNCIA AO SEU TELEVISOR E VIDEO
GARANTIMOS RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
ESTAÇÃO DE SERVIÇO PERMANENTE
T. 88 27 86 — 89 98 26

Av. S. João de Deus, 13 B • R. de Macau, 8-1 • LISBOA

Hoje



A RTP-1 apresenta esta noite mais um episódio da série «Uma História de Amor»

Das 13.35 às 17.30 Ciclo Preparatório TV

18.17 Notícias

18.22 Tempo dos Mais Novos

19.25 Outras culturas — Camilo Pessanha, «O Poeta e o Exílio».

20.00 Teletjornal

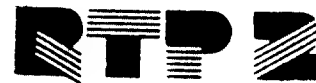
20.27 Boletim Meteorológico

20.35 «Chuva na Areia» — 51.º episódio.

21.05 Aplauso — «Doc Severinsen Show».

22.15 «Uma História de Amor» — intérpretes: Phoebe Nicholls, Jan Niklas e Gary Waldhorn. Realização: John Glenister.

23.05 Último Jornal



19.32 Desenhos Animados

20.00 «Apolinaire, os Amores do Mal Amado» — 1.ª parte.

Intérpretes: Jean-François Balmer, Jenny Arasse, Tottie Masson e Caroline Sihol. Realização: Marcel Camus.

21.40 «A Sucessora» — 51.º episódio.

22.65 Jornal da Noite



Exibe-se na RTP-2 a primeira parte de «Apolinaire», do qual vimos uma cena

Amanhã



13.35: Ciclo Preparatório TV; 18.17: Notícias; 18.20: Tempo dos Mais Novos; 18.55: «Yakari»; 19.00: Telerádis; 19.20: Três Tons; 20.00: Teletjornal; 20.27: Boletim Meteorológico; 20.30: «Chuva na Areia»; 21.05: Actual; 22.05: «Hellen Keller» — 1.ª parte; 23.00: Último Jornal.

19.27: Eurovisão — basquetebol; 21.10: Desenhos Animados; 21.40: «A Sucessora»; 22.15: Jornal da Noite.

GRUNDIG

a segurança de um grande nome
seleccionou para si...



«Uma História de Amor»
(22.15)



«Apolinaire»
(20.00)

CHUVA NA AREIA

Nunes grita na cozinha da pensão, muito mal disposto por Guida não ter ainda aparecido. A mulher parece ignorá-lo e ele pegando num banco, senta-se à porta da pensão, aguardando a chegada da filha e relembrando a infância dela. Também recordando os tempos da infância estão Mimosa e António Fontes, o primeiro desiludido com a atitude do amigo que lhe diz que não pode fazer nada pelo filho. Entretanto, no pinhal, Odete e Vilela conversam dentro do carro. Odete pergunta-lhe se já alguma vez imaginou qual será a atitude do tenente Ferreira quando vier a saber da ligação existente entre ambos. Amélia chora entre as amigas Joaquina e Augusta temendo pela vida do marido.

Assistência Técnica Grundig
NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 211287

Santarém volta a organizar Festival Internacional de Cinema

Cerca de três dezenas de países estão representados no 11.º Festival Internacional de Santarém que decorre, nesta cidade entre 18 e 24 deste mês. Serão exibidas longas-metragens (tema livre a concurso), curtas-metragens (filme agrícola e do meio ambiente é o tema obrigatório) e vídeo (temas livres).

O Festival Internacional de Cinema de Santarém abriu em 1971 as portas a outros festivais deste tipo, por iniciativa de Fernando Duarte, convidado para dirigir tecnicamente o certame que este ano retoma o seu curso normal depois de curto interregno. Foi, de resto, essa interrupção que a CM escalabitana começou a ser solicitada para reeditar o festival. Nesse sentido, encetou contactos conducentes ao seu recomeço e com a aquiescência de Fernando Duarte decidiu montá-lo de novo.

Ele aí está: a partir de segunda-feira filmes de cerca de três dezenas de países (alguns tiveram mesmo de ser recusados, disse-nos Carlos Abreu) serão projectados em Santarém, nas modalidades acima referidas. Algumas surpresas: a Austrália estreará em Portugal como país produtor de celulóide. Ruy Guerra apresentará pela primeira vez entre nós o filme «A queda». URSS e Nicarágua enviarão uma longa-metragem cada. A Argentina fez o mesmo. Da Roménia veio um que os organizadores asseguram irá agradar aos portugueses. A Argélia está representada com uma longa-metragem em que a segunda personagem do filme incarna um português, amigo de um argelino emigrado em Paris... Portugal mostrará três curtas e duas lon-

gas-metragens.

O 2.º dia do XI Festival Internacional de Cinema de Santarém (Festival do Filme Agrícola e do Meio Ambiente), iniciativa da Câmara Municipal de Santarém através do pelouro de Cultura, Turismo e Acção Social coincidirá com o «Dia da Cidade» (19 de Março) e em certa medida tal efeméride reforçou a antecipação do certame, que antes decorria em Junho. A organização que impõe o e, apesar do Festival de Saragoça se realizar entre 22 e 26 do corrente, não desanimou. A participação internacional demonstra que não lhe faltava razão...

A introdução do suporte vídeo neste Festival e um painel sobre «Os Meios de Comunicação face às Novas Tecnologias» com a colaboração da Universidade Nova, do ISCTE e do Centro de Formação de Jornalistas do Porto são duas das inovações do certame, durante o qual serão passados no total meia centena de curtas-metragens e oitenta cassetes vídeo que abrangerão temas agrícolas, cinema, teatro, artes plásticas, etnografia e meio ambiente. Num dos espaços do festival será apresentada uma exposição do pintor Martins Correia, residente na Golegã, que tem alguns trabalhos ligados ao mundo rural.

A CP apoia esta iniciativa e durante os dias do Festival fará descontos de cinquenta por cento a quem se dirigir de Lisboa a Santarém, com passagem de ida e volta. Matos da Silva, Mário tropa, Gonçalves Lavrador, Avelino Dias, Nuno Domingues, Carlos Abreu e Fernando Duarte fazem parte da comissão indicada pela CM de Santarém para o relacionamento do seu Festival

“Maizum” leva Fassbinder à Ocarina

O grupo de teatro Maizum tem, a partir de sábado, a peça «Preparadise Sorry Now» de Fassbinder ao espaço da Ocarina. O espectáculo é agora reencenado por Rogério de Carvalho e põe em questão o Homem e a Humanidade através de uma viagem desta sociedade, que é a nossa.

A peça parte de uma história verdadeira ocorrida em Manchester em 1966. Ian Brady e Myra Hindley, conhecidos como os «assassinos do pântano» torturam, matam e atiram ao pântano de Yorkshire crianças de idade compreendida entre os 12 e os 15 anos.

Fassbinder escreve seis narrativas sobre o par assassino e nove diálogos fictícios para estas duas personagens centrais. Nestes diálogos Ian e Myra falam da sua origem, de sexo e da consciência fascista que ambos têm do mundo. Seguidamente Ian força Myra a ter relações sexuais com ele, após o que faz dela sua cúmplice.

Entre os diálogos enquadram-se fragmentos de textos religiosos, quase ladainhas, que correspondem a rituais de repressão. O par assassino transforma-se num modelo de ideologia fascista. Ambos cultivam a consciência de elite e levam a cabo experiências assassinas sádicas com seres a quem atribuem a categoria de seres inferiores.

Este material dramático é ainda entrecortado por quinze cenas curtas em que duas personagens se opõem a uma terceira. Na segunda parte da peça estas cenas são apresentadas do fim para o princípio, fazendo com que o espectáculo termine e comece da mesma maneira: um «frigidíssimo» campo de concentração.

As outras cenas restantes, catrize ao todo, são fragmentos da vida quotidiana. Com esta mon-



tagem de modelos comportamentais, Fassbinder quer mostrar que o par assassino não passa de um caso extremo, representativo de diversas formas de brutalidade, com as quais vamos a pouco e pouco contactando.

Sexualidade e agressão

O tema central desta peça poderá ser a relação entre sexualidade e agressão, apresentada como estilização artificial, como se fosse uma coreografia nunca uma amostragem psicológica de

figuras.

Rogério de Carvalho questiona a propósito de «Preparadise Sorry Now»: «neste espectáculo estão presentes relações de violência e de poder. Que formas de violência? Formas de violência mascarada? Como distinguir violência e não violência? Não se pode falar de força no singular, pois, toda a força supõe outras forças que lhe resistem, a combatem ou a anulam. Obrigar alguém não é violentá-lo».

Deste espectáculo sem intriga, o encenador adianta: «Cada situação se refere a con-

textos devidamente enquadrados em pressupostos conflitos, no quotidiano de determinadas sociedades, em presença de situações extremas.

«Procurámos fazer funcionar o discurso teatral no interior do espectáculo, utilizando elementos de base, actores e encenação, passando por uma definição das tarefas e do trabalho do actor. Temos um actor com uma escrita trabalhada, com um jogo afinado e entrecortado, desconstruído».

O elenco é constituído por Ávila Costa, Carlos Vasconcelos, Helena Serrão, José Lopes e Silvana Pereira.

ENSINE O SEU FILHO

Se o seu Filho for para a Escola ou regressar, já de noite, vista-lhe roupas claras e se possível com placas reflectoras



PREVENÇÃO RODOVIÁRIA PORTUGUESA

rádio

Antena Um

16.00: Muscomania; 17.50: Informação regional; 18.05: A gaita dos sete foles; 19.00: Informação e música; 20.00: Musical; 20.20: No estúdio e no estúdio; 20.35: Música portuguesa; 21.00: Cozinha económica; 21.30: Notícias de luar; 23.30: Último jornal. Notícias intercalares às 16.00, 17.00, 18.00, 21.00 e 22.00 horas.

Programa 2

15.25: Música de piano na era romântica; 16.00: Música do século XX; 16.30: Solos de flauta; 16.45: Música de ópera; 17.00: Ciclo Beethoven; 17.30: Música de todos os quadrantes; 18.00: Uma poesia; 18.05: Música vocal; 18.40: Música de tecla; 19.00: Música de Brahms; 19.30: Terra viva, planeta azul; 20.00: Música de câmara; 20.40: Música orquestral; 21.00: Antologia dos músicos portugueses; 21.30: Tempo de bailado; 22.03: O canto e os seus intérpretes; 23.00: Intercâmbio musical; 01.00: Fecho. Notícias de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média (293, 290 e 397m)

14.00: Matinée; 17.00: Rápido das cinco; 19.00: Cabo da Boa Esperança; 20.00: Conta corrente; 21.00: Quando o telefone toca; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Programas religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24.ª hora; 01.00: O passageiro da noite; 02.00: No calor da noite. Notícias de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: O vapor; 16.00: O som da frente; 17.00: Ondas lusitanas; 18.00: Circulo em FM; 19.00: Em órbita; 20.00: Nova geração; 21.00: Jazzofone; 22.00: Café concerto; 24.00: Pé-de-vento; 02.00: No calor da noite. Notícias de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Onda Média

15.00: Meia-tarde; 16.00: Rua Capelo; 18.00: Jornal das regiões; 18.30: Transmissão do tempo; 19.30: Memorando; 20.00: Programa da LARR; 20.30: Universidade na Rádio; 21.00: Horizonte; 22.00: Quando o telefone toca; 22.30: Diário do desporto; 23.00: Clube dos colecionadores; 24.00: Sessão da meia-noite; 02.00: Estação de serviço.

FM-Estéreo

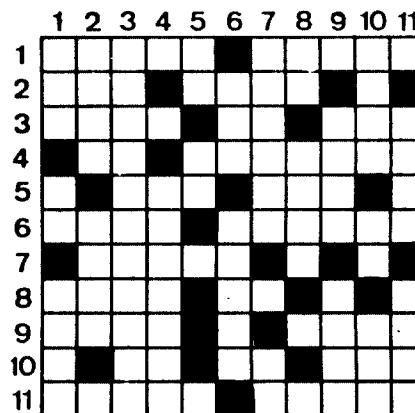
15.00: Estamné do ritmo; 16.00: A cor do som; 18.00: Entre-Campos; 19.30: Transmissão do tempo; 20.00: Serra de estrelas; 21.00: Porto belo; 22.00: Oceano Pacífico; 24.00: Último metro; 02.00: Estação de serviço. Notícias a todas as horas

palavras cruzadas

COM PROVÉRBO PROBLEMA N.º 14 382

HORIZONTAIS:

1. Primeiramente. Franzino
2. Nome de vários Papas Neste lugar.
3. Gorgulho tropical. Pátria de Abraão. Página.
4. Post Scriptum (inv). Apele.
5. Nome de letra. Enguia.
6. Vaga. Fecundada por galo.
7. Que é do ar.
8. Dar mios. Rubídio (s.q).
9. Rã (pop). Vivenda.
10. Segundo. Em o (inv). Colocou.
11. Sigla de Organização do Tratado da Ásia do Sudoeste. Cidade do Estado de Pernambuco.



VERTICAIS:

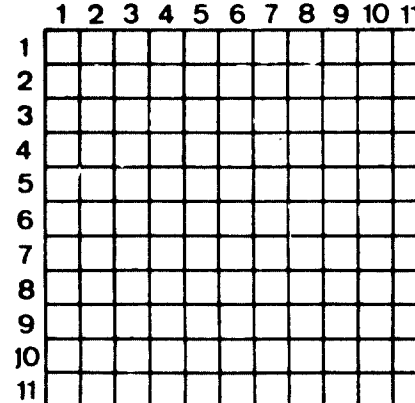
1. Rio do Estado de Mato Grosso. Em o. Terreno coberto de plantas agrestes.
2. Ninhos. Undécimo mês do calendário árabe.
3. Atacaria com torpedos.
4. Teimais.
5. Apellido. Rénio (s.q).
6. Pronome relativo. Untuoso.
7. Cidade de Espanha. Em o.
8. Nesse lugar. Faixa.
9. A parte dianteira do navio. Primeiro estômago das aves.
10. Sair frequentemente à rua. Contracção da preposição de com artigo. Por baixo de.
11. Mamífero carnívoro doméstico. Facto.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 14 222

HORIZONTAIS:

1. Instrumento para registar a altura das marés.
2. Respetarei. Aqui.
3. Rebolares. Possuir.
4. Pronome pessoal. Realize.
5. Melindrar. Aves pernaltas.
6. Esquivo (fig).
7. Trovejar. Transpiraria.
8. Serra de Portugal. Apellido.
9. Imão da mãe. Concede.
10. Larva das feridas dos animais. Subdito.
11. Ruim. Pronome pessoal. Antiga medida equivalente a sessenta alqueires.



VERTICAIS:

1. Agitação sísmica no mar. Artigo indefinido.
2. Além. Molusco comestível.
3. Amofinar. Uma das partes do Mundo.
4. Letra grega. Nome dado na Bíblia aos antigos reis do Egipto.
5. Caluniar (fig). Verso.
6. Estava. Gargalhadas.
7. Sem dinheiro (fig). Pantorilhas.
8. Zomba. Errai. Sua majestade.
9. Receio. Calote.
10. Cerume. Idíio (s.q). Cinquenta e um em romano.
11. Mau cheiro exalado na baía-mar. Emilo som.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 381

HORIZONTAIS:

1. ASNO. MC. QUE.
2. Aa. La. VS.
3. Rascão CC.
4. Osca. Filto.
5. Ir. Intuir.
6. Ardiam.
7. Laci. Aral.
8. Vu. Aramaram.
9. Uso. Enal.
10. Asnático.
11. Perdão Caás.

VERTICAIS:

1. A. ROMA. VÁ.
2. Sais. Ri. DE.
3. Nascida.
4. Cárica. Ad.
5. LA. Airosa.
6. Marfim ASNO.
7. Ain. Amua.
8. VOLTARÁ Tc.
9. Qs. Tu. Areia.
10. Cn. Lança.
11. Escora. Mãos.

PROVÉRBO: Aano que a Roma vá, de lá aano voltará.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 14 221

HORIZONTAIS:

1. Looping. MCC.
2. Ota. Noras.
3. Raivosos. SM.
4. Iró. SS. Ai.
5. Si. Passeios.
6. Amainem. Só.
7. Ar.
8. Rimarem.
9. Notários. CS.
10. Fui. Tio.
11. Relataram.

VERTICAIS:

1. Lóris. Linfa.
2. Otária. Ou.
3. Oaio. Mártir.
4. Pária.
5. Inovai. Mr.
6. Nós SN. Ara.
7. Grosseiro.
8. Assem. Esta.
9. Ms. Um. Ir.
10. Sãos Coa.
11. Camisolas.

COTAÇÕES DE NOTAS

(Por unidade, COMPRA VENDA)

ÁFRICA DO SUL (rand)	73365	79965
ALEMANHA FED (marco)	54600	55610
AUSTRIA (xelim)	7960	7960
BÉLGICA (franco)	28521	28721
BRASIL (cruzeiro)	\$025	\$040
CANADA (dólar — notas de 1 a 2)	132325	134625
(notas de 5 a 1000)	132375	134675
DINAMARCA (coroa)	15610	15650
ESPAÑA (peseta)	\$925	\$045
EUA (dólar — notas de 1 a 2)	184000	186000
(notas de 5 a 1000)	184550	186550
FINLÂNDIA (marka)	26610	26670
FRANÇA (franco)	17365	18335
HOLANDA (florim)	47365	48365
IRLÂNDIA (libra)	168390	172390
ITALIA (lira)	\$078	\$088
JAPÃO (lone)	\$678	\$713
NORUEGA (coroa)	18590	19640
REINO UNIDO (libra)	19600	20200
SUECIA (coroa)	19600	19660
SUÍÇA (franco)	63640	64650
VENEZUELA (bolivar)	11580	12580

Observações.

- 1 - No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 - Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.

cartaz de cinemas e teatros

ÁVILA 529930
Av. Duque d'Ávila, 92A

Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
- M. 18 a.
NOITES ESCALDANTES

AVIS 547153
Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- Int. men. 18 a.
PENSÃO DO AMOR LIVRE

BABILÓNIA
Av. Elias Garcia, 362-D

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
GREMLINS, O PEQUENO MONSTRO

BERNA 776098
Av. Marquês de Tomar

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
THE KILLING FIELDS, TERRA SANGRENTA

CALEIDOSCÓPIO 795093
Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
VAI TRABALHAR MALANDRO

CASTIL 530194
R. Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
JOVENS MÉDICOS APAIXONADOS

CINE BLOCO 55682
R. Pinheiro Chagas, 10

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
POLTERGEIST, O FENÓMENO
Às 24 - N. ac. men. 18 a.
OS CAVALHEIROS DO ASFALTO

CINE CAMÕES 324194
R. do Loreto, 15

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- M. 16 a.
PRISIONEIRO DO UNIVERSO PERDIDO

CINE 222 579460
Av. P. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
ESTRADA DE FOGO
Às 24 - N. ac. men. 18 a.
NA SELVA DE CHICAGO

CINESTÚDIO LIDO 937593
P. D. João I, Amadora

Às 15.30 e 21.30 - M. 16 a.
A CORDA

CINE-PLAZA 930119
Av. Santos Matos, 2 - Amadora

Às 15.30 e 21.30 - N. ac. men. 18 a.
O BOM, O MAU E O VILÃO

CONDES 322523
Av. da Liberdade, 2

14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 anos
ZÁSI TUDO AO LÉU

2000 2100055
Av. B. Voluntários, 113-4

Às 14.15, 16.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
A REVOLTA DO PACÍFICO

EDEN 320768
P. Restauradores, 21

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
BEVERLY HILLS COP, O CAÇA-POLÍCIAS

ESTÚDIO 555134
Al. Alfonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
- M. 12 a.
GREYSTOKE, A LENDA DE TARZAN
Preço único 125\$00

ESTÚDIO 444 779095
Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15, 17, 19, 21.30 e 24
- M. 12 a.
METROPOLIS

HOLLYWOOD 802859
Centro Comercial Alvalade

SALA 1
Às 14.15, 16, 17.45, 19.30, 21.30 e 24
- M. 12 a.
BROADWAY DANY ROSE

SALA 2
Às 14.15, 16.30, 18.45, 21.30 e 23.45
- M. 16 a.
1984

IMPÉRIO 555134
Al. Alfonso Henriques, 35

Às 15.15, 18.3 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
AMÉRICA 1998
Preço único 125\$00

LIDO 937593
P. D. João I, Amadora

Às 21.30 - M. 16 a.
ESCANALOSO

MONTECARLO 681117
Av. Pedro Álvares Cabral, 37

Às 14.15, 16.30 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
A SELVA DE CIMENTO

NIMAS 574362
Av. 5 de Outubro, 42-B

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
UM LUGAR NO CORAÇÃO
c/ Sally Field

ODEON 326283
R. dos Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 18 a.
A SOMBRA ASSASSINA

PATHE 821933
R. Francisco Sanchez, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
O ÚLTIMO FÓLEGIO



«Nostalgia» um filme de Andrei Tarkovski grande prémio do cinema de criação - Cannes. Em exibição no Quarteto.

POLITEAMA 326716
R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
O MARGINAL
Preço único 125\$00

QUARTETO 771378
R. Flores de Lima, 16

SALA 1
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
DANIEL, PASSADO SEM RESGATE
Às 23.45 - M. 18 a.
DOIS HOMENS E UM DESTINO

SALA 2
Às 14, 16.30, 19, 21.15 e 23.45
- M. 17 a.
VERTIGO, A MULHER QUE VIVEU DUAS VEZES

SALA 3
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
NOSTALGIA
Às 23.30 - M. 18 a.
TRAVÕES AVARIADOS, CARROS ESTAMPADOS

SALA 4
Às 15, 17, 19 e 21.30
- M. 12 a.
ULTRA-SECRETO
Às 23.30 - M. 18 a.
A VIDA DE BRIAN

QUINTETO 573407
R. Actor Taborda, 27 B

Às 14.30, 16.45, 19 e 21.30
- M. 12 a.
KRULL
Às 24 - N. ac. men. 13 a.
JULIA

ROMA TEL. 727778
Av. de Roma, 14 M-N

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 16 a.
THE KILLING FIELDS, TERRA SANGRENTA

ROXY 548560
Av. Amante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
- M. 12 a.
O TEU OLHO É A MINHA DESGRAÇA

SAO JORGE 579144 579344
Av. da Liberdade, 175

SALA 1
Estreia às 15, 18.15 e 21.30
- M. 12 a.
PASSAGEM PARA A ÍNDIA

SALA 2
Às 14, 16.30, 19 e 21.45
- M. 16 a.
EUREKA

SALA 3
Às 14.30, 16.45, 18.45 e 21.15
- M. 6 a.
OS CAÇA-FANTASMAS

7.ª ARTE 730715
Av. República e L. Entre Campos, junto ao n.º 63

Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
- M. 12 a.
VIDAS EM JOGO

STAR 804210
Av. Com. e Indústria, 14

Às 14.30, 16.45, 19, 21.30 e 24
- M. 12 a.
GENTE GIRA
Preço único 125\$00

TURIM 706668
E. de Benfica, 721 A

Às 14, 16.30, 19 e 21.45
- M. 6 a.
A CORRIDA MAIS LOUCA DO MUNDO

VOX 880808
Av. Fr. Mique, Contreiras, 87 B

Às 15, 18.15 e 21.30
- N. ac. men. 13 a.
BALBÚRDIA NO OESTE
Preço único 125\$00

XENON 368480
Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
- M. 18 a.
NOVA IORQUE, 2 DA MANHÃ

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 - «Passagem para a Índia», às 21.30 (12 anos)
ALFA-2 - «Revolta no Pacífico», às 21.30 (6 anos)
ALFA-3 - «O Caça-Polícias», às 21.45 (12 anos)
ALFA-CLUBE - «A Corrida Mais Louca do Mundo», às 21.15 (6 anos)
TERMINAL - «História do Soldado», às 21.30 (12 anos)
ZODIACO - «O Império do Desejo», às 21.30 (18 anos)
FONTE NOVA - Sala 1 - «Feliz Natal, Mr. Lawrence», às 21.15 (16 anos)
FONTE NOVA - Sala 2 - «Classe», às 21.00 (16 anos)
FONTE NOVA - Sala 3 - «Em Busca da Esmeralda Perdida», às 21.30 (6 anos)
MUNDIAL - «Beverly Hills Cop, o Caça-Polícias», às 21.30 (12 anos)
APOLLO 70 - «Passagem para a Índia», às 21.30 (12 anos)
CAPITOLIO - «O Palácio do Deboche», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
OLIMPIA - «Viúvas Ardentes», sessões permanentes (18 anos)
RESTELO - «Os Taxistas do Ritmo», às 21.30 (12 anos)
ESTÚDIO ACS - «O Guerreiro Sagrado», às 21.30 (12 anos)
CITY-CINE - «América 1998», às 21.30 (13 anos)
LONDRES - «Amadeus», às 21.30 (12 anos)
TIVOLI - «Terra Sangrenta», às 21.30 (16 anos)
PROMOTORA - «Bruce Lee, a Face da Vingança», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

CASCAIS - Oxford - «Sheena, a Rainha da Selva», às 21.30 (12 anos)
ESTORIL - Casino - «A Balada de Narayama», às 21.15 (16 anos)

Outra Banda

ALMADA - Incrível - «Rebel, o Insubmisso», às 21.15 (12 anos)

ALMADA - Cine-Estúdio - «A Estrada de Fogo», às 21.30 (12 anos)
COSTA DE CAPARICA - Oceano - Sala 1 - «Moonraker, 007 Aventura no Espaço», às 21.30 (13 anos)
COSTA DE CAPARICA - Oceano - Sala 2 - «Uma Mulher de Sonho», às 21.45 (18 anos)

Linha de Sintra

CACÉM - Cine-Estúdio Flores - «Feliz Natal, Mr. Lawrence», às 21.30 (16 anos)

Porto

BEBÉ - «Paris Texas», às 21.45 (12 anos)
OLIMPIA - «Combate Contra Todos para Sobreviver», às 21.30 (16 anos)
BATALHA - «Nova Iorque, 2 Horas da Manhã», às 21.45 (18 anos)
CHARLOT - «Paris Texas», às 21.30 (12 anos)
TERÇO - «O Ladrão do Lago de Fogo», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE - Sala L - «Paris Texas», às 21.45 (16 anos)
CHAPLIN - «A Bomba na Marinha», às 21.30 (13 anos)
AGUIA - «Tubarão», às 21.45 (13 anos)
RIVOLI - «Aventura em Atenas», às 21.30 (13 anos)
FOCO - «Passagem para a Índia», às 21.30 (12 anos)
PASSOS MANUEL - «Passagem para a Índia», às 21.30 (12 anos)
SÁ DA BANDEIRA - «A Viciosa Laura», às 21.30 (18 anos)
SÃO JOÃO - «O Caça-Polícias», às 21.30 (12 anos)
TRINDADE - «Amor em Perigo», às 21.45 (12 anos)
PEDRO CEM - «Gente Gira», às 21.30 (12 anos)
LUMIÈRE - Sala A - «Os Amigos de Alex», às 21.30 (16 anos)
NUNO ALVARES - «Apocalypse Now», às 21.30 (12 anos)
JULIO DINIS - «Ouro», às 21.30 (13 anos)
COLISEU - «Terra Sangrenta», às 21.30 (16 anos)

Lisboa

PERMANENTE

ALTO DO PINA: Euclí, R. Barão de Sabrosa, 104 (T. 841912); **ALVALADE**: Roma, Av. de Roma, 85-B (T. 772466); **BAIRRO DAS COLÓNIAS**: Colonial, R. Forno do Tijolo, 40 (T. 841122); **BAIXA**: Valedas, R. da Madalena, 235 (T. 872060); **BENFICA** - IGREJA - CEMITÉRIO: Lisboa, R. Cláudio Nunes, 73-A (T. 703393); **CAMPOLIDE**: Imparcial, R. General Taborda, 28-30 (T. 680931); **CHELAS**: Banha, E. de Chelas, 173-175 (T. 382241); **JERÓNIMOS**: Remígio, R. dos Jerónimos, 14-C (T. 631699); **LAPA**: Mota Capítão, R. de São Félix, 45-B-C (T. 660720); **LUMIAR**: Alameda, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942); **OLIVAS SUL**: Higlens, R. Cidade de Vila Cabral, lote 43 (T. 310026); **SÃO SEBASTIÃO**: Sá de Bandeira, R. Marquês de Sá da Bandeira, 36-42 (T. 554672); **ODIVELAS**: Catala Tavares, R. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A (T. 9815446); **PONTINHA**: Pimentel, Az. dos Bezouros, lote R-8 (T. 991328).

REFORÇO

AREIRO - APEADEIRO: Chinde, R. Agostinho Lourenço, 6-B (T. 890331); **CALVÁRIO** - ALCANTARA: Lupi Nogueira, R. José Dias Coelho, 4 (T. 631635); **CAMPO D'OURIQUE**: Castro Fonseca, R. 4 de Infantaria, 28-A (T. 688857); **CAMPO PEQUENO** - AVENIDA DE ROMA: Galeno, Av. Oscar

teatros

Lisboa

POVO PORTUENSE - «O Fidalgo Aprendiz», às 22.00 (13 anos)
TRINDADE - «Santa Joana dos Mataduros», às 21.30 (13 anos)
BARRACA - «Dois Tempos, um País», às 21.30

Monteiro Torres, 38-A (T. 774920); **CARNE**: Guimarães Moraes, R. Neves Costa, 33-35; **CHAFARIZ DE DENTRO**: Cruz de Malta, L. do Chafariz de Dentro, 38 (T. 866126); **CONDE BARÃO**: Mox Teixeira, R. Poço dos NEGROS, 117 (T. 601961); **ESTEFÂNIA**: Universal, R. Actor Taborda, 5-7 (T. 544158); **MARQUES DE POMBAL**: Liberal, Av. da Liberdade, 219 (T. 543641); **MARTIM MONIZ**: Tavares, R. da Palma, 194 (T. 863350); **SAPADORES**: Branquinho, R. dos Sapadores, 87-89 (T. 842725); **BRANDOA** - AMADORA: Brito, R. do Colégio, lote 32-B (T. 993351); **BURACA** - AMADORA: Vaz Martins, R. António Ferro, 6-A (T. 970680); **OLIVA BASTO**: Nova, R. dos Açores, 11-A (T. 9810305); **PRIOR VELHO**: Matos, T. das Prioras (T. 2519939)

Outra Banda

ALMADA: Reis, R. Comandante António Feio, 19 (T. 2750504). Permanente: **COVA DA PIEDADE**: J. Castro Rodrigues, L. 5 de Outubro, 62 (T. 2750121). Permanente: **COSTA DE CAPARICA**: Higienica, Av. da República, 23 (T. 2400020). Até às 19 horas: **LARANJEIRO**: Moderna, R. Dr. António Elvas, 8-A (T. 2290305). Até às 22 horas: **SE-SIMBRA**: Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas: **LA-VRADIO**: Parreira, R. D. Silva Cristiano, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas: **BARRIEIRO**: Santa Marta, R. Dr. Manuel P. Nobre, 44-B (T. 2072141). Permanente: **BAIXA DA BANHEIRA**: Cardoso, Av. da Liberdade, 59 (T. 2041044). Até às 19 horas: **CORROIOS**: Lino, Av. das 19 horas: **AMORA**: Fonseca, R. do Ribatejo, 2-A, Cruz de Pau (T. 2211131). Até às 22 horas: **AL-DEIA DE PAIO PIRES**: Central, E. Nacional 9 (T. 2210365). Até às 22 horas: **MONTIJO**: Higienica, R. José Joaquim Marques, 142 (T. 2310370). Até às 22 horas: **MOITA**: União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas: **ALHOS VEDROS**: Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 24250). Até às 19 horas: **ALCOCHETE**: Nunes, L. Coro-

nel Ramos da Costa, 10 (T. 234137). Até às 19 horas: **SETUBAL**: Nova, R. General Gomes Freire (T. 22052). Permanente: **Rosado Pinto**, P. do Bocage, 98 (T. 22484). Permanente: **Saão**, Av. da Portela, 55 (T. 22709). Até às 22 horas.

Linha de Cascais

ALGÉS: Combatentes, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 64 (T. 2112070). Permanente: **LINDA-A-VELHA**: Moderna, Av. 25 de Abril, 30-C (T. 4191235). Até às 19 horas: **TIRES**: Guimarães, L. Duartes, lote A, r/c (T. 2441616). Até às 22 horas: **ALCABIDE**: Carvalho, B. Padre P. Correia, 4 (T. 2690363). Até às 22 horas: **PORTO SALVO**: Ferreira Bastos, R. D. Firmo Rebelo (T. 2421015). Até às 22 horas: **MALVEIRA DA SERRA**: Luz, E. Nacional (T. 2850635). Até às 22 horas: **OELAS**: Mourão Vaz, Av. de Moçambique, 18-C (T. 2437196). Permanente: **NOVA OELAS**: Leal, Quinta da Palmeira, lote 24 (T. 247723). Até às 22 horas: **CARCAVELOS**: Vilar, Av. Maria da Conceição, lote 8 (T. 2470777). Permanente: **SÃO DOMINGOS DE RANA**: Godinho da Silveira, Av. de Sabóia, 29 (T. 260085). Até às 22 horas: **PARÉDE**: Grincho, Av. da República, 87-A (T. 2471204). Permanente: **SASSOIEIROS**: Amarel Semblano, Quinta das Encostas (T. 2461312). Até às 22 horas: **BIRRE**: Imani, MADORNA: Madalena, R. A (T. 2476326). Até às 22 horas: **AMOREIRA**: Abrentes, Venda Maria Carlos Anjos (T. 2682313). Até às 22 horas: **ESTORIL**: Parque, Arcadas do Parque, 3 (T. 260191). Até às 22 horas: **CASCAIS**: Misericórdia, R. Regimento 19, 41 (T. 280141). Permanente

Linha de Sintra

AMADORA: Central, Av. Cardoso Lopes, 25-A (T. 932210). Permanente: **Melo**, P. D. João I, 9-B (T. 932756). Até às 22 horas: **DAMAIA**: Melo, R. de Goa, 21-A (T. 971121). Permanente: **QUELUZ**: Pereira Dias, Monte Abraão (T. 965566). Até às 22 horas: **CAMARATE**:

farmácias

Mendonça, Apêlo, ao. Até às 19 horas: **CACÉM**: Garcia, 7, dos Missionários, 2 (T. 9242161). Permanente: **ALGUEIRO**: Rodrigues Rato, R. dos Morés, 1 (T. 9212038). Permanente: **MERCES**: Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas: **RINCHOA**: Cargaleiro Lourenço, C. da Rinchoa, 38 (T. 9262006). Até às 22 horas: **SINTRA**: Teresa Garcia. Permanente: **COLARES**: Abreja (T. 9290088).

OUTRAS

MOSCAVIDE: Pedro Gomes, B. 25 de Abril, Lote 13 (T. 2519670). Permanente: **SACAVÉM**: Lourenço, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Até às 22 horas: **LOURES**: Sálvia, Av. da República, 29 (T. 2531240). Até às 22 horas.

PORTO

DAS 9 ÀS 12 E DAS 14 ÀS 22 HORAS

LUSO-FRANCESA, R. Sá da Bandeira, 140; **SÃO JERÓNIMO**, R. de Santos Pousada, 622; **SAÚDE**, Av. dos Combatentes da Grande Guerra, 689; **CAMEIRA**, R. do Heroísmo, 90; **ALVES**, P. do Exército Libertador, 62.

DE DIA E TODA A NOITE

VILARINHA, R. da Vilarinha, 161; **LAPA**, Rua Antero de Quental, 211; **PONFIM**, R. do Bonfim, 73; **GOMES**, R. de Cedofeita, 348; **FERREIRA DE CARVALHO**, R. do Bonfim, 354.

COMBRA

DONATO, R. Ferreira Borges, 2-6 (T. 22603); **ADRIANA**, P. da República, 20-22 (T. 23609); **ISABEL FOLHAS**, Bairro da Solum (T. 712120).



Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.

Depósito Legal n.º 1426/82

Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos:

RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA

TELEFONES: 321154/5 - 320271/2/3

Publicidade: 368740

Serviço de noite (depois das 21):

Porte: 321154 - Redacção: 320271/2/3

Preço do «DL» na Madeira: 40000

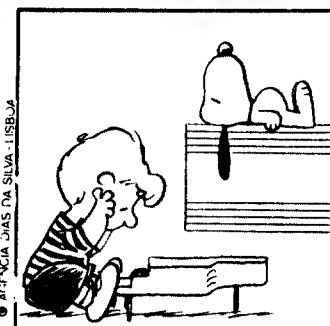
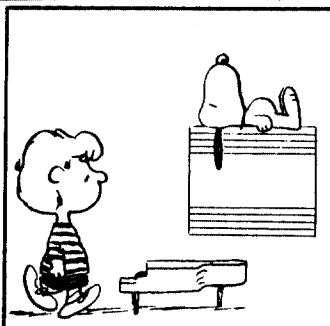
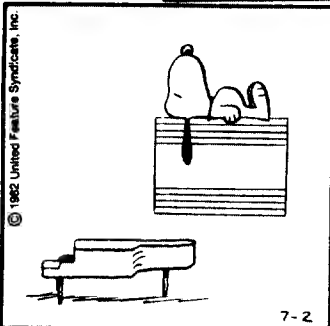
Endereço Telegráfico: DIBOA

Telex: 12363 LISBOA PORTUGAL

Distribuição: INTERPRESS

Rua do Norte, 135-1 - 1200 LISBOA

Telefones: 322100-322304-320784



MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

1.19 3,7 m 7.24 1,3 m

13.47 3,6 m 19.29 1,3 m

Dia 19

2.01 3,9 m 7.57 1,2 m

14.24 3,7 m 20.01 1,2 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 6 HORAS:

VIANA DO CASTELO	11°
BRAGANÇA	8°
VILA REAL	5°
PORTO	9°
COIMBRA	6°
CABO CARVOEIRO	-
PORTALEGRE	9°
LISBOA	5°
ÉVORA	6°
BEJA	3°
FARO	9°
SAGRES	9°
PONTA DELGADA	14°
FUNCHAL	13°

Apesar da recusa da Casa da Madeira

Bordadeiras do Machico querem fazer conferência de Imprensa em Lisboa

Elementos da direcção da União das Bordadeiras do Machico pretendem realizar em Lisboa uma conferência de Imprensa para divulgarem a sua situação, nomeadamente após a decisão do Supremo Tribunal Administrativo de suspender a execução da desocupação das instalações. Recorde-se que no passado dia 11 de Fevereiro forças policiais desocuparam o espaço da Cooperativa, abrindo uma nova fase no caso.

No entanto, e apesar da decisão do Supremo Tribunal Administrativo lhes ter sido favorável, as cooperantes não conseguiram fazer chegar ao povo da Madeira esta informação. Convidados para uma conferência de Imprensa, os órgãos regionais de Comunicação Social não apareceram, excepção para uma equipa de reportagem da RDP-Madeira. No entanto, aos microfones daquela estação regional,

de acordo com fontes contactadas pelo «DL», não foi feita qualquer divulgação da decisão do Supremo Tribunal Administrativo, nem do teor do encontro com os jornalistas. A mesma fonte precisou ainda que a União das Bordadeiras tentou inserir esta informação nos jornais diários da Madeira, como publicidade paga, o que lhe foi recusado.

Casa da Madeira dá negativa

Contactada para ceder o seu espaço para a realização de uma conferência de Imprensa em Lisboa, a Casa da Madeira recusou-se invocando, em telegrama, que a «natureza da questão é incompatível com os nossos estatutos», sublinhando ainda que a «Casa da Madeira em Lisboa não deve ser alternativa para debate de assuntos

confiados ao poder judicial com foro próprio».

No entanto, o facto do presidente da Assembleia Geral daquela organização ser o deputado do PSD-Madeira à Assembleia da República, Correia de Jesus e do presidente da Direcção ser um ex-secretário da Educação e Cultura do Governo Regional, Carlos Leis, não é alheio, de acordo com as fontes contactadas pelo «DL», à não cedência do espaço da Casa da Madeira para a realização da conferência de Imprensa.

Entretanto, e apesar desta negativa, uma dirigente da União das Bordadeiras do Machico confirmou ao nosso jornal estar em curso diligências no sentido de ser encontrado um outro local em Lisboa para a realização de um encontro com os jornalistas. O interesse suscitado pelos últimos acontecimentos no Machico tem, aliás, levado a uma

procura inusitada dos jornais do Continente que, de alguma forma, inserem informações sobre o que se passa naquela vila.

PSP abandonou Ribeira Seca

Como o novo pároco indicado pelo bispo do Funchal para a paróquia da Ribeira Seca, padre Martinho, não apareceu, a missa que decorreu no templo foi celebrada pelo antigo pároco, Luís de Freitas, que há 16 anos abandonou aquela paróquia, tendo sido substituído pelo padre Martins.

De acordo com informações colhidas pelo «DL», o padre Luís de Freitas entrou na Igreja sobre forte protecção policial, tendo como assistentes à missa as pessoas que o acompanhavam. Entretanto, segundo divulgou no

sábado o «Expresso», o bispo do Funchal, D. Teodoro Faria, parece ter abdicado da indicação do padre Martinho a favor do antigo pároco, embora o Paço Episcopal, contactado por aquele semanário não tenha confirmado nem desmentido aquela informação.

Parece assim que, entre o padre Martinho, responsável pela Diocese do Machico, e o antigo pároco da Ribeira Seca, o bispo do Funchal, terá preferido este último por, «à priori», poder ser mais fácil o seu relacionamento com a população. No entanto, a falta de participação na missa por ele celebrada poderá introduzir um novo dado.

Entretanto, as forças da PSP que desde 27 de Fevereiro se encontravam na Ribeira Seca, junto à igreja, já abandonaram o local, permanecendo o templo encerrado.

Vitorino no Coliseu

A superação de uma imagem

Perante o desafio, que era o Coliseu cheio de um público talvez enigmático, Vitorino triunfou. Com sabedoria de ofício cumpriu rigorosamente o que estava estabelecido, dando-se ao cuidado de superar o estigma do cantor alentejano e, de certo modo, a condição que durante anos assumiu, a de veículo de uma mensagem militante. Foi um profissional sem deixar que o outro lado (onde os seus sentimentos e emoções se depositam) ficasse submerso e, portanto, invisível.

Fez uma incursão naquelas duas horas a um passado cada vez mais longínquo: ao bairro, à leitaria lisboeta, a toda uma vivência que se renova noutros termos em que o sofisticado penetra e o cultural se insinua, provavelmente, como justificação. Tony de Matos com os seus amores desenhados inscreve-se nesse espaço pretérito assim como as lantejoulas e a ternura das irmãs Perez, acrobatas de qualquer circo pobre. Da lantejola, da aventura saltibanca que se oferecia de terra em terra...

Ao integrar tais elementos, no seu espectáculo, Vitorino revelou que nada é incompatível quando todo o resto corresponde a um cerimonial, de música e visualidade, em que ele é o oficiante.

O que conta neste tipo de liturgia é o conjunto e a linguagem estética com que se exprime. Muito corpo, onde se acumulam cargas diversas de mensagens multissímbolos menos simplistas do que aquelas que Vitorino dantes afirmava nas suas participações em espectáculos de solidariedade com esta ou aquela causa.

Sim, foi um show que inicia um novo ciclo cronológico na carreira e também do espectáculo no nosso país, normalmente desleixado e repetitivo na maneira de o ser. Ao poema «Os Amigos», de Helder, em que predominou o acompanhamento ao piano de João Lucas, Vitorino faria este acrescento: **Tenho saudades de um amigo, Otelio Saraiva de Carvalho que podia estar aqui...** Com sobriedade sublinha o que não podia deixar em branco. A Nicarágua, a lembrança do que é a luta contra a ingerência estrangeira na vida dos povos. Diga-se, no entanto, que o público se manifestou com uma certa frieza a estas homenagens, discretas e naturais que Vitorino, por coerência, não evitou.

Apenas uma interrogação: que público era aquele?

Lourdes Féria

Gil Vicente em curso livre de Helder Costa

«Uma experiência dramaturgica com Gil Vicente» é o tema para um curso livre que Helder Costa começa a ministrar, hoje, às 19 e 30, na Sociedade de Língua Portuguesa. Este um dos aspectos particulares que serão focados sob o tema mais geral do Teatro de Gil Vicente.

Preparatória de Alhos Vedros reabriu sem electricidade

A Escola Preparatória de Alhos Vedros reabriu hoje com a instalação eléctrica completamente desligada, por indicação da Direcção-Geral do Equipamento Escolar. Encerrada desde o passado dia 4, aquele estabelecimento de ensino viria a ser visitado, a 13 de Março, por uma comissão da Direcção-Geral do Equipamento Escolar que ordenou à Comissão Instaladora o reinício das aulas. Uma fonte da Comissão Instaladora contactada pelo «DL» sublinhou que «a Comissão está contra esta decisão por considerar não existirem condições de segurança». Por isso, de acordo com a mesma fonte «a Comissão Instaladora declinou quaisquer responsabilidades, pois existem vários quadros de electricidade em péssimas condições de segurança».

A funcionar em dois turnos, o da manhã com início às 8 e 30 h, e o da tarde a terminar quinze minutos, depois, das 18 horas, a Escola Preparatória de Alhos Vedros verá, ainda esta semana, o início das obras determinadas pela vistoria da Direcção-Geral do Equipamento Escolar.

Deste modo, a Comissão Instaladora considera que, do ponto de vista pedagógico, se o reinício das aulas coincidir, com o início das obras, irá provocar uma certa confusão.

Com as habituais histórias na bagagem

Cinco libertados pela UNITA chegaram esta noite a Lisboa

Os cinco portugueses recentemente libertados pela UNITA chegaram hoje às 5 e 30 ao aeroporto de Lisboa e declararam-se de boa saúde, embora um deles tenha sido atingido num perna.

Trata-se de José Damas dos Santos, que já se encontra restabelecido. Com ele chegaram Artur Afonso, Abílio Ferreira Agostinho, António Almeida Ferreira e António Ribeiro Neto. Todos eles trabalhavam para a Diamang e estiveram em posse da UNITA desde que este movimento atacou Kafunfo.

A chegada a Lisboa queixaram-se da alimentação embora declarassem não ter recebido maus tratos.

Um dos raptados pela UNITA foi ferido a tiro e os restantes tiveram de percorrer a pé cerca de 1500 quilómetros.

José António Damas dos Santos, de 37 anos, natural do Tramagal, foi capturado, em 31 de Outubro de 1984, na estrada do Dundo, dois dias antes de regressar de férias a Portugal.

A sua viatura foi atacada por guerrilheiros da UNITA com armas automáticas. «Eles atiraram a matar» — garantiu à NP, Damas dos Santos, «escapei por sorte, com um pé ferido».

Damas dos Santos disse que andou cerca de uma hora a pé, tendo perdido muito sangue. Nesta altura, os elementos da



José António Damas dos Santos, hoje, de madrugada, em Lisboa, mostrando a cicatriz do ferimento provocado por uma bala, quando foi preso pela UNITA

UNITA improvisaram uma maca com dois paus e transportaram-no até à Jamba, quartel-general daquele movimento antigover-

namental angolano.

No entanto, o único tratamento médico em condições que recebeu foi quando chegou a Johannesburg.

Os outros quatro reféns foram presos quando a UNITA atacou o complexo diamantífero de Kafunfo, no dia 29 de Dezembro de 1984, juntamente com mais 17 filipinos, três britânicos e dois norte-americanos.

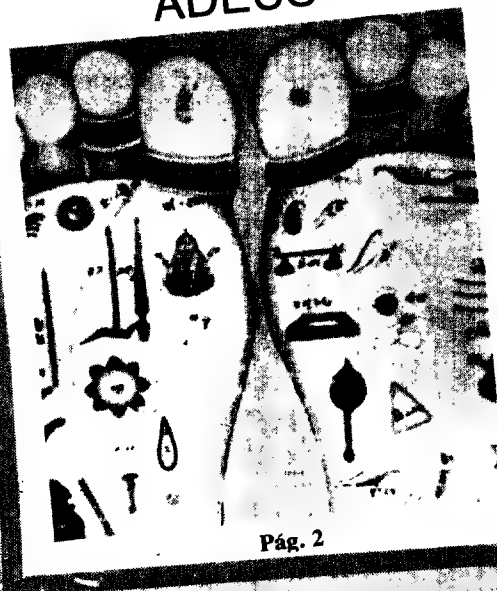
Três dos portugueses capturados no Kafunfo trabalhavam juntos e viviam na mesma casa.

Artur Afonso, electricista, natural da Castanheira do Ribatejo encontrava-se em Angola há um ano e estava a substituir há um mês um colega quando a UNITA atacou o complexo diamantífero.

António Almeida Ferreira, mecânico, do Cartaxo, fora para Kafunfo cerca de um mês antes do ataque, para ali trabalhar definitivamente. «Fui contratado por uma empresa inglesa em Lisboa, mas agora creio que o meu contrato já não tem validade, tal como aconteceu com os de outros portugueses contratados pela mesma firma e que foram obrigados a regressar pela UNITA».

Abílio Ferreira Agostinho, mecânico, natural do Tramagal, também foi preso no Kafunfo. Quando a UNITA, atacou, o tiro-teio era tanto que tivemos de nos refugiar em casa. Depois eles bateram à porta e obrigaram-nos

IDEOLOGIAS,
ADEUS



Pág. 2



DESTAQUE:
Pág. 6
CHERNENKO



PUBLICADO PELO "DIÁRIO DE LISBOA"

INGLATERRA EM FOCO

Mineiros: um ano de greve para nada? Pág. 3

Os segredos do êxito de sr.^a Thatcher Págs. 4 e 5



MENSAGENS PESSOAIS NA PÁGINA 8

As coisas estão a acontecer agora!

Morrem as ideologias, à esquerda. Sinais de mudança vêm marcar o pensamento político contemporâneo. Atrás já vinham alguns prenúncios, mas as coisas estão a acontecer **agora**.

RUI EDUARDO PAES

Ponto Um: «Não é a consciência que determina a vida, mas sim a vida que determina a consciência.» (Marx)

Tem-se a tendência de ver como ideologia toda a **representação**, toda a construção do intelecto enquanto desdobramento reflectido daquilo que é a sociedade ou de como se desejaria que fosse. Assim, qualquer formulação do imaginário ou da consciência societal teria que ser necessariamente ideológica.

A noção está gravemente viciada. Por um par de razões: primeira: o imaginário e a consciência de um povo nunca poderão estar do lado da ideologia, porque são muito simplesmente a sua **cultura**; segunda: a ideologia, é, tal como escrevia Mannheim, **alienante, invertida, com a função de manter e justificar as estruturas sociais instituídas**, sendo pois estranha à propriedade cultural de um nação.

Poder-se-á obstar dizendo que tanto a cultura como a ideologia se constroem de mitos, uma como a outra constituindo **imagens deformadas** (expressão de Althusser) da realidade.

Seja assim; só que o mito cultural é **fundador**, é ele que nos define, que nos marca como somos, que é a nossa **memória** e o nosso **desejo**. (E se o mito nunca pode corresponder à realidade é porque a realidade como tal não é apreendida pela nossa consciência: entre o real e a consciência está a apreensão, ou seja, a subjectividade da apreensão.) O mito ideológico, de modo bem diverso, carrega consigo a deliberada **função social de regulação e reprodução societal**.

Um outro senão se poderá também pôr, chegados aqui: a cultura não tem sido sempre invadida pela ideologia, sendo precisamente nela que encontra o seu campo de acção. Certamente que sim, mas a cultura preserva em si bolsas de liberdade e autonomia. Exemplos muito concretos podem ser as expressões criativas populares e «underground»; ambas rebeldes a esse domínio.

Podemos ser mais esquemáticos, prolongando os sentidos propostos pela frase de Marx que inicia este texto: toda a consciência decorrente da vida só pode ser cultural; toda a

consciência que intenta enformar a vida é ideológica, **normativa, totalizante** (como chamava Heidegger à ideologia). Jean Lacroix exprime admiravelmente a questão: impositiva, a ideologia é «recusa de formação da consciência, de tomada de consciência».

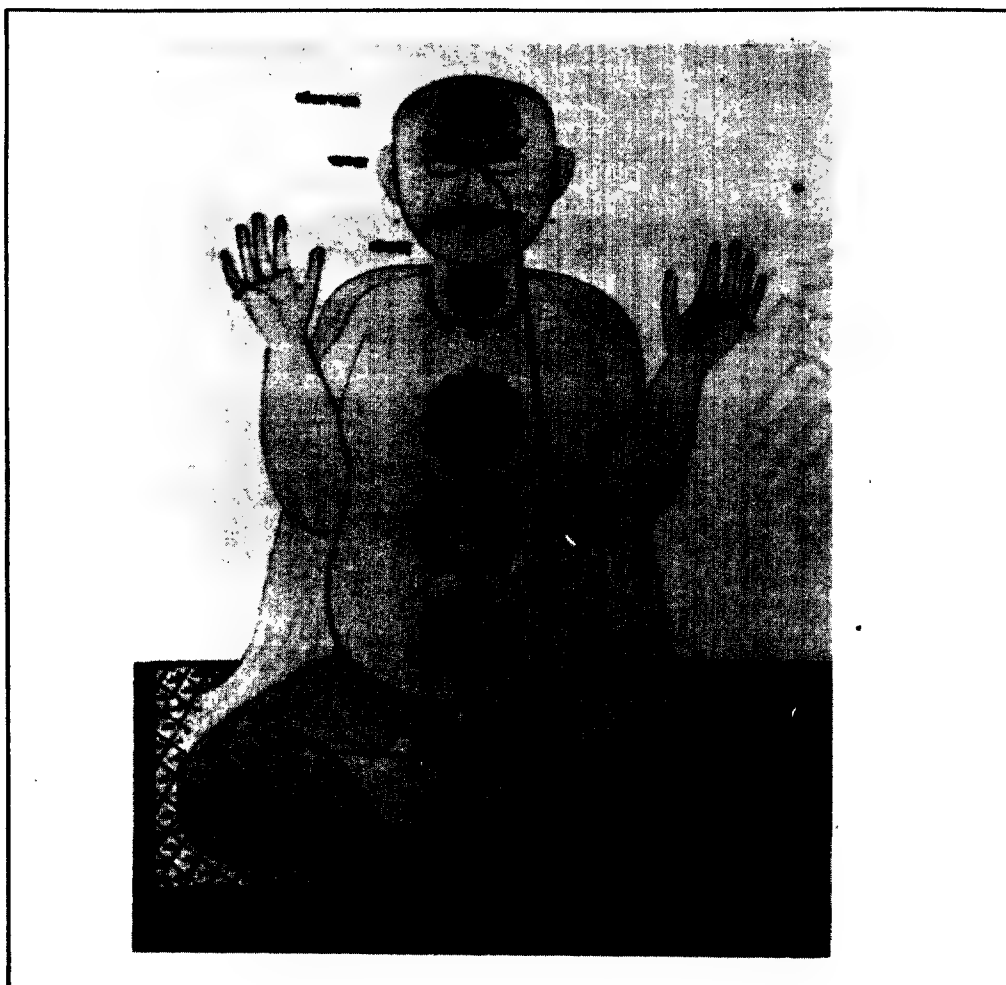
Mas, e toda a prospectiva, todo o programa projectivo, é ideológico, visto formular modelos divergentes para a vida? O problema é, na verdade, muito complexo. Porque o que acontece é que grande número das utopias históricas foram, sem dúvida alguma, totalistas e totalitárias. Mostram-no a República, a Cidade do Sol, o Falanstério. No entanto, tal qualificação não invalida a Utopia. Sem ela, qualquer prática política à esquerda não poderia conceber a alternativa. No seio da questão utópica debate-se a dicotomia totalitarismo/libertação.

O facto de as utopias que conhecemos terem sido absolutistas deriva da sua ideologização — nenhuma utopia poderá ser libertadora se for ideologia, é a mensagem que nos deixam.

Ponto Dois: «Sem o corpo, o espírito, os seus valores e os seus dados não teriam existido.» (Artaud)

O que se pode observar por estes dias do lado das esquerdas em processo de revitalização é a refutação da ideologia, estando a contribuir decisivamente para tal a ultrapassagem do marxismo ideologista, e a assunção do **pragmatismo** (a chamada esquerda socialista democrática) e da **subjectividade** (a nomeada esquerda radical — ecologistas, não-violentos e desarmamentistas, e os 'autónomos', tais como as feministas, os homossexuais, etc), quando não de ambos os valores simultaneamente, como fazem liberais e libertários.

Escreveu Lacroix ser necessário «fazer com que a reflexão se refira menos às ideias e mais à existência, ou seja, aplicar às ideias a existência», num trabalho **cultural** a que p. ex. Paulo Freire designa como 'praxis libertadora': «A praxis (...) é reflexão e acção dos homens sobre o mundo para transformá-lo», sendo precisamente o trabalho que está agora em realização por



esses sectores: o retorno ao concreto das coisas, às quais se dão soluções concretas, como lemos em artigo de Teresa Santa-Clara Gomes.

Ora, a nova fala e actuação políticas **existenciais** têm como eixos o **aqui e agora** e o **eu**. O primeiro rebentando com a falsa oposição revolucionarismo/reformismo, construindo **desde já** a alternativa ao que está instituído; o segundo enquadrando o eu da autonomia e da realização individuais com o eu da sociedade civil emancipada, passando pela individualidade dos grupos e das comunidades auto-instituídos (ideia muito frisada por Cornelius Castoriadis). Como em Tocqueville: «Nas nações em que reina o dogma da soberania do povo, cada indivíduo dispõe de uma parte igual da soberania e participa igualmente no governo do Estado.» [Valor da Arte e do Teatro, segundo Grotowsky:

«atingir a verdade sobre nós próprios; /arrancar as máscaras que trazemos na vida; /romper as barreiras que nos embarçam; /ultrapassar os nossos próprios limites; /suprimir as nossas incapacidades»

Citar Artaud e Grotowsky não é gratuito: o teatro de ambos centralizou-se **na cena e no**

corpo. Um quis deixar de fazer do teatro um **reflexo**, «ilusão daquilo que não é», retornando à 'materialidade formal' por meio de uma 'poesia do espaço': teatro-função (o servir-se do corpo como **meio de acção**, pois que só no corpo se reencontra a **força transgressiva**). É o que pensa, de modo paralelo, Grotowsky, ao elevar o factor: «O gesto e a atitude do actor transformam a terra firme em mar, a mesa em confessional, um pedaço de ferro num objecto quase animado.» Também ele acha que é naquilo que há de corporal, de fisiológico no teatro, que reside o **lugar da provocação**. É curiosa a analogia com o que aqui queremos dizer.

Na verdade, muitos dos 'sujeitos sociais' contemporâneos constituem lutas, protestos e reivindicações **colados ao corpo** (casos do feminismo, da dignificação da homossexualidade, do naturismo, da libertação do amor) e ao **território** (descentralização, regionalização, autonomia e autogovernança local).]

Ponto Três: «Por caminhos não percorridos, Pela vegetação das margens das lagoas,

Fugindo da ostensiva vida, De todas as normas já promulgadas, dos prazeres, benefícios, convenções, Tudo isso com que, demasiado tempo, alimentei a minha alma, (...) (fragmento poético de Walt Whitman)

Sendo a ideologia, consoante a frase heideggeriana, «anti-histórica quando idealiza um regime, uma situação e quando pretende fixar definitivamente, para a eternidade, o que exprime e interpreta», visando «prolongar um determinado estado de coisas», e, que retomando de novo Paulo Freire, «não haveria acção humana se o homem não fosse um 'projecto', um mais além de si, capaz de captar a sua realidade, de conhecê-la para transformá-la», todo um espaço para lá da ideologia se tem criado, afirmando no fundamento do homem o **Desejo**, donde decorre a sua força criadora, construtora. Citemos Hobbes: «A felicidade é uma progressão do desejo de um objecto para outro; atingir o primeiro não é mais do que o meio de alcançar o segundo. A causa disto é que o objecto do desejo do homem não é a fruição única e momentânea, mas a garantia, para sempre, da realização dos seus desejos futuros.»

Apropriarmo-nos do futuro, isto é, fazermos a alternativa para **podermos 'Ser Mais'** (P. Freire) — e o ser mais, a felicidade, variam conforme cada um de nós — tem, como se vê, de ser um acto pragmático e subjectivo («assim as nossas paixões se renovam, se sucedem, se multiplicam; e nós vivemos para desejar e tanto quanto desejamos», como diz um outro liberal — Condillac), com tudo o que tem de errante e relativo, nómada e precário, guiando-se por uma utopia que vai revestir das suas formas não absolutas. Uma utopia enquanto **discurso revolucionário que propõe a transformação da ordem social** (definição de Mannheim), expressão do 'desejo colectivo' (palavras que registamos de Fernando Belo).

(Interessante será compararmos esta filosofia do desejo dos liberais com essoutra assinada por Gilles Deleuze e Félix Guattari, que tanto como ela diz respeito ao presente trabalho: «O desejo faz constantemente a ligação de fluxos contínuos e de objectos parciais essencialmente fragmentários e fragmentados. O desejo faz correr, corre e corta. (...) produz intrinsecamente um imaginário que duplica a realidade, como se houvesse um 'objecto sonhado por detrás de cada objecto real' (...) Se o desejo produz, produz real. Se (...) é produtor, só o pode ser na realidade e da realidade. (...) O ser objectivo do desejo é o Real em si mesmo.») Está a fazer-se portanto uma articulação íntima entre a dupla pragmatismo/subjectividade e a Utopia libertadora, uma remetendo a outra. Sinal de uma esquerda desideologizada que, por isso mesmo, **se culturaliza**, que toma partido, não sendo por acaso que o sector mais rico da esquerda actual é aquele que reconhece ser a cultura o fundamento de tudo o mais, adequando-lhe a sua prática interventiva, deixando-se inscrever dos seus signos de memória e projecção, do seu imaginário, da sua força prenunciadora.

Lembremos Bakunine: «Ser efémero e imperceptível, perdido no meio do oceano sem margens da transformação universal, com uma eternidade que o precede e uma eternidade imensa à sua frente, (...) o homem consciente do seu papel fica calmo e orgulhoso com o sentimento da sua liberdade, que conquista emancipando-se (...) e emancipando, revoltando se necessário, todos os homens, seus semelhantes, seus irmãos, à sua volta.»

Mineiros ingleses: um ano de greve para nada?

A greve dos mineiros — o mais longo conflito dessa importância da história das relações do trabalho na Grã-Bretanha — começou no dia 1 de Março de 1984 no Yorkshire, no poço de Cortonwood, cuja direcção anuncia o encerramento para breve. Os dirigentes do Sindicato dos Mineiros, a NUM, que há muito esperam por uma profunda reestruturação do conjunto das hulheiras, não se enganam: é o sinal. No dia 6 de Março, o National Coal Board (NCB), a administração dos carvões, confirma ter o projecto de encerrar em doze meses uns vinte poços e suprimir vinte mil empregos. Convém reagir o mais depressa possível e lembrar ao governo que o sindicato sempre teve mais do que sua palavra a dizer aquando das precedentes etapas da transformação da indústria.

Este projecto volta a um acordo a longo termo concluído em 1984 e conseguido com dificuldade depois de outra greve que provocou a queda do gabinete conservador de Edward Heath. É preciso pôr-lhe fim. É uma questão de princípio para os sindicatos, cuja influência não deixa de se reduzir. Tal é a opinião do ardente presidente da NUM, Arthur Scargil, que está disposto a uma prova de força. Ele quer exigir a retirada pura e simples do plano estabelecido pelo NCB.

Quando as paragens começam a multiplicar-se no Yorkshire, principal bacia do país, e, na Escócia, em 12 de Março, Scargil envia piquetes de greve para as regiões vizinhas. O movimento torna-se nacional e «oficial». Mas, porque não houve consulta geral, a maior parte dos mineiros de Nottinghamshire recusam juntar-se-lhes. Scargil vai pagar a sua conduta, considerada autoritária e antidemocrática. A greve nunca será total. Por isso o governo não cederá. A partir de Novembro, o número de grevistas tornaram-se a minoria, menos de 50% dos efectivos nacionais (cento e oitenta e seis mil) segundo o NCB.

Uma oferta «humilhante»

Em posição de força, o NCB e, através dele, um governo quase triunfante, fez uma «última proposta de compromisso», que o não é aos olhos de Scargil. O estado-maior da NUM acha que aceitar equivale a renegar. O NCB sugere simplesmente a participação do sindicato num organismo puramente consultivo para examinar a reestruturação futura. Para evitar um armistício «humilhante», se não uma capitulação, e impedir uma debandada das suas tropas, a maior parte dos delegados que se reuniram no dia 3 de Março pareciam preferir a decisão de uma retirada em ordem.

Nas regiões mineiras, essa greve e o seu fracasso retumbante deixarão por muito tempo vestígios difíceis e até cicatrizes. Estas comunidades de mineiros, forte e estreitamente solidárias desde gerações, estão hoje profundamente divididas. Ao querer «preservar o seu futuro», Scargil terá provocado a sua agitação, visto que o movimento que lançou desde o início foi aceite por todos, quando a regra da solidariedade, até da unanimidade, tinha um carácter quase sagrado. Tendo sido rompido o consenso, o

confronto entre grevistas e não grevistas nem por isso deixou de ser mais violento.

Nunca se tinham visto tais choques na frente dos piquetes de greve, essas campanhas de ameaças, estes ajustes de contas entre vizinhos, sem contar com verdadeiras emboscadas. Houve dois mortos. Actualmente numerosos grevistas declararam que não admitem desde já trabalhar com os «amarelos». Em muitos casos, o NCB já prevê um sábio doseamento das equipas e das mutações a fim de impedir fricções. Alguns representantes da NUM, onde a greve foi mais respeitada até ao fim, não renunciaram aplicar sanções aos furas, ou a excluí-los do sindicato: um sério problema quando este possui o monopólio dos mineiros.

Privados de salários os grevistas endividaram-se consideravelmente e todas as profissões que dependem da mina sofreram as consequências do conflito. A economia de regiões inteiras foi afectada e trata-se muitas vezes das que vão sendo mais tocadas pela crise e pelo desemprego desde há longos anos. Se não houver negociações não será incitado a propor compensações para os encerramentos de poços que se prevê. A greve dos mineiros só concorreu para aumentar o fosso que separa o norte e o sul de Inglaterra.

A derrota da NUM

Que vai ser da NUM, sindicato dantes tão poderoso? A carreira de Scargil já parece comprometida, mas, mais geralmente, é a autoridade das instâncias nacionais do sindicato, que é posta em causa. Os seus responsáveis renunciaram aparentemente à «expulsão» da secção regional do Nottinghamshire, centro da dissidência. Mas os mineiros dessa parte dos Midlands aumentaram largamente a sua autonomia, tanto que cada vez se parece mais com uma independência. Outras regiões preparam-se para seguir esse

exemplo.

A NUM não se arrisca a uma separação mas a unidade que os seus dirigentes nacionais desejam actualmente salvar detendo a greve, podia não ser mais do que um fingimento. Sem coesão o sindicato incorre na paralisia, ou, pelo menos, sentirá as maiores dificuldades em se opor aos planos de uma administração por definição mais coerente. Por essa razão a NUM sairá dessa greve duplamente enfraquecida.

Enquanto que pela sua acção os dirigentes do sindicato dos mineiros julgavam dar um novo alento ao sindicalismo britânico, eles não fizeram mais do que agravar a crise dele, não só por suportar cada vez mais o jugo cada vez mais incómodo da política anti-sindical da senhora Thatcher, mas ainda porque, mais geralmente, a recessão dos anos precedentes continua a fazer sentir os seus efeitos na indústria, onde a base operária é muitas vezes desmobilizada ou desmoralizada. A greve nas hulheiras não foi um elemento motor mas perturbador.

Ao longo do conflito, a central, o TUC (Trades Union Congress), mergulhou na perturbação, e agora, a derrota da NUM prejudica todo o movimento permitindo ao governo levar a efeito uma nova batalha. Durante meses «duros» e «moderados» opuseram-se, os primeiros por achar que chegara o momento de passar a uma ofensiva de envergadura, os segundos por julgarem, pelo contrário, que a opinião não estava manifestamente disposta a aceitar uma «greve política» — resumindo essa expressão as acusações vindas de todo o lado para caracterizar as intenções de Scargil.

Por um hábil trabalho de «centralização», com o apoio dos seus aliados da esquerda ou da extrema-esquerda no seio do TUC, Scargil pareceu fazer prevalecer o seu ponto de vista durante o congresso anual da central em Setembro passado. Mas, embora um

pouco forçada, a promessa de um «apoio total» à acção dos mineiros nunca foi cumprida. Foi por isso que a greve não teve o impacto desejado por Scargil na economia do país, e não pôde obrigar o governo a transigir. À parte a dos empregados dos caminhos-de-ferro, as outras organizações sindicais que tinham meios suficientes para dar uma assistência efectiva à NUM, afastaram-se e só fizeram esforços insuficientes.

«Novo realismo»

Exemplo revelador do clima de que foram vítimas Scargil e os seus: os sindicatos da siderurgia, em cujo socorro a NUM acorrera em 1980 (quando os efectivos das fábricas de aço foram reduzidos de uma só vez a quase metade), não fizeram o mesmo com os mineiros. Mais grave: os siderúrgicos protestaram contra a demarche de Scargil, sublinhando que a greve nas hulheiras ameaçava directamente os seus próprios postos de trabalho.

É certo que Scargil colocando piquetes de greve da NUM às portas das fábricas de aço a fim de forçar a mão dos seus devedores, provocou um protesto geral, porque se tratava de um caso entre muitos outros deste «extremismo» incómodo, agora designado pelo nome de «scargillismo».

Um momento ultrapassados, os moderados do TUC e, à sua frente, o secretário-geral Norman Willis retomaram importância quando o movimento dos mineiros começou a declinar. O fracasso cada vez mais previsível da NUM voltou a fornecer argumentos aos defensores de um «novo realismo», tese em discussão na central havia dois anos. Ela consiste essencialmente em pregar a paciência e a prudência face a um governo indubitavelmente em situação de força. Mas estas últimas semanas foi a vez de os moderados estarem na defensiva por terem querido interpor-se entre o governo e NUM, a fim de apressar uma solução, isto é, sobretudo, para fazer cessar a greve que, na opinião

pública está cada vez mais condenada e prejudica o sindicalismo.

O Partido Trabalhista também sofreu com este conflito, quase pelas mesmas razões que o TUC. Várias sondagens o indicaram: o número dos britânicos que desaprovam a greve seria duas vezes maior do que os dos defensores da NUM a fim de apressar uma solução, isto é, sobretudo fazer cessar essa greve que, segundo a opinião pública, está cada vez mais condenada e prejudica o sindicalismo.

O Partido Trabalhista também sofreu com este conflito, mais ou menos pelas mesmas razões que o TUC. Várias sondagens o indicaram: o número de britânicos que desaprovam a greve seria duas vezes maior do que o dos defensores da NUM. A acção desse sindicato teve como consequência refrear um renovo do Labour que fora claramente seduzido depois da designação de Neil Kinnock como chefe da oposição. A greve foi o cavalo de batalha da extrema-esquerda. Esta tentou reconquistar a sua força perdida depois da «grande onda conservadora» das eleições de 1983, porque, a consideravam responsável pelo «desastre» trabalhista.

Num primeiro tempo, Kinnock, que representa uma tendência centrista preocupou-se manifestamente mais com este perigo interno. Quando mais tarde quis manter o papel de chefe da oposição, mostrou-se pouco hábil. Durante meses reclamou em vão a intervenção do governo para solucionar o conflito. Primeiro Thatcher recusou misturar-se no caso, e, quando subitamente, em Janeiro, mudou de opinião, isso não se deu no sentido desejado por Kinnock. O primeiro-ministro redobrou de promessas a fim de precipitar a derrota da NUM.

Mesmo que esta greve tenha sido financeiramente muito dispendiosa, Thatcher tem decerto mais de uma razão para dizer que a prova de força valeu a pena.

Nas págs. 4 e 5: o segredo do «modelo Thatcher»

Quando um terrorismo esconde outro

Alguns demagogos profissionais tentem provocar a opinião: denunciando a fraqueza das leis e das vontades políticas, eles aproveitam-se do terrorismo como de uma boa fortuna para forçar a criação de um regime autoritário.

Assim, um terrorismo pode esconder outro. Procurando ver só um, arriscamo-nos a ser esmagados pelo outro. O terrorismo coloca assim a democracia em face de um duplo desafio. Ela deve, responder-lhe sem fraqueza, e sem se perverter a si própria, sem dar ao terrorismo a forma de vitória que é acabar por se parecer com ele. Ela deve, pois, contra tudo e contra todos, identificar a sua defesa à defesa dos princípios jurídicos e políticos nos quais se baseia. É assim que se distingue da barbarie: o emprego da força é regulamentado e em hipótese alguma não poderiam ser ultrapassados certos limites porque eles são os limites da democracia.

A democracia baseia-se numa noção da liberdade polí-

tica e esta não pode ser efectuada sem as garantias mínimas que são as do Estado de direito. Assim, a democracia não pode ser pensada para além do respeito escrupuloso de certos princípios jurídicos fundamentais que nada a autoriza a abdicar: a presumível inocência segundo a qual ninguém pode ser condenado sem ter sido devidamente reconhecida a sua culpabilidade; a personalidade dos delitos e das penas; a não retroactividade da lei penal; o direito de todos a que a sua «causa seja ouvida equitativamente, publicamente e num espaço de tempo razoável» (Convenção Europeia de 1950, artigo, 6), o que condena certas formas abusivas e até escandalosas de detenção preventiva; a exclusão de toda e qualquer forma de tratamen-

to cruel, desumano ou degradante — isto é, de toda a forma de tortura — em especial no regime de detenção; o direito a uma defesa livre, com tudo o que isso implica na escolha dos advogados e nos meios de argumentar.

Estes princípios ainda excluem toda e qualquer jurisdição e toda e qualquer legislação de excepção de que, felizmente, a França está finalmente desembaraçada: não se vê em que o Tribunal de Seguridade do Estado podia conjurar o terrorismo; todos se lembram que ele foi afrontosamente utilizado para reprimir pensadamente os movimentos autonomistas bretão e corso, ou para atirar para o esquecimento um aventureiro autor de um livro que contava impertinentes histórias centro-africanas. Quem se diz democrata só se pode reconhecer na defesa intransigente destes princípios elementares. Não há em tudo isto nenhum compromisso possível, mesmo em nome da luta contra o terrorismo. A amálgama é pois inadmissível: defender estes prin-

cípios, denunciar o motor autoritário de um regime não tem evidentemente nada a ver com qualquer apoio ao terrorismo. Também não se pode ceder a uma tal chantagem.

Assim, a legitimidade da luta contra o terrorismo não pode legitimar tudo. Ora durante os «anos de chumbo», em nome da defesa da «ordem democrática liberal», a Alemanha Federal introduziu no seu direito penal medidas que não são democráticas nem liberais: entre estas, atentados injustificáveis aos direitos da defesa. Fintos os processos da Fração do Exército Vermelho, tais medidas subsistem. Como «regras gerais e impessoais» aplicam-se a todos e vê-se bem que não puseram fim ao terrorismo.

O que é crime e o que é política

O mesmo acontece em Itália. A detenção preventiva pode chegar aos dois anos; ela pode mesmo ir além disso se é feita nova acusação ao interessado. A Amnesty Internatio-

nal e a Federação Internacional dos Direitos do Homem denunciaram várias vezes tais abusos tal como uma das suas consequências particularmente chocante: algumas pessoas foram finalmente libertadas depois de vários anos de prisão sem nunca terem sido julgadas. A lei consagrou igualmente a prática detestável das reduções de pena para os «arrepentidos», o que permite todas as manipulações: alguns acusados do famoso processo «7 de Abril» foram condenados com base em testemunhos de arrendidos com os quais foram confrontados, visto estas «testemunhas» terem conseguido muito oportunamente os meios de deixar a Itália no momento da abertura do processo.

Todas estas medidas só concorrem para ferir a democracia sem por isso desarmar o terrorismo. Temos de nos convencer de que face ao terrorismo como a qualquer outra panaceia, não há receita infalível. Só os espíritos simples podem acreditar nisso, e os demagogos pretendê-lo.

Como abordar então o problema da luta contra o terrorismo? Não há noção jurídica do terrorismo. Tendo em vista a heterogeneidade do fenómeno talvez não possa haver e talvez não seja necessário haver alguma. Para mais, o terrorismo não coloca somente um problema penal, e é comprometer a justiça pedir-lhe como há muitas vezes tendência a fazê-lo no seio da classe política, que resolva por si só um problema tão complexo.

Aquilo a que se chama um acto de terrorismo é um crime político. O que é crime diz respeito à justiça, o que é político necessita ser tomado em conta politicamente. Quer isso agrade ou não, um bando terrorista como a Fração exército vermelho não se pode assimilar a um «gang» marseilhês.

O que é crime deve ser, como tal, perseguido e reprimido. O Código Penal comporta múltiplas qualificações susceptíveis de ser aplicáveis aos crimes em atentados terroristas: para além do rapto, a

Continua na pág. 8

O corre

«O que nós queremos são empregos», diz Christopher Gibaud, jovem e brilhante responsável pelo desenvolvimento industrial do condado de Thamesdown, onde se encontra a cidade de Swindon, de cento e trinta mil habitantes. A IBM encara a hipótese de criar uma unidade de produção nessa região, que se tornou, no espaço de alguns anos, uma das mais prósperas das ilhas britânicas, atravessada pelo «corredor do Oeste», a célebre auto-estrada M-4 que coloca Swindon a hora e meia de distância de Heathrow, o mais importante dos aeroportos de Londres.

Se o projecto se materializar, a Big Blue, como é familiarmente conhecida a grande firma multinacional, será, e de longe, a maior empresa de uma zona onde os investimentos americanos já contam mais de metade das firmas aí instaladas. Compreende-se perfeitamente que os ingleses não partilhem da obsessão francesa de um domínio da IBM sobre o desenvolvimento das nossas indústrias do futuro, mas no contexto de Swindon põe-se em todo o caso o problema de saber se convém ou não deixar acentuar a predominância das sociedades chegadas de além-Atlântico. Este problema não interessa de modo algum o nosso interlocutor.

PAUL FABRA

A instalação proposta, que devia ocupar umas mil pessoas, é uma fábrica inteira, o que em Swindon e nos arredores é um facto excepcional, porque os três «parques de negócios» (*business parks*) em vias de realização (as áreas de árvores, os pequenos bosques ainda não foram plantadas) situadas perto de Swindon, acolhem oficinas de fabrico de peças, escritórios, laboratórios de investigação e desenvolvimento (particularmente numerosos) mas de dimensões bastante modestas. Como o *roulement* é aqui bastante rápido, ou se faz fortuna em poucos anos ou se fica sem nada — o espaço é «flexível». O condado constrói estruturas móveis, compostas de unidades de superfície modulares. Quando o volume de negócios aumenta, acrescenta-se mais uma oficina ou uma fracção de oficina, alugando um ou vários módulos (paredes frágeis e instalações eléctricas que facilmente podem mudar de sítio) suplementares.

Os sucessores de Isambard Kingdom Brunel

No entanto a IBM podia muito bem fazer escola com a sua grande unidade de manufatura. A Honda contactou com as autoridades locais, encantadas com tal iniciativa, com o objectivo de, por sua vez, instalar outra fábrica para fabrico de motores. Uma nova geração de indústrias mecânicas irá pois ver o dia em Swindon, onde a precedente está a desaparecer? As empresas metalúrgicas que aqui chegaram nos anos 60 estão a morrer umas após outras, atirando

milhares de trabalhadores para a rua. Estes vêm juntar-se aos três mil jovens que todos os anos se apresentam no mercado.

Esta primeira vaga de industrialização do pós-guerra fora atraída pela política empreendedora do fundador da Swindon moderna, David Murray Jones, que, de 1938 a 1974 dominou com a sua forte personalidade o *Council* (Conselho Regional). Foi ele quem teve a ideia de convencer muitos empresários londrinos, primeiro industriais, depois distribuidores, que fossem procurar a Swindon o espaço que lhes faltava, pondo à sua disposição locais a preço moderado e criando alojamentos necessários para acolher uma mão-de-obra recrutada tanto no exterior como ali. As lutas de David Murray, advogado, conta a administração, fizeram escola na Grã-Bretanha. Elas abriram o caminho ao desenvolvimento industrial de mais de uma região do reino.

Outra personagem, de nome ainda mais famoso nos anais da indústria, fizera, no século XIX a fortuna de Swindon, que em 1840 ainda não passava de um burgo rural. Trata-se do engenheiro Isambard Kingdom Brunel que, por razões geográficas, decidiu instalar aí o grande centro ferroviário de construção e reparação da Inglaterra. Swindon prosperaria, graças às locomotivas, até depois da Primeira Guerra Mundial.

A recordação deste passado industrial já antigo não é indiferente para a compreensão do renovo da actualidade. O mesmo fenómeno se produziu do outro lado do Atlântico, e em especial no Massachusetts,

que estava periclitante. A região de Boston tornou-se, desde o início dos anos 70, um dos grandes centros da tecnologia mais avançada. Ora muitos observadores pensam que a nova revolução industrial — uma expressão bastante antiquada mas que retoma todo o seu sentido quando percorremos os *business parks* de arquitectura elegante e eficaz de Swindon — prepara-se hoje em certos locais privilegiados. Entre as vantagens que os caracterizam figura as mais das vezes a conjugação de dois factores: a existência de uma velha tradição industrial (porque nada se cria a partir de nada) e a proximidade de centros universitários científicos.

Swindon tem sorte nestes dois aspectos e mesmo noutros. Num raio de menos de 35 milhas (55 quilómetros) trabalham os investigadores e encontram-se os laboratórios das três grandes universidades, Cambridge, Bath e Bristol. Próximas dali também se encontram as deliciosas vertentes de Wiltshire, de Cotswold e o vale do Tamisa. Trata-se de trunfos não negligenciáveis para atrair os técnicos e os engenheiros especializados, sem falar nos *managers*, que têm o grau de qualificação necessário para serem solicitados no mundo inteiro.

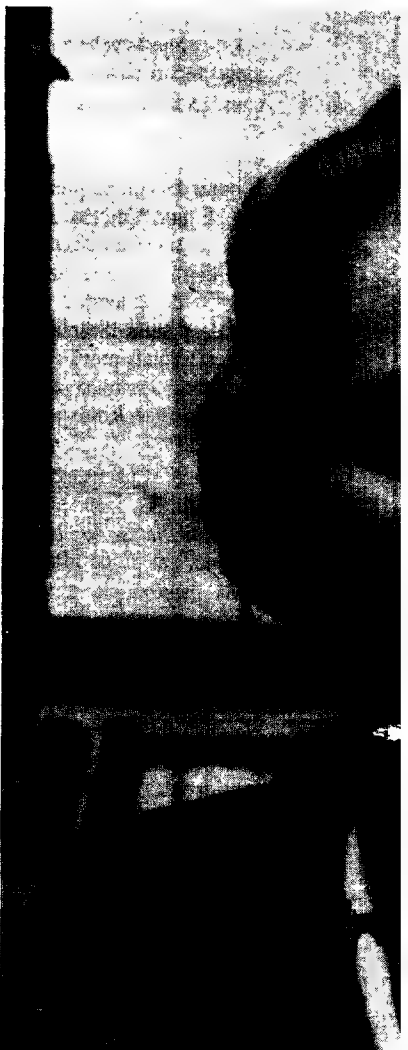
O anti-DATAR

Swindon está hoje, em competição com a Califórnia, Boston, Nancy e as pequenas cidades da Baviera onde se desenvolvem as firmas de alta tecnologia. O conforto do habitat, a beleza da paisagem, e das cidades (Swindon é feia mas Bath, muito próxima, é uma magnífica cidadezinha do século XVIII), as possibilidades de estudos para crianças, tudo isso entra em conta.

Quando se está tão bem provido, somos, naturalmente, em favor de uma economia o mais livre possível. Swindon é a anti-DATAR: as pessoas queixam-se ali da concorrência desleal feita pelas «zonas de desenvolvimento industrial» ajudadas pelas subvenções do governo. A senhora Thatcher prefere o desenvolvimento espontâneo. É outra possibilidade. No entanto, se os trunfos são apreciáveis, as coisas nunca são fáceis. No espaço de uma geração, Swindon e a região circundante terão de transformar de alto abaixo, e por duas vezes, o seu tecido industrial. Desde 1979 que a taxa de desemprego pôde descer abaixo da média nacional. É actualmente de 10,5% em Swindon, de 12,5% na região em volta, contra 13,5 para toda a Grã-Bretanha. O êxito é muito relativo.

Para o «corredor do Oeste» e para as outras regiões do Sul da Inglaterra que se desenvolvem com rapidez, eram precisas novas fontes de financiamento. A criação, em Novembro de 1980, de um «segundo mercado» na Bolsa de Londres, o Unlisted Securities Market (USM), ajudou decer-

to. Tal como o segundo mercado parisiense, fundado em 1983, ele é concebido para permitir a empresas de tamanho médio fazerem apelo às poupanças do público. A capitalização é aproximadamente a mesma nos dois casos (entre 23 e 25 mil milhões de francos), mas como o número das sociedades inscritas na USM é umas quatro vezes maior do que o das sociedades cotadas no segundo mercado de Paris, podemos concluir que empresas de dimensão muito mais pequena tentam a sua sorte em Londres. Do mesmo modo, o montante do novo capital é claramente mais impor-



tante: ele é igual ao quarto da capitalização em Londres, quando a proporção é da ordem de 10 a 13% em Paris.

Tudo aquilo de que o legislador e os funcionários franceses não gostam, a começar pela especulação, tem aqui lugar de honra. Isto favorece a eclosão do capital com risco: «Trata-se de encontrar, entre os pequenos emissores, os Rascal (nome de uma firma hoje muito conhecida e proveitosa, que partiu do nada), do futuro.» Há vítimas, por vezes mesmo muitas, mas também os que ganham, e, na Londres da senhora Thatcher, os ganhantes são vedeta, mesmo que nem sempre se goste deles.

Segundo uma firma de peritos-contabilistas (Touche Ross), a USM já permitiu fazer trezentos e vinte e dois milhões (em libras esterlinas). É um número que se repete, embora seja sujeito à caução (se um destes proprietários de sociedades subsidiárias se lembrasse de vender a



Al, Al, Al!

As flores de amendoeira não têm rigorosamente nada a ver com isto. E nem se pode perceber porquê. São tão indecifráveis quanto o caso. Ou tão enxebres. É o que sucede nas ante-primaveras, como esta, 85. Estamos no Algarve: a cauda sudoeste da Europa. Já tão contaminada? Ficamos arrumados ao lado do Tribunal, nós, jornalistas e testemunhas, cães polícias que ladram aos trovões, pela trela dos agentes (de carapuços à Ku-Klux-Klan, só que são escuro. Chove.

A Judite vem motorizada: é loira, alta, sorridente. Mais tarde inspecionar-nos-á com um aparelho que apita. «Volte-se», diz. Traremos metralhadoras no traseiro? Judite está esfuziante: foi ao cabeleireiro. Fez bem. O mundo gira à volta do sinistro. E a foleirice com ele. O sinistrado pouco importa.

É chega então o «presumível», o «monstro», vem no blindado. É preciso apanhá-lo, as câmaras apertam-se, baixo-me, quero fotografá-lo. «Vem nervoso?».

O seu rosto é sereno, veste modestamente ou não terá passado a vida nas guerras de tudo, de todos? Qual é o seu país, se não o tem?

Vê os engravatados, os da OLP, bem pequeno almoçados, são quatro e vai de insultos. «Que é que ele disse?» Ninguém domina o árabe.

A tradutora atrasa-se, desculpa-se. Para tudo isto era preciso um Hammett. Extremos, dólares, agências de inteligentes, o outro que desaparece e agora nem manqueja e etc.

Entram os «morcegos». — De pé, fazem favor.

São os das togas, negras, que culpa têm os animais, se até são cegos?

Um deles discursa, está por cima da balança. Fala. Fala. Por cima do fiel a julgar um infiel? E assim e assado e que

hoje não há coisa nenhuma. Parece que todos o sabiam, menos o interessado. E vem ele de Alcoentre para Albufeira, fechado, para nada. Al, Al, Al: Alcoentre-Albufeira: árabe, para nada.

Mohammed Hussein Rachid levanta-se, volta-se para nós: «Que é que o Governo português pretende com isto? Não aguento mais, estou muito cansado. Quero ser julgado hoje. De contrário farei greve de fome.»

Agitação. Os únicos firmes são os «camara-men» e os luminotécnicos. Aqui não há teatros: demasiada é a convicção para que seja mau actor, ou apenas actor. Ele tem 23 anos, co-autor, isco, ninguém sabe de nada, as lágrimas estancam-lhe os olhos. Sem melodrama. Só as mulheres presentes na sala (a advogada e a tradutora) se aproximam. Ele agarra-as pelos braços. Ajudem-me — parece pedir. Volta-se: um homem jamais pode chorar. Estará ele sozinho? Somos as suas mães. Também disfarço as lágrimas, contra mim, que diabo, que diabo a política.

Pede um café e um cigarro. É ainda uma mulher que lhe adianta a chávena.

Pois, este é o mundo por que não esperávamos.

Por isso é que se muda de focinho.

M.E.C.

her: será o seu modelo um reaganismo mais prudente?

redor do Oeste

totalidade dos seus títulos, não baixariam eles?).

A afervescência do pequeno mas brilhante segundo mercado, nada é ao lado da razão que se prepara no Stock Exchange, a terceira praça de bolsa do Mundo (depois de Nova Iorque e Tóquio) que tenciona tornar-se segunda, se primeira.

Hábitos modificados

Não passa uma semana que não traga uma notícia que transtorne os velhos hábitos de três quartos de século — o actual estatuto da bolsa de

estrangeiros (americanos, belgas, franceses, austríacos, etc.)... num mercado onde terá pela primeira vez, dentro de um ano, o direito de ter os primeiros papéis. O abandono das velhas regras que serviam de protecção num momento em que reina a maior instabilidade financeira monetária, económica, não é um dos aspectos menos perturbadores da nova política de concorrência.

Reformas irreversíveis?

Quando, dois ou três meses

Será feita uma pausa nos velhos hábitos. Ver-se-á, durante o período de prova (que poderá durar vários anos) se a sessão quotidiana do mercado da bolsa que abre em Londres das 9 e meia para fechar às 3 e meia da tarde, continua a ser frequentado. «É uma querela dos antigos e dos modernos — diz-nos Lynden Jones, conselheiro para os assuntos internacionais do Stock Exchange —. Só os velhos profissionais é que pensam que o contacto directo acrescenta sempre algo ao melhor dos sistemas de intercomunicação.»

O que até agora faz a originalidade do mercado de Londres é a regra dita de «função única» (single capacity), segundo a qual os brokers, que recebem as ordens da clientela, só podem agir como agentes pagos à comissão, enquanto que os jobbers, os que fazem o mercado, são os únicos habituados a tomar posições. Se a distinção entre as duas profissões foi até hoje escrupulosamente respeitada, é porque ela dá uma garantia incomparável aos investidores, que podem contar com a perfeita objectividade dos únicos operadores com quem podem tratar, os brokers.

Os ricos do «supermercado»

Mas este excesso de precauções não será a sobrevivência de uma época em que os próprios aforradores geriam as suas carteiras? Outro facto, dizem ainda os partidários sem saudades da reforma, tornou esta altamente desejável. A crescente internacionalização do mercado, grandemente favorecida pela abolição, desde 1980, de todo o controlo dos câmbios, teve como consequência aumentar o montante unitário das operações. Ora, viu-se que as firmas de brokers e de jobbers eram, na sua maioria, «subcapitalizadas», daí as suas reticências em correr os riscos correspondentes aos novos hábitos do mercado.

Mas será por acaso que este «grave inconveniente» apareceu no início dos anos 70, isto é, no momento em que a maior instabilidade começou a reinar em todos os mercados? Tentou-se remediar o caso abrindo timidamente o capital das firmas tradicionais ao capital exterior. Mas foi em vão. O limite é hoje de 29,9%, mas foi só quando se tomou a dupla decisão (em 1983), aplicável em 1986, primeiro de suprimir a regra da «função única», e em segundo lugar permitir a compra a 100% das sociedades de brokers e de jobbers chamados a fundir-se, que serviu os grandes bancos britânicos (Lloyds, Westminster, Barclays Middland) e estrangeiros (Citibank, Bank of America, Société Générale, Banque Lambert, etc) correm literalmente para as firmas tradicionais a fim de tomar a sucessão.

No entanto, os mais prestigiosos bancos internacionais não serão também gravemente «subcapitalizados»? A única diferença está em que essa cir-

cunstância não os impediu, num passado recente, de correr muitos riscos devido à imunidade suposta que as suas dimensões lhes valem. Visto isto a propósito da política temerária de empréstimos que levaram a efeito no México, na Argentina, no Brasil... até ao momento em que a coisa foi descoberta. «Só o futuro dirá se o abandono de todo o aparelho que fez a nossa reputação se traduz por um novo crescimento do nosso mercado. Uma coisa parece quase certa: conhecer-se-ão vários golpes duros quando a Bolsa for transformada em campo de ataque entre vinte e cinco ou trinta supermercados.»

Deixemos o Stock Exchange, cujo papel na sociedade britânica é considerável (até porque são aí investidas as somas enormes geridas pelas pensions funds, organismos privados de reforma complementar, com estas palavras que nos foram ditas pelo presidente de um... dos futuros supermercados em questão.

Três domínios sensíveis

A questão de fundo hoje colocada tanto pelos partidários como críticos da senhora Thatcher é a seguinte: em que medida têm um carácter irreversível as decisões mais significativas que ela tomou? Tendo em vista que a primeira ministra deu a si própria dez anos para mudar o curso da história interrogamo-nos sobre este ponto. Cinco anos e nove meses depois da sua chegada ao número 10 da Downing Street, é outra maneira de perguntar se, apesar da fraqueza da sua questão monetária e financeira e a sua capacidade aparente de fazer diminuir o desemprego, Maggie e a sua equipa ainda são capazes de imprimir um certo impulso à acção governamental. Arrisquemos algumas reflexões relativas a três domínios particularmente sensíveis: o fisco, a privatização, o poder dos sindicatos.

Em 1986 a Grã Bretanha terá o imposto sobre as sociedades mais baixo de todos os países da Europa: 35%. O novo sistema de taxaçaão, que vem surgindo gradualmente, virá substituir o que estava em vigor até então e cuja dupla característica estava em comportar taxas relativamente pesadas (52%) com efeitos fortemente atenuados graças a numerosas isenções e amplas faculdades de amortização. A simplificação introduzida é de grande alcance económico: o seu objectivo é levar os empresários a julgar um projecto de investimento não em função dos lucros esperados calculados depois, mas antes do imposto. Por outras palavras, fazer desaparecer a obsessão fiscal que cria inevitavelmente um complexo sistema de vantagens e privilégios.

Capitalismo popular

No que diz respeito aos parti-

culares, a grande inovação consistiu em aliviar o peso de imposto directo sobre os mais ricos (o livro de contas tem agora um tecto de 50%) e os mais pobres, e em duplicar a TVA, cuja taxa — 15% — continua sensivelmente inferior à taxa francesa. É uma realidade que, nos países desenvolvidos, o fisco indirecto é melhor suportado do que o directo, e é um imposto sobre o rendimento e as suas modalidades que são, antes de mais, visadas pela «revolta dos contribuintes». Mas como falar de irreversibilidade em matéria de taxaçaão, num país cuja situação financeira continua a não ser saneada?

O programa de privatização foi aplicado com entusiasmo: umas quinze empresas de Estado, de bom tamanho (uma delas gigantesca) foram vendidas a accionistas privados na totalidade ou em parte (mas sempre em mais de 50%) num montante total de 5 mil milhões de libras esterlinas (55 mil milhões de francos), isto é, uma soma equivalente ao total das indemnizações entregues em França aos accionistas das sociedades nacionalizadas depois da vitória da esquerda em Maio de 1981. Quatrocentas mil pessoas tornaram-se assim assalariadas do sector privado, um certo número dos quais são interessados nos lucros porque os planos de profit sharing (partilha dos lucros) multiplicaram simultaneamente.

O grande golpe foi evidentemente a British Telecom. O governo não hesitou para o conseguir, em oferecer acções a um preço manifestamente baixo. Resultado: dois milhões de lares, um milhão dos quais nunca tinha comprado um título, surgiram como compradores. A fórmula do capitalismo popular ter-se-ia enfim encontrado? À partida, os novos accionistas da British Aerospace, outra sociedade desnacionalizada, eram cento e cinquenta mil: eles não eram mais do que vinte e sete mil ao fim de dez meses.

As coisas apresentam-se diferentemente para BT. Quatro quintos dos subscritores que optaram pela fórmula que os obrigava a conservar as suas acções durante três anos para ter direito a um bónus. No entanto, já se pode fazer um reparo geral: a reforma da Bolsa que deveria dar aos maiores bancos britânicos e estrangeiros mão forte sobre o mercado não irá favorecer ainda mais um pouco o movimento natural que leva à concentração do capital?

O poder dos sindicatos

Resta que o futuro político da privatização dependerá em definitivo da aptidão das novas sociedades a gerir os seus negócios melhor do que no tempo da nacionalização. O Partido Trabalhista empenhou-se em «racionalizar» uma promessa já antiga que vai ao encontro dos esforços feitos pelo seu líder, Kinnock, preocupado em barrar o caminho às duas partes da Aliança (liberais e sociais-democratas) a fim de levar o

seu próprio partido a posições mais moderadas. O Labour já teve de fazer marcha atrás no que diz respeito à «renacionalização» das casas e apartamentos do domínio público vendidos para grande satisfação da opinião pública.

Surge como problemática para o Labour o facto de ele se ter empenhado em suprimir toda a nova legislação sobre os sindicatos e as relações salariais, poder voltar atrás sobre a principal disposição introduzida neste domínio pela senhora Thatcher, por exemplo, a obrigação de os sindicatos procederem a escrutínios por voto secreto, para um certo número de decisões importantes, entre elas a greve.

Um argumento e muitas vezes posto hoje em primeiro lugar para provar que se Thatcher pôde resistir vitoriosamente ao movimento dos mineiros (quando o seu predecessor à testa do partido conservador, Heath, perdera o poder na consequência de uma greve do mesmo sector), ela não conseguiu prejudicar o poder sindical (dois milhões de filiados, duas vezes e meia mais do que em França) ao nível que, a longo prazo, mais importa: o da multidão das empresas, grandes e médias, industriais e comerciais. Apesar do desemprego, não é verdade que os salários aumentam ao ritmo de 7% a 8% ao ano, isto é, francamente mais do que a subida dos preços dos bens de consumo?

Ainda não existe nenhum estudo detalhado do fenómeno para que se possa, por meio de constatações numerosas e precisas, fazer um raciocínio rigoroso. No entanto, dois factores poderiam muito bem ter um papel determinante. «É muitas vezes em contrapartida do abandono de práticas anti-económicas, mais ou menos ligadas à tradição sindical, que os patrões consentem aumentos de salários relativamente importantes», diz um industrial. Os progressos muito importantes efectuados pela produtividade, a que se referem não só os estatísticos mas também os praticos, dificilmente podem ser obtidos sem contrapartida.

No entanto parece que, para o pessoal não qualificado, a falta de «flexibilidade» e o nível do salário pedido, são um obstáculo ao emprego. Foram criados há dezoito meses uns novos cem mil postos de trabalho, o que é mais do que na Alemanha e na França, mas para e por quem? Observou-se um notável aumento do número de trabalhadores independentes e, mais ainda, de mulheres ocupadas a tempo parcial, «quer dizer, comenta um conselheiro do governo, uma mão-de-obra menos bem paga, não submetida à regulamentação (se trabalhar menos de dezasseis horas por semana) e não sindicalizada». Os novos desempregados são, em grande maioria, homens sem qualificação, que procuram um emprego a tempo inteiro. O Thatcherismo seria um reaganismo que ainda só, um pequeno percurso?

Agora que toda a gente o vai esquecer e que o mundo se prepara para a era Gorbatchev, vale a pena tentar reflectir sobre o que significou o consulado de Chernenko, na URSS pós-Andropov

Quando a História gagueja

Qual destas duas imagens reter? A do filho de camponeses siberianos elevado graças aos seus méritos à frente de uma das principais potências do mundo, ou a do triste apparatchik emergindo, já doente, à frente de uma burocracia já cansada? A História reteria, pelo menos em parte, a primeira — como o fizera com Khrushchev — se as coisas tivessem sido igual. Mas, após treze meses de um mandato no limite do sinistro, Constantino Chernenko ficará nos anais como o contramodelo, a ilustração dos impasses nos quais se encerrou a classe dirigente da URSS, e do bloqueamento das suas instituições.

Porque o fim do dirigente falecido, a sua ascensão — difícil — à frente do país, simbolizam também a degenerescência de um sistema, cuja emergência os seus princípios haviam simbolizado. Constantino Chernenko nasceu a 24 de Setembro de 1911 na pequena aldeia de Bolchaia Tess, na região de Novoselovski, um dos cantões do imenso território de Krasnoyarsk que tem três vezes o tamanho da França, e que fica no coração da Sibéria. A sua família é camponesa e ele reivindica a nacionalidade russa embora os seus antepassados sejam kranianos emigrados para leste no tempo dos czares.

Desde muito jovem trabalha para os Koulaks, esses camponeses com dinheiro, que Estaline vai destruir no fim dos anos 20, através de uma campanha sangrenta. Chernenko participa activamente nela à frente de jovens zeladores do local. O seu primeiro posto que se conhece é, aos dezoito anos, o de chefe do serviço agitação e propaganda das juventudes comunistas do seu cantão natal. Muitos outros dirigentes actuais começaram a sua carreira através dessa campanha de colectivização, a ponto do Kremlinólogo francês Michel Garder falar de uma «mafia da dekoulakização», englobando homens tão diferentes como Brejnev, o marechal Ustinov e mesmo Gromyko.

Nova manifestação de zelo em 1930: Constantino Chernenko oferece-se como voluntário para o exército vermelho e escolhe os seus guardas-fronteiras, um corpo que tem a aura da vigilância e que ainda hoje depende da Segurança do Estado (KGB). A Imprensa dir-nos-á mais tarde que o jovem Chernenko sabe atirar, e lançar granadas, melhor do que os outros. Também se distingue pelo seu zelo político, visto que adere ao partido em 1930 e se torna ao mesmo tempo secretário da sua célula militar.

O regresso à vida civil é menos exaltante. No seu feudo natal de Novoselovski, Constantino Chernenko segue, durante longos anos, uma carreira extremamente modesta: sempre confinado à «agit-prop» não ultrapassa o grau de subchefe do competente serviço do comité do partido para o território. Sentir-nos-íamos tentados a saudar a carreira de alguém que, por uma vez, não beneficiou das grandes perseguições, se uma série de episódios não tivessem

misturado Chernenko a este episódio (ver caixa).

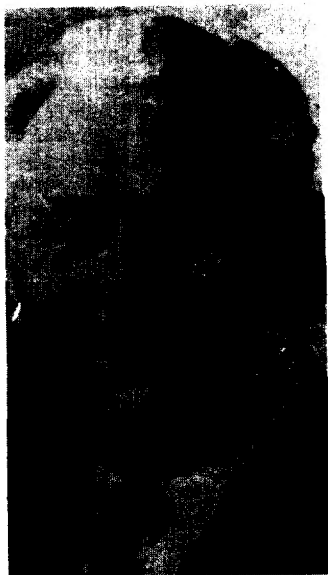
A guerra encontra-o em Krasnoyarsk, desta vez numa função mais importante de secretário (mas não primeiro) do território. Quatro décadas mais tarde, aquele que se tornaria chefe do partido julgará necessário explicar por que é ele o primeiro no seu caso a ter passado quatro anos a milhares de quilómetros da frente. Por altura do ataque alemão de 1941, explica ele no prefácio inglês das suas obras, «ofereci-me como voluntário para a frente, mas todos os meus pedidos foram recusados».

Pelo menos não recusa ir seguir, em Moscovo, a partir de 1943, os cursos da Escola superior dos organizadores do partido, o cadinho onde Estaline forma os seus futuros quadros.

O candidato era pois promissor, mas o indivíduo podia ser um pouco limitado. Porque o que impressiona na carreira de Chernenko durante todo o após guerra, é, antes de mais, a grande modéstia das posições a que ascende. Nunca será primeiro secretário de uma região, nem chefe de uma grande administração do Estado nem mesmo director de uma grande fábrica. Já é uma diferença grande de todos os seus predecessores no lugar supremo. A outra é que a sua competência é limitada, pelo menos durante vinte anos, a um só domínio: ainda e sempre a «agit-prop». A própria protecção de Brejnev levará tempo a fazer ultrapassar este duplo handicap.

O encontro decisivo dá-se em 1950 quando Brejnev toma a direcção do partido, na Moldavia. Chernenko encontra-se aí desde 1948, como chefe do serviço «agit-prop» da República, depois de uma estadia de três anos em Penza, na Rússia central, como secretário de região. Não há dúvida de que se criam elos entre os dois homens, mas, de momento, eles de nada servem. Chernenko vai ficar no mesmo lugar durante seis anos, tanto antes como depois de Brejnev, nem quando este último, no fim de 1952, recebe galões, em Moscovo, como membro suplente do Politburo e secretário do partido, nem mesmo mais tarde quando Brejnev, que voltou em força depois de um eclipse após a morte de Estaline, se torna chefe do partido no Kazakistão.

Só em 1956 é que a protecção é manifesta, e é provável que tenha sido solicitada. Es-



tamos então em plena agitação da desestabilização e os tempos devem ser duros para todos os pequenos chefes da «agit-prop», cuja tarefa quase exclusiva foi a de fazer o elogio do «genial estratega» (e isto ainda devia ser menos bem visto na Moldavia, província que acabava de ser separada da Roménia). A fortiori se estes mesmos «agitadores» participaram nas exações das grandes perseguições, como podia ser o caso.

O certo é que Chernenko obtém um posto em Moscovo, mas não ao lado de Brejnev, visto que o protector se ocupa da indústria pesada e militar e que Chernenko, esse, só faz «agit-prop». Encontram-lhe então um lugar no serviço do mesmo nome, no comité central do partido, mas não se trata de um lugar brilhante. Encarregado de «agitação de massas» no seio deste superdepartamento, Constantino Chernenko não é mais do que um «chefe de sector» entre outros vinte. Acima dele há uma boa dezena de subchefes de serviço, dois primeiros subchefes e um chefe. É inútil dizer que não era ao seu nível mas muito acima dele que se situavam os ideólogos patenteados, os que escrevem no *Kommunist* e noutras grandes revistas teóricas. Ele só tem direito a um lugar no conselho de redacção do *Aquitator*, a revista dos agitadores de província.

É certo que a sua formação intelectual foi e ficará para sempre reduzida: pondo de parte a sua passagem pela escola dos organizadores do partido, o seu único diploma foi-lhe entregue pelo Instituto pedagógico de Kichinev em 1953, quando já tinha quarenta e dois anos e... influência no sistema educativo local. Mas compreende-se melhor porque Chernenko sentirá a necessidade, na altura da sua grande ascensão dos anos 70, de estabelecer, graças a uma onda de artigos e de discursos de pretensão teórica, uma reputação que até ao fim se manteve duvidosa.

Em todo o caso, só dez anos depois do seu encontro com Brejnev na Moldavia, é que Constantino Chernenko se liga definitivamente ao seu

«chefe». Em 1960, Brejnev teve um semi-eclipse provocado pelo seu rival Frol Kozlov, consagrado número dois do partido um pouco contra vontade de Khrushchev. Embora sem abandonar o Politburo, abandona o secretariado do partido para se tornar chefe do Estado, uma posição essencialmente protocolar em tais condições. Toma então Chernenko como chefe do secretariado do Presidium do Soviet Supremo. A função não tem nenhum peso político, mas é, pelo menos, o fim da «agit-prop» e o início da aproximação com grandes homens. E, sobretudo, Chernenko vai poder fazer prova das suas reais qualidades de bom burocrata, de assistente atento, que Brejnev descreverá assim ao condecorá-lo em 1981: «Tu trazes contigo a eficácia e a precisão (...) Não conheço nenhum caso em que te tenhas esquecido do que quer que fosse, mesmo quando, à primeira vista, se tratava de coisas sem importância...»

O departamento geral

Estas mesmas qualidades irão desenvolver-se em melhores condições quando Brejnev, finalmente desembaraçado de Kozlov (devido à doença deste último), depois de Khrushchev (devido à revolução de palácio de Outubro de 1964), ascende ao poder supremo. Desde 1965 que o novo chefe do partido confia a Chernenko a direcção do «serviço geral» do comité central. Não é o mais conhecido dos vinte grandes departamentos que compõem o estado maior do partido na velha praça de Moscovo, mas o seu papel é importante: é ele que prepara as sessões do Politburo ou do secretariado, que organiza os relatórios, controla o percurso das instruções e a publicação das intervenções dos «grandes». Chegada a altura, Chernenko usará largamente deste último privilégio inundando as livrarias soviéticas com as suas obras e antologias: pelo menos um volume por ano nos últimos anos de Brejnev.

Mas se o posto de chefe do departamento geral — que ocupará sem interrupção até 1983 — lhe permite estar ao corrente de tudo e tecer a sua teia, isso não significa que esteja suficientemente em vista para abrir com facilidade as portas do poder supremo. O próprio Brejnev deve achar cómodo apoiar-se deste burocrata-modelo, mas, de início, não pensa fazer dele o seu delfim: em 1975, a acreditar nas confidências dadas a lume por Valéry Giscard d'Estaing, era em Grigori Romanov que ele via o seu futuro sucessor (na verdade Romanov só «subirá» até Moscovo em 1983, no tempo de Andropov). O nome de Chernenko só será mencionado, ainda segundo o antigo presidente francês, em 1979.

Quanto aos outros dirigentes da época, os Suslov, os Kossyguine e até os Gromiko, vêem com maus olhos, dirá

mais tarde o suspenso Arkadi Chevtchenko, as ambições desse parvenu, ligado a um só dentre eles, as noites «fortemente regadas» que ele passaria com Brejnev. Eles tentarão pôr um freio mas não conseguirão impedir a sua irresistível ascensão na segunda metade dos anos 70: Chernenko, que estava desde 1971 no grau «normal» de membro do comité central, torna-se então, de súbito, secretário federal do partido (1976), membro suplente do Politburo (1977), e, finalmente, membro de pleno direito desse organismo supremo da direcção colegial (1978).

Várias circunstâncias serão decisivas nessas promoções: em primeiro lugar, naturalmente, a protecção de Brejnev e do seu «clã», um «clã» à frente do qual estará em 1982; mas também uma arte não negligenciável da manobra política, visto que a sua ascensão irá a par do progressivo enfraquecimento de Andrei Kirilenko, primeiro — no tempo — dos delfins de Brejnev; enfim a sorte, visto que outro candidato potencial ao poder supremo, Fiodor Kulakov, um homem que Chernenko tivera sob a sua autoridade, em Penza, depois da guerra, mas que subira muito mais depressa do que ele (era membro de pleno direito desde 1971 e secretário desde 1975), morreu subitamente em Julho de 1978, com sessenta anos. E é o seu lugar que Chernenko vai naturalmente ocupar quatro meses depois.

O fracasso de 1982

Assim, é um pouco uma surpresa para os diplomatas reunidos para a sessão final da conferência de Helsinkia, em 1975, quando descobrem ao lado de Brejnev, como número dois da delegação soviética, este funcionário que se mostra muito atencioso com o seu chefe e «*lhe abre as garrafas de água mineral*», riem alguns. Depois, os chefes comunistas da Europa de leste descobrem-no por sua vez durante os encontros rituais que têm com Brejnev, na Crimeia.

O novo delfim também conduz as delegações, geralmente nos congressos dos países irmãos: na Dinamarca, na Grécia, em Cuba e em França, onde, em 1982 conhece Georges Marchais. Os dois homens não se entenderão muito bem, o que explicaria os sentimentos «andropovianos» do secretário-geral do PCF.

As grandes manobras começam precisamente em 1982, com a morte de Suslov (em Janeiro) e o ataque de que será vítima Brejnev na Primavera, durante uma viagem à Ásia central. A sucessão está pois aberta. Ora, embora Brejnev apoie a fundo o seu protegido (coloca-o imediatamente a seu lado durante todos os seus aparecimentos oficiais, incluindo o de 7 de Novembro, na Praça Vermelha, três dias antes da sua morte), as hierarquias do Politburo, essas continuam a ver com

maus olhos esse «parvenu» que não deu provas como eles à frente de uma grande administração ou região. Em Maio de 1982 e enquanto corriam boatos sobre Brejnev e os seus ajudantes, Andropov, presidente do KGB é atirado para o secretariado a fim de se preparar para a sucessão e bloquear as ambições de Chernenko. E quando o velho chefe morre, em Novembro, os votos de Ustinov, Gromyko e outros «independentes» impõem Andropov como chefe supremo do partido.

A sequência conhece-se melhor. Até aos primeiros sintomas da doença de Andropov, na Primavera de 1983, Constantino Chernenko fica cantonado no papel de defensor dos interesses do clã batido em Novembro. Todos os boatos de Moscovo, apresentam-no como perdedor, mesmo se o seu discurso ultraconservador no plenário ideológico de Junho o faça subir um pouco. As coisas começam a mudar quando se sabe que Andropov está condenado, e que é necessário prepararem-se para uma nova sucessão.

Do isolamento ao diálogo

O «reino» será portanto bem pouca coisa, mesmo em tempo, visto nem chegar a atingir os quinze meses do de Andropov. Tal como este último mas ainda mais depressa do que ele, Constantino Chernenko desaparece da cena, primeiro durante dois meses, no Verão, depois quase definitivamente após o dia 27 de Dezembro último, excepto para dois aparecimentos bem lamentáveis, na televisão, por altura das eleições dos «soviets» locais. É certo que voltou a mostrar uma certa actividade em Outubro e em Novembro, mas não pôde fazer nenhuma viagem ao estrangeiro (a última de um número um soviético foi, há mais de dois anos, em Janeiro de 1983) quando Andropov esteve alguns dias em Praga, nem mesmo uma deslocação oficial às províncias soviéticas.

Constantino Chernenko que deve, mais do que qualquer outro, dar plena liberdade ao seu eterno ministro dos Negócios Estrangeiros André Gromyko, ter-se-á contentado com essa mudança? Parece que foi mais activo do que isso, visto que o relativo desanuviamento com Washington coincidiu com o seu regresso à cena. Mas o papel que ele esperava ocupar no plano internacional, a viagem que desejava fazer a França este ano, não foram possíveis.

O reino de Constantino Chernenko surge como um gaguejar da História, um segundo ensaio falhado por parte da gerontocracia para se perpetuar no poder. Não foi a sua sucessão que surgiu, mas a de Leonid Brejnev que esperava, há já dois anos, uma solução.

Homo: a exclusão ainda sentida

Longe do dr. Tardieu que escrevia «não posso evitar sujar a minha caneta com a infame torpeza dos pederastas», não corro tal perigo por não ver qualquer aviltamento no que conheço deles.

Não vou dizer das condições do «coming out» nem definir coisa nenhuma, citar barreiras, exageros, causas: teorias pré-freudianas, freudianas motivadoras, de desvios, genéticas e outras.

Lembro que só há dez anos é que a homossexualidade deixou de ser considerada uma afecção mental. Também que Portugal é um dos dois países (justamente com a Noruega) em que esta via diferente para o prazer não sofre restrições legais.

O que se seguirá: um exemplo, uma aproximação «de casa» e à superfície, sem ornatos. Com preferências musicais, as minhas: «and the sweetest thing of all is men loving men loving men»

(Jimmy Sommerville)

— Bronski Beat)

MARIA EMILIA CORREIA

São dois rapazes sem distinções físicas ou intelectuais, brincos na orelha esquerda (demodé), chaves pendentes do bolso traseiro dos «jeans», lenços de cor a indicar preferências. Nada. Discretos.

Nunca ouviram falar de Sylt, nem de Mykonos, Le Touquet e L'Espiguette, Key West, Cap Code, West Village, Castro, South End e o Carnaval do Rio.

São o João e o Miguel, de 24 e 23 anos de idade. Apaixonados um pelo outro, em tempos; hoje amigos e confidentes.

João vive sozinho e é empregado numa empresa de limpeza de vidros de montras das lojas da Baixa. Usa uma bata azul no seu trabalho. Não se sente humilhado. Conheceu o pelo Carnaval num bar-gay, fantasiado de freira.

Miguel vive agora com Fernando. É ajudante de cozinha num restaurante conhecido. Teve uma pleuresia há pouco tempo.

Falaram. Falaram-me. Linguagens singulares, mas não de «ghetto», registadas tal qual.

Música: «It's raining men» (Weather Girls)

TEMA 1 — O caso

João — Quando a encontrei eu estava tapadinha. Tinha 17 anos.

Miguel — Eu já andava na vida artística desde os 12.

João — A mana é muito precoce.

Miguel — Mas só entrei p'ró sindicato aos 19.

João — Vim de excursão a um bar. Nunca tinha dançado com um homem em público.

Miguel — Ela tremia. Pespiguei-lhe um beijo na boca em frente das vaporosas todas.

João — Fomos jantar às Escadinhas do Duque. Ela pagou. Muito fina.

Miguel — Não estava cega.

João — Passámos por primas. Hoje sou mais conhecida que a carroça do pitrolino.

Miguel — Levei-a para a Estufa Fria e foi ali, numa gru-

ta, as gotas caíam das flores, as folhas molhadas.

João — E não só. Parecia na 19. Esta tinha uma mansão com arvoredo e cavalos brancos. Era um condessa.

Miguel — Tirámos fotografias e fomos ao self-service.

João — Aí deste-me a mão.

Miguel — As emancipadas.

João — Fui ter com ela às Caldas, ela era de lá. Seis horas de camioneta. Marcou-me uma residencial com águas quentes e frias. Muito romântica, esta.

Miguel — Levei-a ao Café Central para a mostrar às vedetas. A Naná Paranhos de Lencastre, que tinha mais de cinquenta anos, andava com a Micas. Coitada, só lá ia de mês a mês, para lavar as peúgas e passar as camisas. Roidinha de inveja.

João — Tomámos um copo na Pousada de Óbidos.

Miguel — Era a lua-de-mel.

João — Andámos à boleia. Fomos à Foz do Arelho. Depois a uma discoteca. Os ovários às cabeçadas e o útero a fazer nhã-nhã. Estávamos excitadas.

Miguel — Estávamos era bêbadas.

João — Tivemos que pedir um chazinho de pintelho.

Miguel — Adormecemos logo, uma para cada lado.

João — Não. Primeiro fizemos bolachinhas com leite. Poucoquinho.

Miguel — Conta lá, conta lá.

João — Foi o número da argola.

Miguel — Estás pior que a Amália quando está bêbada.

João — Não tivemos tempo de tirar a certidão. Ela foi trabalhar para Israel. Fiquei paralisada da parte direita, a perna e o braço. Escrevia-lhe todos os dias. Assim: «há companheiros dispostos a desfazerem-se mutuamente em pedaços, mas aqui tens um amigo que se apegue mais do que um irmão.» E mais:

«És como a água fresca para a alma cansada e notícia boa duma terra longínqua.»

Miguel — Não tenho culpa.



Andava aos saltos por causa duma marroquina.

João — Mais tarde encerrámos o quiosque depois de uma visita ao solar do vinho do Porto. Foi num elevador, ao som de um fox-trote.

Miguel — Ela parecia uma cadelinha sem açaime.

Tma 2 — A Família

João — A minha mãe apanhou-me uma carta desta. Tentei mentir: que era de um maluco, de um cliente da loja, que não queria saber disso para nada. Mas havia uma fotografia das duas que esta tinha mandado de propósito. Ela ficou desgostosa e disse: «não me digam que eu tenho um maricas cá em casa». Eu respondi: «então você não andava sempre a pedir uma menina? Agora já tem uma filha».

Miguel — Eu estava nas Caldas e queria vir para Lisboa e o meu pai não deixava. Um dia chateei-me e fui direita a ele: Vou para Lisboa, sim senhor, e vou viver com um gajo porque é de gajos que eu gosto. Ele foi logo contar à minha mãe. Ela tomou o meu partido porque gostava muito de mim e eu gostava dela. Então eles separaram-se. Mais tarde o meu pai montou nas Caldas uma espécie de bordel.

Música: «I looked at the whole of his face, of his body, dispassionately. I was fascinated — fascination in point of fact merely an extreme form of detachment — by this kind of coloured, glazed, vitrified figurine in which i could read, in total incomprehension, the cause of my desire.»

(Jonson, O'toole, Gill, Nash-Frankie goes to Hollywood)

Tema 3 — As mulheres. O afecto

João — Eu estive noivo de uma galinha. Dormia com ela e até gostava. Demos uma entrada

para um apajamento em Odivelas.

Miguel — Eu andava com a Rosarinho que era fufa.

João — Tenho horror às bufas.

Miguel — Mas era a nossa intérprete.

João — A galinha lia livros de «cow-boys» e dormia com a perna de fora.

Miguel — Era por cusa das unhas encravadas.

João — Há pouco tempo estive eu a viver com o Nuno e havia uma gaja que fazia as limpezas lá em casa. Era magra e ainda nova. Uma noite veio tomar café connosco e sentámo-nos no sofá a ver televisão. Ela atirou-se. E gemia: toma, toma, toma. Quase no fim. O Nuno, que estava no quarto ao lado a ouvir tudo, não se aguentou e saiu a correr às gargalhadas a perguntar: querem Brsa? que é uma espécie de café. Estragou tudo.

Miguel — Eu fazia pior.

João — As mulheres despidas são mais bonitas. Só tem duas laranginhas.

Miguel — Eu prefiro bananas: estilo almotolia ou cogumelo, tanto dá. Ou pêssegos do Algarve, com racha.

João — Eu privilegio o afecto.

Miguel — O amor é melhor que todas as pratas que um gajo pode ter em casa.

João — Há muitos casados que alinham, muitos.

Tema 4 — Características

Miguel — Nós, as bichas, só temos qualidades: somos muito sensíveis, aplicadas, apuradíssimas, gostamos de comida com paprika, vestimo-nos na Maçã, no Augustus ou no Parfois (onde está a outra que ganhou o 2.º prémio), e somos vegetarianas: só comemos abóboras e cenouras.

João — E salpicão.

Miguel — Só de sobremesa. Ficamos cheias.

João — Eu, na cozinha, como e cozinho. Quando faço um cozido à portuguesa é com todos.

Miguel — Tens é conta na Ucal.

João — Eu o que não gosto nas bichas é da mania da superioridade. Algumas bem vestidas voltadinhas do avesso, de patas para o ar, não lhes caía uma moeda da algibeira. É gente que quer subir.

Miguel — Por dinheiro nunca fui.

João — Por falar disso eu vou mas é para casa. A uma menos um quarto está a irmã do Serafim Saudade à janela a ver se chego. Não tenho chave e ao bater à porta acordo a vizinhança toda. Ela, coitada, está muito deprimida, a criança dela foi presa. Era ladra.

Emília — Podes ficar em minha casa.

João — Lá vai a outra dormir com o «cocker».

Tema 5 — O terceiro, a outra

(Chega o Fernando, que tem à volta de cinquenta anos. Elegante funcionário da PSP e amante de Miguel. Eszamos em sua casa).

Fernando — Ora vivam. Boa noite. Eu acho que o conheço de algum lado. Como é que se chama?

João — João. Não deve haver segredos, ó Fernando.

Fernando — Claro que não. Acho que tivemos uma coisa superficial.

João — Na sauna, na Estrela.

Fernando — Há muito tempo. Parece-me que foi só um sorriso.

João — Foi mais. Eu nessa parte sou sincero.

Fernando — A única coisa de que me lembro é dos seus dentes.

João — Só tenho dois «pivots».

Miguel — Mete-lhe um carapau na boca.

(Fernando despede-se e vai deitar-se).

João — Está quieta, olha que eu grito e apreço aí a guarda toda nua.

Tema 6 — Os Bares

João — O «Bric» é uma embaixada de mulheres do soalheiro. Dantes havia sofás e um palanque para o «disc-jockey». Tremia tudo. Quando passávamos no corredor dávamos a pontuação. O «Memorial» é para os dois sexos. Está em decadência mas ainda é o mais divertido. O «Xeque-Mate» é o «Bric» em ponto pequeno. «La Folie» é em Cascais para as pescadoras de broche ao peito. O «Finalmente» é um horror. No «Tramps» temos que ir fantasiadas de Avenida de Roma. No «Rocambole» cheirava mal. Agora não sei. O «Duche» do sr. Costa da Caparica tem lá um cão que noutro dia me queria morder a anca. Era eu aos gritinhos, ai, ai, ai.

Miguel — Diz mal diz que ainda selam tudo e vais para os Açores fazer companhia à Guidinha, à Scarlatti. Era só dividas.

Música: «I could have been wild and I could have been free but Nature played this trick on me.»

(Morrissey-The Smiths)

Tema 7 — Confissões

João — Eu acho que vou chegar a uma certa idade e vou precisar duma companhia. E sa-

bes? Feminina.

Miguel — Eu fico muito bem no meu quarto alugado se a velha não morrer.

João — Sou um sentimental. Choro diante do choro dos outros.

Miguel — Cago nisso.

João — Tenho muitas máscaras. A Emília diz que eu sou correcto. Sou para si. Comporto-me conforme os locais e as pessoas. É assim que me safo. No trabalho adoram-me.

Miguel — Põe aí a Betânia. João — Vais dançar?

Miguel — Ó João, sabes qual é a diferença entre o Brás e Brás e o c. dum homem?

João — Não.

Miguel — É que ambos crescem a pensar em ti.

João — O bissexualismo não existe. Foi inventado por alguma frustrada. Eu quando estou com uma mulher estou com uma mulher. Quando estou com um homem estou com um homem.

Miguel — P'ra periquitas basta-me a minha.

João — Eu tenho a certeza que fui alcançada pelo Espírito Santo.

Miguel — Isto é ir e vir, dar ao cu e divertir.

João — Nós não temos doença nenhuma.

Miguel — Eu também não nasci assim, aprendi.

João — Tudo depende dos contactos.

Miguel — Não acho. Mas com homens é melhor. Fazem-se mais posições, a intensidade é maior.

João — A minha primeira experiência foi na minha casa com um tipo mais velho. A minha mãe saía para as compras e ele mostrava-me revistas pornográficas. Eu andava à rasca mas fugia dele. Um dia lá aconteceu. Mas detesto que me perguntes se sou passivo ou activo. Eu sou natural.

Miguel — Os machões, os musculosos, fico de olho neles e a maior parte sai estilo salsicha.

João — Claro que há preferências. Eu fui com um gajo que só gostava de ser penetrado. Pus-lhe a mão no paiol e foi-se logo abaixo. Não sei se é a isso que se chama um homossexual, porque comigo depende. Se não gosto das pessoas não tenho dilatação.

Miguel — Uma vez um gajo mete-me o dedo e tinha uma unha grande e afiada. Magoou-me. Estragou tudo.

João — Para isso é que se usa o K.J. ou o Cetavlex ou os Claudemor.

Miguel — Eu cá não engato, prefiro ser engatado.

João — Nos encontros de rua a expectativa é importante. Não se fala. Falam os olhos.

Miguel — É por isso que andas sempre a desenhar caracóis e borboletas.

João — Ó Emília, esta vida é uma período de férias que a morte nos concede.

Miguel — Saem-lhe assim umas coisas.

João — Vamos travesseiras. É muito tarde.

Miguel — Pois eu, eu fuzeleiro não gostava de ser.

Música: «Evil, wicked or angel, just give me a man. I got those need a man blues hurting me oh so bad.»
(Jimmy Sommerville — Bronki Beat)

doces crónicas

O JOÃO ANDAVA PREOCUPADO SEGUNDO TINHA LIDO NA IMPRENSA, EM PORTUGAL HÁ MUITO MAIS POLÍCIAS POR HABITANTE DO QUE NOS PAÍSES DA C.E.E!



COMO TINHA VISTO A NOTÍCIA EM VÁRIOS JORNAIS ANDAVA ALARMADO! PARA O LAY-OFF! - "AINDA VOU MAS É DIZIA ELE AOS AMIGOS! E EU SEMPRE A DO "LAY-OFF? CREDO ISSO SÓ SE OS LADRÕES TAMBÉM ENTRASSEM MESMO NO ESQUEMA E TAMBÉM FIZESSEM LAY-OFF!"



MAS O JOÃO NÃO DESCANSAVA! E EU JÁ NÃO SABIA MAIS QUE ME DIZER! FOI ENTÃO QUE ME SURTIU A GRANDE IDEIA: "SE NÓS TEMOS MUITOS POLÍCIAS PODEMOS É EXPORTAR!" - DISSE, PENSANDO ALTO!



"ELES NA C.E.E. TAMBÉM DEVEM TER POSTES E CANDEIEIROS PARA SE ENCOSTAREM, VOCÊS SÓ PRECISAVAM DE UMA RECICLAGEM!" - CONTINUEI EU, JÁ ENTUSIASMADO! O JOÃO HESITAVA, MAS LÁ NO FUNDO JÁ SORVIA O AROMA DA C.E.E!



AFINAL A GENTE NÃO TINHA SÓ CONSERVAS, TÊXTEIS, CALÇADO E VINHO PARA EXPORTAR, TAMBÉM TINHA POLÍCIAS!



AGORA ERA SÓ REDIGIR O DOSSIER POLÍCIAS, E MANDAR ALGUNS FAZER A DIETA DE ENTRADA NA C.E.E., QUE HÁ MÁXIMOS DE BARRIGA A CUMPRIR! E O JOÃO JÁ A ENCOLHER O QUE TINHA POR BAIXO DA CAMISA E O CINTO MENOS UM FURTO EM ESFORÇO DE ADESÃO!

Quando um terrorismo esconde outro

Continuação da pag. 3

tomada de réfens, o assassínio, há toda uma série de «atentados, complots e outras infracções contra a autoridade do Estado e a integridade do território nacional» tais como os «crimes que tendem a perturbar o Estado através do massacre e da devastação». A justiça não está pois sem defesas e a tarefa da Polícia não é diferente da que tem que levar a efeito com a criminalidade de direito comum: procurar e dominar, para os entregar à justiça, os presumíveis autores desses actos.

Resta então, e é esse o ponto delicado, a questão política.

Ao contrário das ditaduras, a democracia reconhece a legitimidade do conflito, e preconiza processos de confrontação que proscrevem o recurso

à violência. Se não há democracia ideal há, no entanto, as democracias e os outros regimes.

Nas democracias, o terrorismo é visto como uma denegação. A democracia sente-se ridicularizada, e é por isso que a perturbação é maior depois de um assassinio cometido por terroristas — que o reivindicam — do que depois de qualquer outra morte violenta. O terrorismo é sentido como uma agressão insuportável.

Não basta, no entanto, estigmatizar. É necessariamente precisa uma forma de resposta política, e a resposta da democracia não pode conceber-se fora da reafirmação dos valores democráticos. Ela não pode ser dirigida por alguns excitados com saudades do poder de força e que, no fundo, também sonham subvertê-

la.

A democracia também implica que se reaja com a inteligência e não com o sangue. Como dominar aquilo que não se conhece? Que significa o terrorismo aqui, ali? «Porquê, de novo, a Fracção do exército vermelho? não é a mesma pergunta que «Porquê a Fracção exército vermelho em 1975?»

O terrorismo europeu de hoje parece ser feito por grupos extremamente restritos. Apesar da sua pretensão, a sua violência não pode ser assimilada à resistência que se opõe a uma ditadura, nem à luta de um povo contra uma ocupação estrangeira. Sob este ponto de vista a Alemanha Federal tem razão ao recusar aos detidos da Fracção exército vermelho o estatuto de prisioneiros de guerra que eles reivindicam há anos. Iso-

lados, estes grupos são-lo-ão mais ainda, e votados à impotência, se as democracias se revelam sólidas nos seus princípios, se não cedem à chantagem, a nenhuma chantagem; se não se abandonam à vertigem que os terroristas procuram dar-lhes por um lado, e à sua negra réplica, por outro.

É não fazendo concessões nestes princípios que a democracia pode sair reforçada. Os terroristas estariam então verdadeiramente sós e deporiam decerto as armas. Para se defender não teriam mais do que os seus advogados. Mas é esse o seu direito, intangível. E, em qualquer hipótese, os direitos das pessoas sujeitas a julgamento devem ser respeitados, defendidos se necessário. É nisto que se reconhece a força das democracias.

MENSAGENS PESSOAIS

Jornal da BD

Vendo onze primeiros volumes muito bem encadernados mais três por encadernar, tudo em estado supernovo, por cinco mil escudos (preço das capas e encadernador). Contactar tel. 786072, das 19 às 20 horas.

Baby Sitters

Tomo conta de crianças à noite. Vou a casa. Sou Educadora de Infância. Tel. 660204.

Grande Dicionário

Vendo «Grande Dicionário de Língua Portuguesa», de José Pedro Machado, 12 volumes, novo, preço 12 000 esc., tel. 675002.

Citroen Ami 6, 1970

Citroen Ami 6, 1970, vendo 60 contos. Tel. 2047818.

Casa de campo em ruínas

Casa de campo em ruínas, no concelho de Arganil, pela melhor oferta. T: 363773 de Lisboa — D.ª Gina.

Actores/Figurantes (Cinema)

Enviem fotos cores, corpo inteiro com informações (línguas, experiência, desportos). Qualquer idade. Rua Padre Francisco, 18 r/c Dt.º 1300 Lisboa. Já!

Capa Fiat 127

Vendo, com muito pouco uso. Contactar Tel. 9260454, das 9 às 12h ou depois das 19 horas.

Emblemas

«Pretendo trocar emblemas de partidos políticos, bases de copos e autocolantes ou cartazes sobre protecção do meio ambiente. Luís Oliveira, Rua Luís Sommer, 23, 2330 Entroncamento»

Excursão a Monsaraz

Visita cultural e convívio no próximo dia 23 de Março, levada a efeito pela cooperativa PLATAFORMA e pelo clube cultural PROJECTO-CONVITE. Passagem por Évora e regresso por Vila Viçosa, Estremoz e Arraiolos. Os interessados devem escrever para o Apartado 1332, 1009 LISBOA CODEX, indicando forma de contacto rápido, preferência telefone.

Regulamento

Cada leitor poderá enviar-nos, até à quarta-feira de cada semana, as suas «mensagens pessoais», que o Sete Ponto Sete publicará gratuitamente na edição seguinte. Cada mensagem não deve ter mais de 60 palavras (incluindo a identificação), e nem o Sete Ponto Sete nem o «Diário de Lisboa» podem ser os destinatários das respostas, quer dizer: cada mensagem deve mencionar a morada ou telefone do seu autor. Dactilografe ou redija muito legivelmente o seu texto, e envie-o para «Mensagens Pessoais», Sete Ponto Sete, «DL», Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA.

Responsável de edição, João Mendes

Correspondência, Diário de Lisboa, /Sete Ponto Sete, Rua Luz Soriano, 44, 1200 LISBOA